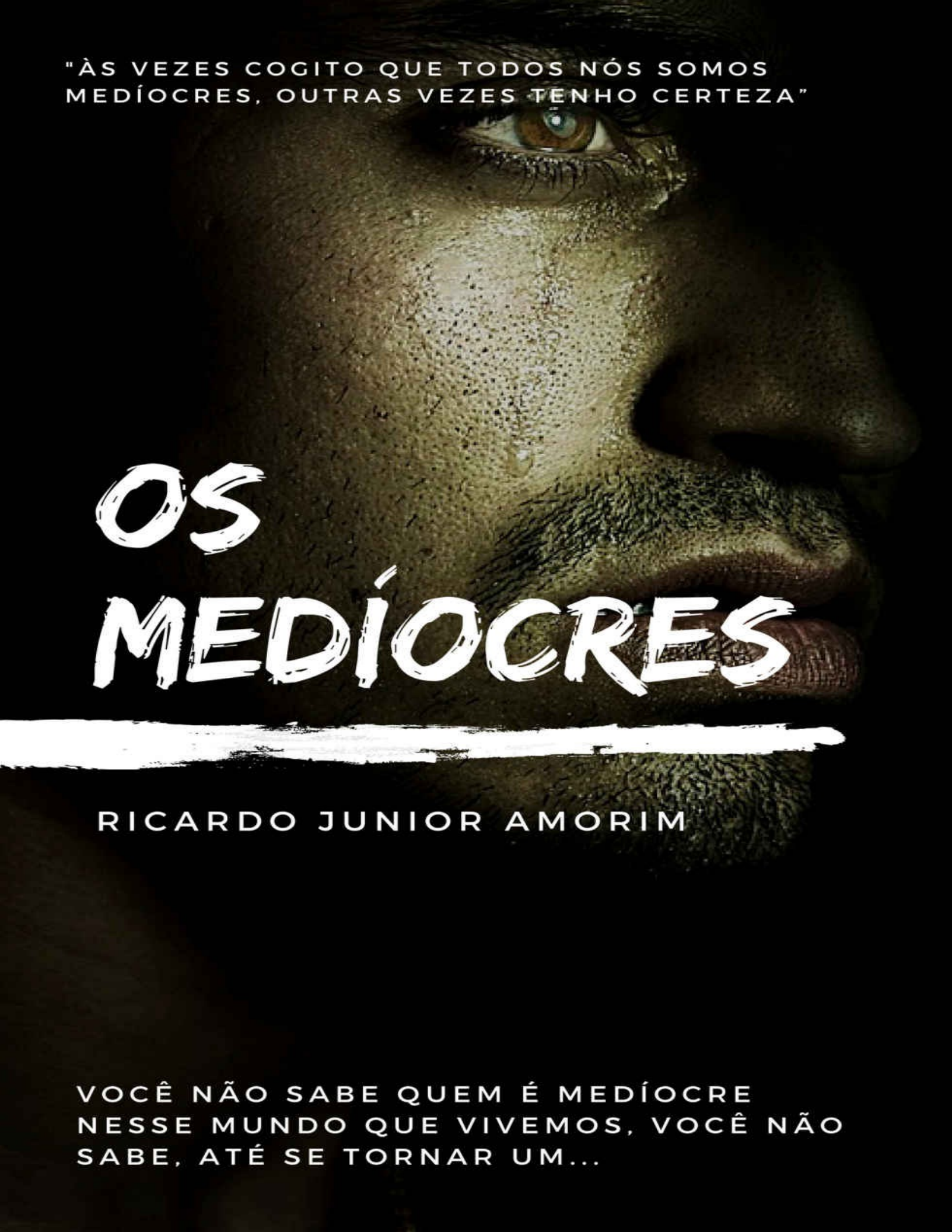




"ÀS VEZES COGITO QUE TODOS NÓS SOMOS
MEDÍOCRES, OUTRAS VEZES TENHO CERTEZA"

OS MEDÍOCRES

RICARDO JUNIOR AMORIM

VOCÊ NÃO SABE QUEM É MEDÍOCRE
NESSE MUNDO QUE VIVEMOS, VOCÊ NÃO
SABE, ATÉ SE TORNAR UM...



Os Mediócrs

Ricardo jr. De Amorim

09/08/2017

Um réu, um roubo, um latrocínio, um suicídio, duas irmãs mortas e um coração ferido. Até que ponto alguém agüentaria tal desgraça? Será que tudo isso seria por poder? Por dinheiro? Ou por simples estupidez humana? Prefiro acreditar que seja essa última, mas acreditar às vezes custa caro, muito caro...

Agradecer primeiro a Deus por ter me dado essa glória

Aos meus pais que sempre me apoiaram

Aos meus irmãos que sempre gozaram de mim e,

A todos meus familiares e colegas que sempre

Torceram por mim...

“Às vezes cogito que todos nós somos medíocres, outras vezes tenho certeza”

Os Mediócrs

“Dedico as míseras linhas deste manancial de palavrões aos diabos que me atentam, as ferrugens das grades que me cercam e, sobretudo – aos imbecis de boa índole que aqui me confinaram”...

Pagando pelos meus pecados?— não sei, mas não há lei neste país que tutele um ser negro, na verdade nem era negro, negro. Quando me via no espelho estava de frente com um sujeito cor de caramelo, pode dizer pardo se preferir, talvez sua época o defina assim.

Idem, em 1919 um negro como eu ainda era um negro e sofria da mesma maneira, se a escravidão fora abolida não me admoestaram. O motivo de estar neste calabouço ou estufilha polonesa se assim preferir item não me contaram, mas desconfio pelas conjunturas dos fatos perpassados nos tempos de outrora. Hoje me dão tão somente uma refeição por dia além de um café com pão seco lá pelas três da tarde o resto tenho que se virar às vezes destino parte do almoço para a janta, assim engano a fome e até mesmo ludibrio-me.

Um marmitex pequeno da qual um cão passaria fome se o tivesse, entretanto renegá-lo seria estupidez de minha parte — melhor tê-lo do que não o tê-lo. Sem visitas, sem amparo, não me deram direito a nada a não ser uma cela vazia que mensuro dois por quatro metros da qual ainda dividi-lo-ia com ratos, baratas e outros seres mais imundos, porem não tão quanto eu.

— Damastor! Gritava os soldados que resguardavam o cubículo, prontamente respondia, quisera eles confirmar-me a presença. Entrementes se tu achas que estou mal não sabes tu que de antemão sucedeu piormente.

Regressemos aos meus anos de glória, mas advirto não espere maravilhas desde que a vida de um orangotango-de-bornéu enxertado numa selva lograria por mais êxito que eu, Damastor.

Capítulo primeiro

Oriundo de negros, minha mãe possuía traços de brancos a pele clara e surrada pelo trabalho no campo, de sol a sol, enfrentava o que der e viera, a dificuldade extrema e, eu, minha irmã e minha outra irmã ainda passavam fome, não ganhava muito e do muito que tinha pouco restara, após meu pai da qual desconheço paradeiro e a pessoa, fostes embora antes mesmo de minha irmã mais nova nascer.

Dos miseráveis os mais miseráveis éramos nós e de nós o pior decerto meu pai, no qual me recuso chamá-lo assim, qualquer epíteto hediondo seria pouco para o desditoso. Via-me um infausto pequeno de cabelo pixaim, uma marca perspicaz dos vindouros africanos. Circunvalado de minhas irmãs Lisa e Lena Fontes, esta ultima a caçula, dividia mos nossos brinquedos feitos de pau, na verdade imaginávamos que uma vareta sobrepostas às demais era um grande brinquedo que valor muito o dava.

A situação calamitosa dói-a me a alma, ver-nos naquele jeito, mal vestido com trapinhos imundos remendados com panos diversos não foi fácil. Como não tinha pai, surtiu o desejo de assumir as responsabilidades e por ser o mais velho devê-lo-ia fazer. Aos setes anos ninguém empregava, mesmo sem nenhuma sentinela 1896 trabalho era disputado acirradamente. Fui obrigado a dar meus pulos, que de pulos entendia muito bem, as falcatruas desinibidas foi-se dádiva assinalada em toda minha misera vida. Nós que pouco tinha foi o bastante para aprender que com ricos pobres não tinha vez, quando falo vez e vez mesmo, procurei ajuda com muitos bem encapotados que transitavam pelas ruas, resultado – negaram-me e negaram-me!

Alguns ainda esmolavam pelas esquinas, mas ficar ali horas e horas

esperando algo incerto, que não advir é perda de tempo. Apesar das provações ia à escola, pelo menos até ser expulso, mas não era somente para comer, visto que a comida oferecida era comprada e como não tinha dinheiro estava perdido numa sala de charlatões grã-finos.

A não ser eu, todos levavam merenda trazida de casa, certas vezes alguns interrogavam por que não fazia o mesmo, antes que pudessem cogitar algo os repelia com destreza afirmando que a fome não me corrompia. Superava gozos e deboches e as a audácia dos soberbos, mas o que mais chamava atenção era a aula de história, o desembaraço dos índios em caçar e pescar com arcos, flechas e lança trazia-me a ilusão de poder ajudar minha família.

Ignorante, perguntava a professora como engendrava esses instrumentos, sabia das minhas tribulações e sem saber o porquê articulava passo a passo como fazer um belo apetrecho.

Aspirante a caçador

Não deu outra, sem demora cheguei a casa e com meu canivete sem destreza mais com plenitude fiz uns dos melhores arco e flecha, os índios agradeceriam se me tivesse entre eles como artesão.

Dei uma última olhada nas minhas queridas irmãs brincando no terreiro de casa, esta que por azar ainda situava-se bem longe da cidade, dali a escola eram um terço de hora a pé. A casa pequena mais o terreiro perdiam a vista, bem no fim uma mata cercada, da qual nunca entrei, mas estava na hora de descobrir as criaturas que por lá habitavam e esperar que o bom deus na caça sucedesse sorte.

Minha mãe ainda não tinha chegado do trabalho, fazia hora extra na casa da patroa como faxineira e como se não bastasse só a pagavam 20 réis por semana, uma semana dura surrupiada por míseros vinte réis. Não podia ficar parado, tinha por que tinha de agir, preparei minhas flechas que muito não era, as guardei num embornar feito de saco de estopa e as tracei nas costas e saí. Passei pelas cercas que cingia o matagal, receei entrar, mas a medíocre e infelicitada vida coagia-me. Quando assustei, estava dentro sem saber para onde ir, tive que pensar como caçador e sujeitei nos lugares mais ocultos.

Recordei que os nativos se camuflavam para capturar suas presas e no meio de tantas plantas e arvoredos foi fácil dissimular. Umas folhas de uns matos que nem sabia o nome tampei a cara e o que pode do corpo, infiltrei mais adentro, resolvi subir numas das arvores e esperar que alguma presa viesse à mira, mas...

Neste íterim, esperei incessantemente, um barulho no verde abaixo

de mim inquietou-me, fiquei atento, esperava por a mostra a cara para logo acertar-lhe. Por surpresa ou sorte da vítima, ela não veio, mais da mata saiu um menino como eu, era o Zebu, morava duas casa depois da minha, podia chamá-lo de vizinho mais não o tinha como amigo. As esperanças se esgotaram, se a esperança é a ultima que morre, a minha com certeza estava morta esperando a ressurreição. Não havia capturado nada e voltaria para casa de mãos vazias, a fome novamente dormiria ao meu lado e de minhas irmãs.

Não obstante, Zebu trazia nas mãos um utensílio que me chamou à atenção, eu com um grande arco e flecha na mão, enquanto ele com um pedaço pequeno de graveto afinado amarrado com um elástico, ainda não sabiam o que era ou podia ser, não abrir a boca e nem fiz um ruído sequer, espreitei-o durante o tempo que assim como eu caçava. Naquele momento apareceu uma rolinha e desceu até o chão para — sei lá o que ela queria fazer, mas estava ali no chão imóvel, então nesse momento Zebu colocou uma pedra no elástico o esticou e de imediato atirou, a rolinha caiu morta de repente.

Vi-me pasmo, como um objeto tão pequeno poderia surtir tanto efeito e provocar tantos danos. Lembrei-me de minha mãezinha que desde os primórdios ensinara para sempre ficar longe das armas, mas nunca sabia o que era até certo momento. Resolvi da às caras, aquilo me chamou tanta atenção que na pude recusar entendê-lo como um todo.

Zebu de fato assustou-se ao ver-me saindo da cafua, quis saber o que estava fazendo, retruquei dizendo:

— O mesmo que tu.

Fechou a cara e negou-me o direito de caçar naquele lugar afirmando

que somente ele podia, mas não era tão bobo, logo disse que não havia nada que me impedisse desde que era uma mata do governo.

Pedi que me mostrasse seu objeto e perguntei o nome daquela coisa misteriosa, não era uma arma como imaginei, mas um estilingue ou atiradeira coisa assim. Mostrou-me como fazia para atirar e desse modo o fiz, avistei um jacu na árvore uns três metros acima de mim e mandei brasa, o bicho caiu batendo a cabeça nos troncos, porém estava vivo ainda, mas não dei o direito de que escapasse.

Agradei ao senhor por aquele maná, desta vez tiraria a barriga da miséria. Após agarrar o jacu, Zebu pediu para testar meu arco e flecha, sem pestanejar consentir e enquanto ele procurava no que atirar, saí correndo dando pulos entre os matos, nada era capaz de me deter, quando reparou que eu fugia com sua atiradeira pôr-se em disparada atrás de mim, porém fui mais esperto, rápido talvez, agarrei uma pedra numa das mãos e armei a atiradeira, claro que não iria atacá-lo, queria exclusivamente dar-lhe um susto e fazê-lo desistir, mas ela disparou sem eu querer e o atingiu no rosto, caiu no meio do matagal chorando e aí foi minha deixa.

Para um aspirante há caçador meu dia terminou bem, com a caça e o caçador sobre os membros, tinha comida e uma arma super potente que fez me livrar do arco e flecha que já não era mais útil, apenas um supérfluo importuno.

Mais tarde

Mais tarde quando cheguei a casa, minha mãe ficou estupefata e sem demora queria que eu desse nota de tudo, expliquei que era o novo meio de arrumar comida caçar e pescar de natureza igual aos índios, para comprovar ainda mais citei um bordão da bíblia — Deus proverá, ele sempre proverá... Ele nos dá tudo que precisamos basta olhar ao redor e procurar.

Não sei se acreditou na conversa fiada, somente pegou o jacu e preparou numa sopa que até hoje me dá água na boca, pela primeira vez teve fartura, não precisamos disputar partículas miseras de restos. Todos estavam contentes, felizes, minhas irmãs e eu saciamos a fome pelo menos por um dia, jurei pra mim nunca mais deixar nada faltar.

Das vezes de dificuldades excomunguei todas, disse pra mim mesmo e prometi de pé juntos ao bom Deus que nunca deixaria nos faltar nada. Assomava às vezes que dividir-mos um ovo entre três e minha mãe poupava o estômago, por vezes fubá com água aquecido e ainda por cima sem sal foi o que muito tinha.

Mas tudo que é bom, dura pouco, alegria de pobre se esgota num instante. Ouvi os gritos no bater da porta — Dona Joaquina...

Decerto eram os pais de Zebu, corri até o quarto e escondi o estilingue num esconderijo secreto que era tão secreto que o descobrir naquele momento. Minha mãe atendeu e como se fosse um infortunado, descarregaram centelhas de conjuros sobre mim. Solicitaram a presença desse infausto, mas não receei em defrontá-los, interrogaram e acusaram demais muito mais do que próprio o fiz.

Sobre o olhar de minha mãe não poderia mentir, mas conheço bem a

República Federativa da qual pisava os pés, tinha conhecimento da nossa obsoleta constituição onde tinha por convicção que “todos são inocentes até que se prove o contrario”, não mentiria, mas neguei até o fim, sem provas sem veredito, fiquei ileso as imprecação que decaíram sobre mim e apesar de revistarem nada encontraram.

Confesso claro que, por um instante não entregara o jogo, não por medo, todavia o modo qual Zebu contou sua versão escalafobética sobre o acontecido, e também a mácula no rosto da pedrada que atirei me trazia gracejos sem que eu quisesse. Depois do mal entendido, os pais de Zebu saíram prometendo que faria outro pra ele, sua maior preocupação era a atiradeira, no entanto seu pai era lenhador seria fácil arrumar outro.

Minha mãe queria uma explicação definitiva, mas disse que dei uma pedrada sem querer, não estava em minhas intenções machucá-lo e, sobre a atiradeira desconhecia qualquer fato. Não acreditou, disso não tinha dúvida, mas engoliu seco, não havia motivos redundantes para criar confusões — concluí.

Um capítulo Inútil

Se o leitor fez em sua vida alguma coisa que depois se arrependeu, não foi o único, este escasso capítulo me fez ver o quanto somos inúteis até no pensar, se pensarmos bem antes de qualquer coisa ousar fazer certamente não o faria. Desnecessário, irrelevante e promíscuo dessa forma o classifico, poderia dizer mais, porém quero poupar as vistas do nosso leitor por isso vamos direto ao próximo capítulo.

Disputa por território

Depois das inquisições e das palmadas que devia, no entanto foram ameadas deitei mais tranqüilo, o sono pousara em meus olhos como se os deuses passassem por perto e aticasse seus feitiços em minha pessoa. Não tardei, o galo cantou na casa do vizinho, levantei desesperadamente, revirei o quarto peguei a atiradeira e direcionei aos arvoredos.

Joaquina que estava de pé quis saber o que estava aprontando – vou caçar... E saí sem mais nem menos...

O sol aparecia no horizonte iluminando todo aquele florestal os pássaros se punham a cantar, era um belo dia, uma bela manhã, nada poderia estragar meu dia a não ser...

Tufei a cara, outra vez Zebu e com uma nova atiradeira que, por circunstancia muito melhor que a minha, a inveja tomou conta, mas mostraria ao infeliz que sobressairia melhor na caça. Desta vez, disputamos lado a lado, confesso que não gostei e a marca na sua cara que muito me chamou atenção – quisera dar-lhe outra.

Conteve-me, não era certo brigar por um pedaço enorme que se medisse perderia as contas do tamanho da vastidão mesmo caso; se os índios com a chegada dos portugueses os enfrentassem antes mesmo de desembarcarem essa terra que eu piso hoje, teria quiçá, outro futuro onde quem sabe eu não pisaria. Foi notável aquela incisão que separava ambos, nossa diversidade de cultura, eu incauto e Zebu cauteloso, copiava seu movimentos numa teoria filosófica seria – aprendendo a conviver com o inimigo.

Nesse instante, apareceu sobre os galhos um bicho esquisito não sei

dizer o que era uma espécie de macaco talvez, armei para dismantelá-lo, Zebu me repreendeu, não via necessidades de destruir o pobre coitado, não era uma ameaça nem sequer uma comida, logo eu achava o contrário qualquer coisa que se mexesse e tivesse mais de vinte centímetros era um bom aperitivo. Ao contrário de nós, Zebu tinha uma boa vida seu pai trabalhava como lenhador para tal sujeito que não ousou dizer o nome e sua mãe dava faxina na casa de uma senhoria muito opulenta, ao mês tiravam juntos uns duzentos ou quatrocentos réis.

— Macaquinho salvou desta vez, aproveite a vida enquanto pode, não terá outra chance cogitava eu. Passaram algumas horas e ainda nada, estava cansado e com sede, Zebu foi mais adentro e pediu que o seguisse “inimigo do meu inimigo é meu amigo” fui bem atrás. Por conseguinte chegamos numa cachoeira, fiquei extasiado a belíssima divindade da mãe natureza, magnífica e deslumbrante; as águas límpidas viam-se o chão pela cintiles, bebi muita, muita mesmo, minha mão servia-se de copo.

Como não bastasse o menino pulou na água e saiu a nado, gritou para que o acompanhasse — negativo! Não entraria por mil raios caindo sobre a terra, já diz o ditado “galinha que acompanha pato morre afogado”, não sabia nadar o jeito foi pegar água e jogar contra meu corpo, mas insistiu e até me ensinou, quem no começo não fazia questão de aprender, noutra ocasião até faria, ele explicou-me a necessidade e mil motivos para sair dando braçada contra a água. O jeito pelo qual flutuava na água roubava-me a atenção que por fim, quis e deixei que me ensinasse.

Teve medo no início, o frio da água no corpo o vento que soprava causava arrepios, mas depois de inúmeras tentativas obtive êxito, já sabia nadar como um cachorro. Após de a água sair e enxertado de felicidade caminhei até Zebu e pedi-lhe desculpas pelo dia anterior, decerto foi o mais

perto que fiquei do céu, a coisa certa a se fazer. Não se importou – vamos esquecer o dia de ontem, dizia ele.

Voltamos ao encalço estava convicto que seguidamente teríamos mais sorte, não demorou muito, um grupo de jacus se repousara bem no pé de goiabeira, iriam de galho em galho apanhando goiabas e jogando os destroços no chão, mirei um e Zebu outro, esperamos e... Contamos até três juntos... Não deu outra os dois caíram descoroçados pela pedrada certa, os outros montes do grupo saíram voando.

Glória a Deus teria novamente o pão de cada dia, satisfeito e contente assim estava, peguei-o pelo pescoço e fui levando para casa, não quisera mais que um, usava apenas o necessário, igualmente, como os índios. Vi-me distanciando de Zebu que tomou outro caminho distante do meu, meu inimigo ou amigo talvez, quem sabe, enquanto precisar dele vou tolerando, quando não mais...

Noite Feliz

Não! Não é isso que você está pensando caro leitor, não é natal ou solenidade do gênero, somente uma família faminta penhorando as boas novas. Mais uma noite de festividade, atacávamos as viandas como animais desvairados o tempero de minha mãe divino. Jubiloso, minhas irmãs trocavam a orexia pela profusão, não se encontrava mais duas meninas desnutridas e sucumbidas pelo cansaço, mais fortes e consideráveis.

Perpetuaram-se três anos consecutivos desta maneira, caçava todos os dias, carne não faltara à mesa sequer um dia sempre com diversidade: coelho assado, sopa com carne de jacu, rolinhas, pombas e etc.

Sempre a comida da janta sobrava e as guardávamos para comê-las no almoço esperando a caça do dia seguinte para ser servida na janta. Sempre à tarde quando se aproximava da noite saboreávamos aquelas delícias, mais do mesmo, uma noite feliz e sempre mais noites, noites sempre feliz.

Recaídas

Na idade de dez anos, cansado de reviver a mesma monotonia procurei por outros rumos — não! Não pense que abandonei minha família, pelo contrário queria dar um jeito de elevar nossas condições. No entanto, não havia trabalhos que me cabia, cortar lenha é um serviço pesado, servente de pedreiro não me animava, a indústria estava em avanços e escravizava o sujeito doze ou treze horas por dia, trabalhar parecia ir de encontro à morte.

Mas, antes que eu fosse ela veio ao meu encontro. Minha mãezinha adoeceu e ficou bom tempo sem trabalhar, não tinha como comprar medicamentos, os médicos não atendiam de graça, a não ser uns remédios caseiros, feitos de algumas ervas que colocando fé mesmo assim, minha

mãezinha faleceu — tuberculose, pneumonia! Não tinha idéia, porém a pobre coitada não teve direito a um sepultamento digno sequer. Tirara-nos o direito de velar nossa própria mãe, dona Joaquina pobre miserável, hoje o pó dos ossos deve mesclar com o do caixão, mas na época a levaram para longe, não sei direito o que fizeram, disseram-nos que seu corpo foi doado para uma universidade para ser objeto de estudo, precisariam descobrir qual a doença e desencadear uma cura, muito suspeito, de minha parte acredito que a roubaram e a venderam para uso de suas peças em faculdades.

Sem funeral minhas irmãs e eu choramos a deriva, não tínhamos ninguém, se sou pai, mãe não sabia, não obsta tinha que me virar. Neste ínterim, fazia tempo que a escola não comparecia, o estudo não me motivava as conjecturas de futuro não me ludibriava. Lisa fez-se mãe, eu pai da pobre Lena, a diferença de idade pouca entre nós; dez eu, nove lisa e Lena estava por completar sete.

Alguns meses passaram-se e foi se tornando mais difícil, não tinha como sustentar aquela família, agora sem emprego (esse nunca tivesse) e sem caçar iria me virando, das coisas que as outras pessoas não precisavam tomava-me posse, sem que percebessem.

Um furto aqui outro ali, fui provendo minha casa. Desconhecido pela sociedade, porém afamado por ser o ladrão da noite, tocava terror, mas aquela vida bastarda trazia desânimo, as recaídas eram fatais sentia-me um miserável, bastardo, não por roubar, e sim por roubar pouco, que não me assegurava nenhuma tranquilidade.

O mais miserável dos homens

Deste capítulo que contarei envergonho-me, sempre que lembro uma angústia traspassa meu peito, uma falta de ar me tortura se morresse com ela rancor não guardaria, por merecimento submeteria a qualquer penalidade.

O revés da medíocre vida, transtornos trazia-me que, sem poder abandoná-las e partir viam-me preso como um canário na gaiola. Outro ser que eu não o fosse, quiçá aceitaria de boa, uma casa decerto ordinária, com uma esposa e uma suposta filha seria um excelente começo para qualquer um, todavia não pra mim.

Com a chegada de um estranho mercador na cidade, um desses andarilhos que vão de cidades em cidades vendendo produto, fazendo barganhas e outros, percebi a chance certa e fiz leitor, aquilo que nenhum homem nesta terra não fizera. A abjeta barganha, mais emporcalhada que a lama onde deitara os porcos permutou minhas queridas irmãs por asquerosos duzentos réis.

Está-se me desprezando e esconjurando minha vivencia, não tiro suas razões, por está trancado neste cubículo também sei que não mereço cada ferrugem que corrói essas grades. Ao ponto que cheguei qualquer que fizesse o mesmo que fiz mereceria a morte, mesmo eu o condenaria, entretanto fui condenado antes de julgar.

Lá se foram arrastadas pelo mercante dobraram a esquina e sumiram não as deixei que me vice a vergonha da barbárie que cometi me impeliu. Não deixo esquecer, os gritos de ambas chamando pelo meu nome, ainda mais de Lisa da qual mais era apegado. Sabiam-se da barganha? Não, se tiveram conhecimento sobre a permuta foi tempos depois eu acho. O que

mais intriga é agora com duzentos réis nas mãos não parecia tanto dinheiro assim, em pouco tempo extinguiu. Sem pais e sem irmãs, sozinho encontrava-me, as roupas delas no canto guardado de uma caixa, não tínhamos outro lugar melhor para guardar, me batia uma saudade vê-las ali sem alguém para usá-las.

Passaram três semanas e já não comia a fome batia, sentava-se comigo a mesa, mas não via ânimo, comungava junta. O mais incrédulo o espúrio maligno de toda horda, assim era minha vida de agora em diante. Quando pensava no que fiz sentia uma flecha venenosa transpor o peito, meu pai já não era mais o carrasco, não era tão vil quanto eu.

Como pude fazer isso? Pensava comigo mesmo, não havia explicação para aquilo que fiz, a casa funesta parecia falar comigo:

— Crápula, patife, canalha...

As insônias fizeram ver coisas, coisas esta que eu mesmo duvidava, abençoei-me com o sinal da cruz — vai de retro satã!

Expulsava os demônios que ousasse flagelar, queriam por que queriam enlouquecer-me, fui forte até o fim. Não deixei as ponderações insanas afligir.

Remição

Dados um mês e meio de sua partida, já estava magro, magro o bastante desnutrido se dessa forma melhor entender, a orexia de minhas irmãs decaía sobre mim, mas não exasperava o castigo por Deus a mim atribuído era um fardo da qual fazia jus.

Certa noite sentindo inconsolado pela nefasta sutil saudade, deitei-me no quarto da ex-mãezinha aonde procurei consolo, mesmo sem ser digno. A cama velha ainda arrumadinha, as meninas todos os dias a aprontava na espera que dona Joaquina deita-se ali pela última vez, perante a cabeceira da cama um terço — sim um terço! Desse que se reza para Deus, o coloquei entre as mãos e fiz um pedido, depois o joguei no pescoço na intenção de afastar de mim os males que ali acomodava.

Noutro dia bem ao amanhecer o galo cantou, não é nenhuma novidade todos os galos catam ao amanhecer, disso não tenho dúvida, exceto quando catam antes da meia noite e por incrível que pareça três vezes. Arrepie ao lembrar-se do ocorrido, sinal divino será? Não cogitei que não, Deus uma hora dessas deve estar bem longe de mim, é um descrédito ter-me como filho. Deixei de lado aquela inquietação, mas não deixei de achar estranho.

Horas mais tarde o único relógio da casa quando observei estava marcando doze horas, mas apercebi que não era meio dia e sim meia noite, momento exato em que o galo cantou e o relógio parou. Assustado eu? Não que isso, estava apavorado que os olhos arregalados saltavam-me as vistas, a pele negra ficou clara de tanta palidez, alguém estava querendo tirar sarro de mim — pensei.

Parecia um sinal, talvez o fosse, mas sinal de quê, sobre o que? Não

tinha religião, alguma credence até poderia, mas...

Estava frio, não entendia o que queria dizer tudo aquilo ou se somente era pura coincidência. Apartei-se das ilusões e parei de refletir sobre aquilo, porém sempre que olhava o relógio, logo vinha à cabeça novamente, decerto se não olhasse não me encabularia, o relógio localizava-se na cozinha, então sempre que ali passasse o veria, até que o atirei pela janela e dei fim à reflexão.

O medo nos toma de tal forma que a noite foi impossível pregar os olhos, eu tentei, mas de nada adiantou, não conseguia dormir. A mixórdia da casa parecia estar ali minhas meninas deixando limpo cada canto, a miragem martirizava-me. Não sei se suportaria outras noites, cada vez mais atroz, sem nada de comer meu dinheiro esgotara há muito tempo, sobrevivia comendo resto dos outros ou do que pudesse roubar nas feiras.

Após muitas tentativas e bem tarde da noite conseguir tirar um cochilo, lembro de um sonho que como se alguém ou alguma coisa me falasse, uma voz grossa saindo de uma luz branca tão frenética que me ocultava às vistas, a voz tenebrosa pedia — vá , vá, vá... Na tolice perguntava pra onde, mas nada tornou a dizer, acordei com susto o sol clareava meu rosto, tardei a levantar — flexionei.

Mesmo que perscrutasse não obtinha explicação evidente para notável devaneio, deliberei umas voltas no ar puro fora de casa, por onde passava sentia uma presença incessante, uma voz fosca distante coagindo-me. A todo custo forçava-me a ir, mas aonde, dizia eu sem obter respostas, foi quando passou zebu com sua nova irmãzinha que nasceu há poucos dias.

Estava decidido, iria atrás das minhas irmãs e as traria de volta mesmo que me custasse à vida, sentir a presença sempre mais vigorosa, o

perdão dos céus me viera, alguém estava do meu lado assim cogitava.

Pra onde vou

Para começar as buscas voltei ao lugar onde as tinha vendido, por azar do destino aquele miserável que as levou havia zarpado dali três semanas atrás. Foi o momento mais difícil de minha funesta vida, nunca mais as veria e por ambição de parte minha por cima, mas outro sinal do céu alguém mandara, tinha um anjo lá que com certeza de mim gostava, surgiu uma senhora que morava aos arredores e pressentiu minha aflição e em seguida aliviou-me apontando o rumo que o mercador tomara.

Era uma estrada de terra perniciososa e imensa que daria em Barra Mansa um município do Rio de Janeiro, umas três semanas de noites e dias a pé, só de pensar extenuava, mas era preciso e como já havia dito faria de tudo mesmo que a vida custasse mais as encontraria.

A senhora apercebeu que nada tinha e propôs:

— Em troca de um obséquio ajudar-lhe-ei com o pouco que tenho.

— Favor! Que favor? Sem mais demora topei, não me explicou o que tinha que fazer e nem como ajudaria, mas não tinha nada a meu favor era pegar ou largar.

Pedi que lhe acompanhasse e fui, chegamos a sua casa e mandou que resguardasse um bocado de lenha pra ela, assim sucedeu isso me custaram duas horas de trabalho pesado — acabei! Pensava comigo, porém sempre que terminara me mandava para outros e outros, a tarde inteira, a camisa velha, rasgada, suja e suada que o suor escorria por todo o corpo, antes tivesse metido uma fita.

No fim do dia veio a última tarefa até fácil para quem tivesse alguma

prática, tive que capinar todo seu quintal, quando finalizei pediu que a sua casa entrasse, deu-me direito a um banho e roupas limpas, estavam prontas e até elegante para a ocasião, aquelas roupas caíram-me muito bem. Agradeceu pelo que fiz e levou-me até no fundo do quintal debaixo de uma figueira onde estava amarrado um burro velho, apontou-me e disse — agora é seu, vai lhe adiantar a viagem.

Estranho, muito estranho, um burro! O que faria eu com um burro, seria outro fardo que carregaria, em seguida acalmei-me, depois do espanto notei e apercebi que a intenção era boa, ajudaria muito, agora apenas uma noite de viagem e lá estava.

Não havia cela, coloquei um pano no lombo do animal e despedir da senhora, pela primeira vez tinha trabalhado e muito duro. Comecei agora minha jornada, se acaso viajasse a noite inteira, adiantaria um bom percurso, no entanto o burro velho não agüentaria o tranco, certas paradas deveria fazer para não judiar do pobre e o sono também me tomaria e a escuridão não deixaria galopar.

Sem um tostão no bolso direcionei para o Rio de Janeiro, chegaria a Barra Mansa se tudo desse certo. Após algumas horas de galope já exausto, as nádegas ardiam pela ausência da sela, parei a beira da estrada, o breu consumia tudo somente o brilho da lua clareava a vastidão. Por perto tinha um lago onde o burrico matou a sede é eu também, os panos que serviam de cela agora prestavam para forrar o lugar de deitar, ali mesmo com o brilho das estrelas e a agitação dos seres noturnos repousei, quanto isso o asno pastava na vegetação.

Juscelino

Não havia amanhecido quando despertei, a noite ainda cobria as estradas por mais um pouco de tempo talvez, o burrico também descansava, velho daquele jeito e muito tempo parado não agüentaria decerto extenuado se encontrara, mesmo eu sendo bem magrela. Mas não receei, acordei o velho e partimos sem demora, fazíamos uma bela dupla eu e ele, apesar de excomungá-lo no começo, averigüei que; de todas as formas de pagamento aquela é a que mais valia.

Para demonstrar o tamanho de nossa amizade até o nomeei-lo de agora em diante era Juscelino, eu e Juscelino por essa imensidão sem fim. Cavalgamos mais uma hora e meia o sol nos tocou dando vida a toda plenitude natural daquele lugar. Se por um lado fiz algo abusivo, por outro, condutas como doravante fazer dar-se-ia a anistia. Não sou santo, nunca fui, nem o direi que o seria, por outro lado, não vejo alguém que nunca cometeu algum equívoco e arrependeu-se em seguida.

Assomando as horas de saída com a que percorremos diria que não longe estava talvez mais duas horas e Barra Mansa estivesse se não fosse por uma pedra no caminho. Não! Não que redigisse aqui algum poema que fosse um supérfluo a esse caráter, não obsta havia uma pedra na qual Juscelino resvalou às patas dianteiras acarretando num demasiado trambolhão. Esqueçamos esse “*consuetudo*”, pouco importava o tamanho ou a maneira que procedeu, o que tinha relevância é o estado do meu bicho que, por azar dos desventurados ou por minhas próprias palavras por contar vitória antes da hora, vi-me perante um burrico com a pata dianteira direita quebrada.

Nem se quisesse nada poderia fazer a não ser deixá-lo ali, prestadio

me foi, mas d'aquele jeito não ajudaria em nada, constrangia-me vê-lo arrebatado dessa forma, para não abandoná-lo e deixá-lo a deriva até que por fim a morte o sucumbisse, matá-lo-ei iria.

— Cruel eu? Negativo, ter misericórdia e o deixá-lo somente tardaria o sofrimento, fiz o que muitos não teriam coragem de efetivar. Procurei aos arredores uma forma de dar fim ao seu martírio, um pedaço de pau me serviu muito bem, caminhei por detrás do bichano, tive medo que me olhasse de frente e seu rosto funesto de misericórdia constringisse e me mudasse de idéia. Mirei bem na cabeça seria fácil, embora tivesse feito aquilo com outros animais por um bom tempo, o fardo agonizante da traição me acabrunhava.

Uns instantes após estava consumado, o barulho da batida — plaf...

Interrompido por um som infernal de aves que se amotinavam aos arrabaldes, urubus já o espreitava agora esperando minha deixa para saciar-se a fome, dois famintos eles e eu, mas devorá-lo não seria um estigma, seria uma chaga que carregaria comigo pelo fim de toda mísera vida. Dei o último dos adeuses e fui retirando, nesta hora os animais se aproximaram e como suspeitava que o fizesse dizimaram o velho burro, minha única herança que não deixaria para mais ninguém.

Barra Mansa

Transcorreram umas duas horas desde quando o deixei lá, imaginei como poderia estar, mas não poderia voltar para vê-lo fui em frente; extenuando pelo cansaço, as pernas ardiam de tanto perambular e o sol que já estava mudando de posição indicava-me um meio dia. Até que enfim, uma placa celebre no fim da estrada explanava o nome da cidade – Barra Mansa!

Admirado, perplexo e extasiado, assim me sentia vangloriado pelo trajeto consumado já tinha feito metade do que deveria fazer por resto me incumbirá de encontrar o mercante vil e resgatar minhas pobres irmãs. Caí de joelhos espreitando aquela cidadela, não muito grande se averiguasse trazia a mente minha terra natal Curitiba, tantas léguas percorridas e quando usufruir poderia de toda proeza Juscelino partira.

Triste fim, mas não poderia pestanejar nem reclamar tinha uma missão a ser cumprida e que faria com êxito se o bom Deus assim permitisse. Infiltrei, fui desvendando a magnífica cidade, não sabia o nome e nem por quem procurar, porém não era difícil procurar um vendedor bastava andar pelas ruas observando os mercados no interesse de algo comprar.

Pelas ruas da cidade aquela gente esquisita olhava-me sem um pinga de pena, tinha medo por mim, parecia. Num canto da rua jogado numa calçada um velho senhor, outro miserável item a mim e meu pai, examinei-o e vi que cego era, com uma cuia de esmola pedia a todos que perambulava:

— Uma moeda para o velho cego, por favor!

Balançava a cuia e sentia as moedas se colidir e veio à maldita idéia de enganar o pobre coitado, sem reverência apanhei umas pedrinhas e para o infortunado pedir que estenda a cuia, logo em seguida troquei suas moedas

pelas minhas pedras, troca justa, ele não precisaria o tanto quanto eu o precisava, fugi em disparada o desgraçado nem percebeu, quando o fez já era tarde iria longe, mas não deixei de ouvir suas juras de maldições sobre mim.

No somatório da quantia que me foi dado dava uns oitenta réis, assustei é claro, um mendigo ganhava bem mais que minha mãe somente pedindo na rua, quatro moedas de vinte réis na cunhagem de bronze estava escrito "*Vintém Poupado, Vintém Ganho*", com nuances de gracejo rir sem querer, o indigente que nada tinha pedira e por cima economizava, enquanto outro mais paupérrimo ainda o tirava o que por custos conseguiu.

Doravante prometi nunca mais aquilo fazer, mas jurar pra amanhã é pior que não tentar hoje, das dívidas com Deus eu acrescentei mais uma, se o senhor tratasse de receber estava mais quebrado que o pobre mendigo. Dei glórias ao onipotente e pedir que me acompanhasse, a busca tornava-se mais fácil agora com dinheiro poderia entrar em qualquer mercadejo, de tanto andar deu-me sede e um copo d'água servira-me num bazar, mesmo sendo inacreditável tive que pagar por ele

Os objetos, os panos e tudo mais a atenção me tirava, queriam usufruir da cada tecido, no entanto a quantia era pouca e logo extinguiria se muito gastasse. Foquei no objetivo e continuei com o disfarce, depois de muitas andanças encontrei com o charlatão numa espécie de casa noturna, minhas irmãs estavam ambas ali servindo aqueles homens e mulheres ébrios, o filho da mãe me enganou e ainda acreditei, mas...

Jurei vingança mesmo se fosse a última coisa que fizesse, daria fim na sua vida mesmo que fosse a última de minhas falcatruas. Em seguida entrei e sentei-me numa das cadeiras, as garçonetes prestaram a servir-me, minhas irmãs até aquele instante ainda não me havia reconhecido, fiquei ali somente tomando uma bebida um belo vinho cortês, na minha idade de onze a doze

anos não repreenderam a bebida. O assédio as minhas irmãs foi constante aqueles homens famintos com voracidade de leões sedentos por sexo.

Não conseguia me conter a obsessão deles engendrava um monstro dentro de mim, me conteve , relaxei e aos poucos fui tranquilizando-me. Esperei o momento certo e fiquei a espreitar de longe, por último acenei para a mocinha, me olhou assustada decerto achara que fosse mais um daqueles imbecis a desejando, porém fez minha vontade veio me servir, foi quando me conheceu e branca como neve ficou. Pedir que não dissesse nada ficasse tranqüilo e dei um bilhete que nele dizia:

“Não deixe que a escuridão o sono a arrebatam, estarei aqui para levá-las para casa, peço minhas sinceras desculpas e não durma por nada”...

Caminhou para o banheiro após lê e relê saiu dissimuladamente como se nada acontecido houvesse, se dispôs a servir os fregueses e agradar os convidados com danças e gestos libidinosos com fazia durante os dias que ali permanecia. Não havia mais vergonha, depois que monotonia se torna nada o incomoda. Lisa ficou atenta aos movimentos do irmão, mesmo com raiva por saber que ele as vendera ele também seria sua única esperança, — confiar no inimigo vê se pode? Mas não fez muita questão em refletir sobre isso, se voltou foi por que se arrependeu, conclui.

A casa funcionava o dia todo e a noite só fechava a bodega depois da meia noite e de ver seus clientes satisfeitos, esperaria muito tempo diria. Ao cair da noite esperava no portão, eu Damastor sofria pelo arrependimento — se não tivesse feito, ali não estaria, mas a vida é assim errar para aprender e aprender com os erros. Que isso Damastor não fraqueje o que está feito está feito, agora precisamos de um plano para tirar elas dali, conversava com sua consciência.

Olhou aos arredores para ver se algo facilitaria sua fuga, todavia o breu cegava as vistas e a cidade adormecida nada tinha a oferecer:

— Barra Mansa tua infeliz o que fez de mim, o que fizeram contigo? Proferiu seco aos soluços molhados pela amargura da vida.

Não deu certo

Examinou todo território dos lugares adjacente até os mais remotos onde sua vista se perdia, arquitetou um plano que se certo desse estaria livre e voltaria para Curitiba somente para vender a velha choupana e debandar para Paris. Lena não sabia de todo esquema, nem sequer da presença de Damastor, porém a inquietação da irmã logo a importunou. Interessado pelo que não sabia foi colocar em dia as novidades e após estar à parte de tudo saiu disfarçadamente.

Ulteriormente fecharam-se as portas e ébrios os homens retirando foram-se, saciados e clamando cânticos de livros que o autor deste desconhece mal me lembra uns citavam Homero deslumbrados com a afoiteza e suavizes de Ulisses, despediram-se e rumos tomaram. O casarão escuro se perdia com o breu da noite insana, digo insana porque nem lua nem estrelas nada que pudesse clarear nossos caminhos naquele momento.

Todos ali foram deitar e eu um pouco distante vigilante a cada passo, toque ou movimento que alguém ousasse cometer, na igreja central o sino bateu anunciando duas da manhã, os olhos arregalados davam sinal que não caí no sono como suspeitei que o fizesse, no entanto não sei se o mesmo sucedeu com Lisa e Lena. Não sabia como agir de agora em diante precisava da colaboração delas para obter sucesso, até que por fim uma janela foi se abrindo levemente, sequer um ranger se fez, uma lanterna piscando era o sinal de sua deixa me propôs a ajudá-las que brevemente fora da casa estavam e bem preparadas, saíram com tudo que havia direito.

Pusemo-nos a correr mais rápido que podíamos sem ao menos olhar para trás, seguimos em frente tudo estava saindo de acordo com os

conformes, quando bem distante estávamos e cansados também, diminuímos os passos e sem perceber que alguém se aproximava fomos surpreendidos com o hipócrita comerciante e mais três comparsas.

— Tentando fugir rameiras ingratas?

A voz grossa demonstrava a cólera do imprestável, sem que respondesse ou direito as explicações tivessem, levaram-nos para casa e lá Lisa e Lena foram remetidas ao quarto enquanto eu fui chicoteado umas trinta vezes e depois atirados ao calabouço da casa antiga onde por cima havia porcos que doravante dividiria comigo a cama.

No outro dia

Prefiro poupar os ultrajes e as injúrias, mas quero que saiba que nosso reconhecimento não foi dos melhores, naquela noite ainda não havia me reconhecido pensou apenas que fosse algum espertinho querendo facilitar a fuga das meninas, quando foi ter-se comigo pela manhã se viu pasmo, mas não me contive e sem demonstrar medo e com imensa afoiteza clamei liberdade a ele, por mim e minhas irmãs, mas não consentiu e jurou-me a morte.

Damastor sentiu um inútil nem para fugir de umas simples casa velha bem sairia, após ouvir por várias vezes a verdade nua e crua sendo jogada na sua cara sempre que abria a boca para requisitar melhoria de vida a suas infortunadas irmãs, o mercante dizia o mesmo — porque não pensou nisso no momento que as vendeu? E rindo retirava-se para tratar de seus negócios.

Por outro lado as cortesias com Lisa e Lena foram de mal a pior; trabalhavam o dia inteiro e a tarde elas eram colocadas em meio à libertinagem, assim procedia sempre somando lucros ao capital do mercante.

No começo Damastor resmungava, gritava e tentava a todo custo sair daquele lugar, mas vãs tentativas geravam dúvidas em sua cabeça se aquele calabouço foi produzido com saída misteriosa. Depois de vários dias tentando e passando somente a pão velho e água e também logrando das lavagens atiradas aos porcos cansou de tentar e se viu derrotado pelas escórias da vida. Por um bom período de tempo demasiado pelas exceções quimeras de se ver longe dali vivia Damastor, enfraquecido, já não era o mesmo os restos não lhe fazia bem e sempre que comia no mesmo instante as jogava fora.

Lisa sabia do lugar onde apreenderam o garoto e como ela que ficou

encarregada de alimentar os porcos levava alimentos às escuras para saciar a fome do irmão. Procediam assim todos os dias, sempre que podia jogava ali uma maçã, pêra, uva ou qualquer outro tipo de frutas ou biscoito se tivesse, sempre na mesma monotonia, hoje assim, amanhã assim e no outro dia depois de amanhã também assim.

Relutar

Nos meus treze anos de glória, felicitado estava, conseguir sobreviver na masmorra um ano e meio e sem esperança alguma de fuga, — resgatar minhas irmãs? Nem em sonho vinha à cabeça precisava mais que elas agora me resgatassem. Durante esse período fiquei sabendo por parte de Lisa que Lena estava muito mal, uma moléstia a sucumbia, há dias se encontrava fraca, não aceitava nada de comer e mal conseguia ir ao banheiro.

Uma força estranha entorpeceu-me, sentir um frio ao ouvir sobre a situação atual de minha pequena irmã, decerto era com quem mais simpatizava não por ter certa preferência por uma mais que a outra, se fosse minha mãe também teria se precisasse escolher um favoritismo por Lena, creio que todos gostam dos mais novos por poder oferecer proteção nas horas incertas, sem poder dar-lhe segurança e confinado era mais um frívolo, tanto faz um isqueiro sem gás quanto eu sem liberdade.

O tempo foi passando e Lena cada vez pior; pálida, fraca e invalidada, doía-me a alma, o infeliz nem um doutor teve a audácia de chamar para avaliar seu estado, pelos boatos que obtive de Lisa deveria ser alguma infecção no trato urinário, semanas depois tive a notícia que ela morreu. Estava muito magra, disso sei por que o infortunado do mercante deixou ir ao quarto velar seu corpo por míseros instantes.

— Levem-no de volta para o calabouço, Fernando Freitas disse sem dor e sem pavor.

Foram arrastando-me, sempre olhava para trás tentando dá o último adeus a minha pequena, logo sumiu as vistas àquela face esbranquiçada, expirada como o vento, seus lábios rosados tinham agora a rochedo frio da

morte, mesmo aos prantos não deixei de dar meus gritos.

— Por que não fez nada, por que, por quê?

Apenas dava gracejos aos meus murmúrios coléricos, Fernando Freitas aquele mercante miserável, se esconjurava a existência de meu pai, depois a minha agora imprecava do maldito mercante.

Por um bom tempo resguardei luto em nome da pobre coitada, Lisa não veio me visitar durante umas duas semanas, suspeitei estar culpando a morte da finada irmã, não acabrunhei com aquele fardo, mesmo insuportável e reverenciado pela culpa desfiz da mesma enxertando na cuca que tudo isso é de autoria de Fernando, cujo nome jurou nunca esquecer até que fim na sua medíocre vida o desse.

Relutando em si, querendo esquecer as últimas imagens da finada, Damastor se via perdido, sem as quitandas trazidas pela irmã, disputava os restos com os porcos, nada mais o dava enjôo, matava a sede e a fome e para se esquentar nas noites mais álgidas se encostava aos bichanos.

Não a veria nunca mais e a obliteração de Lisa o importunou por dias, a desconfiança pelas incertezas da culpabilidade extinguiu, mesmo se o fosse, ou melhor, sendo, nunca o abandonaria assim o deixando para morrer, se assimilar casos assim o fizesse. Passou a noite acordado, sentia um mal estar, uma febre que não quisera desvanecer.

Brigando com as ideais teve como resolução após os somatórios das dúvidas alheias ficar a vigília e esperar o momento certo que a mulher que incumbiu de alimentar os suínos abri-se a porta do porão para interrogá-la sobre o desaparecimento da irmã. Com requintes esperou e esperou cauteloso sem que o sono o entrelaçasse e os olhos fechassem passou a noite e o dia a espreitar.

Quando o dia foi ficando mais claro e aproximando das dez horas uma mulher quiçá uns vinte anos abriu a porta do calabouço que me resguardava, sem pensar a gritei, tomou um susto a pobre coitada não sabia por que demônio ali me encontrava:

— Quem é você e o que faz preso aí? Perguntou ela.

— Sou Damastor e fui aprisionado aqui, você sabe por que banda anda minha irmã?

— Quem é sua irmã?

— Lisa!

— Não aqui não tem nenhuma Lisa, ao ouvir essas palavras Damastor lastimou a espada de Aquiles o traspassara a alma, viu o desdém exaurir suas últimas esperanças.

— Mas...

— Mas o que? Interrompeu a rameira.

— Ela se encontrava aí umas três semanas atrás?

— Três semanas atrás foi o dia que aqui cheguei quem sabe ela tenha ido embora.

— Não isso não...

— Por que não?

— Porque ela não veio para trabalhar por si própria, foi arrastada para cá, pior eu a vendi!

A mulher pasma pelas demais orações acrescidas por Damastor não pelo fato dele ter as vendido e nem pelo seu sumiço, mas em saber que por

trás do rosto generoso e fascinante de Fernando havia um coração defeituoso e malévolo, apercebeu que não poderia dar bandeira naquelas circunstâncias e propôs logo a dar o fora do local.

—Tenho que ir mais tarde nós nos comunicamos, eu irei procurar saber mais sobre sua irmã e se o que me contou for verdade me retirarei às escondidas e te livro dessa prisão também... Proferiu abaixando a tampa que fechava o porão prometendo retornar.

O tempo Parou

Inquietado pela demora, Damastor acabrunhava com os animais ao seu redor, o ronco infernal dos imundos infundia em sua moleira que tampando os ouvidos ainda sim os escutava. Não agüento mais isso, dizia em si sem que alguma coisa pudesse fazer, aquela mulher generosa e espertalhona seria sua cartada decisiva, restava-lhe esperar, mas... Nossa que demora, não posso ficar sem notícias...

O tempo parecia parar, nada que o distraísse a não ser o ronque, ronque dos suínos. Deitou a beira do cocho não dispôs a comer nada, esperaria notícias mesmo que viessem verbalizadas, epístolas, versos o que fosse. Por fim adormeceu, desta forma não veria o tempo passar e sutilmente rápido passaria, a insônia da noite se assomava o sono pesado do porcalhão em meio aos animais.

— Ah meu deus! O que é isso? Despertou com os suínos lambendo-lhe a face.

Mais tarde

Estava tarde o sol dava seu último brilho no horizonte silenciando o entardecer, ninguém veio, ninguém apareceu Damastor andava literalmente para lado e outro, aflito com as conjunturas dos fatos, tudo acontecia de repente que as idéias fugiam a cabeça, parou num canto e olhou para os animais que recostavam no chão deleitando do lugar escasso, sem motivos para felicidades alguma, no entanto ludibriavam-se como se o melhor fosse, o paraíso era ali.

Assentou-se na aresta da parede e pensou nos infortúnios que a funesta vida o presenteou, lembrou de seu pai – onde estará neste momento? – casado, demasiado de riquezas e deleitando com novas mulheres, terá ele outros filhos? O tempo afastado do mundo acarretava nas mais vis lembranças interessando até no que preferia esquecer. Sua pobre mãe também não fugiu da mente, recordava de suas feições o quanto trabalhou duro para criá-los, as frases bobas que dizia para fazê-los dormir, o sorriso que lhe encobria o rosto, a ausência de sua irmã que fazia companhia a mãe neste momento e, por fim, o desaparecimento de Lisa que gerava anarquias mefistofélicas nos seus neurônios percussores.

Tudo se perdeu ficava inconformado, como aceitar as provas, não sei se assim a defino, ou até mesmo pode assim defini-las:

— Jô suportou senhor! Eu não consigo mais, tenha misericórdia! Seus murmúrios eram ouvidos longe que por toda casa os convidados pediam explicação:

— Não se preocupem é só o vento assoprando pelas janelas, dizia uma das concubinas.

O coitado extenuado pelo enfastiamento não fomentava esperança, teve dúvidas, acreditou mais um pouco e deu por entregue – Ah não vem mais...

Não havia opção, sozinho se encontrara e se quisesse livrar-se do enclausuro deveria agir por si só, todos os planos para arquitetar uma escapada sumia no ar, quando não foragia o exorcizava pela sua ineficácia. Durante toda noite torturava seus pensamentos não desistiria até se ver em liberdade. A tão sonhada liberdade não veio, mas Felícia novamente voltou no dia seguinte com os alimentos dos bichos e juntamente com ela trouxe uma comida descente para o rapaz.

Felícia muito jovem uns dezenove anos diria, abandonada pelos pais começou sua vida prostituindo em esquinas, brigava com a fome em quarto de motéis, apesar das promiscuidades feita não lhe faltava, provida de escrúpulos, bem atenciosa com os detalhes mais perceptíveis, a pele clara com brilhantes olhos azuis a tornava a moça mais bonita e cobiçada pelos clientes.

— Qual nome da moça que me trouxe de comer?

Com gracejos e um olhar esplendente replicou:

— Meu nome é Felícia, não voltei ontem à tarde porque me proibiram com ameaças de morte se desse modo o fizesse.

— Ameaça de morte? Preocupou-se Damastor alguma coisa cheirava mal e não era o chiqueiro em que estava, nem as roupas velhas, rasgadas e sujas pela ausência de um banho.

— Tem notícias de minha irmã?

Acenou a cabeça com sinal de positivo.

— Fale-me Felícia, conte-me logo o que fizeram com minha irmãzinha.

— Preste atenção, eu não sei ao certo se é sua irmã, pelo que ouvir das outras mulheres uma menina foi dada como pagamento de dívida a um estrangeiro.

A notícia chocou Damastor, um trator agora derribava seu coração ao fundo do poço, aonde ninguém jamais chegou, esmurrava as paredes, culpava-se pelas inconformidades, lágrimas caíam ao chão.

— Mas por quê?

— Não sei e não posso mais ser vista aqui, quando puder voltarei, saiu abaixando a tampa do porão.

Um beco sem saída, uma irmã falecida, a mãe debaixo da terra e o pai a ver navios em mil mundos e agora uma irmã – sabe Deus lá onde?

— O que quer de mim Deus, o que? Dê-me uma luz? As blasfêmias se somavam na sua ascensão ao inferno, se um assassinato o atuante é condenado à prisão perpétua ou diretamente pena de morte, aquilo era pena para estuprador, político corrupto...

Se na noite anterior foi árdua esta seria de tormentas, demasias de infaustidades fariam companhias na noite mais dolorosa de sua vida. Não lembro bem como foi, dormiu aos prantos e soluços, às vezes uns suspiros secos rugiam a garganta.

Lisa

Capítulo I

Para não tardar nossa conversa caro leitor vou adiantar sobre nossa querida Lisa a sobrevivente das atribulações ocorridas nos algures anteriores. Após uma conversa entre Fernando Freitas e Jorge Augusto ficaram entendidos na dívida que Fernando acabara de quitar, com o saldo insuficiente a resolução para os problemas foi o direito pela menina, não vá pensando que Fernando Freitas a ofereceu pro boa índole, pois na verdade em seu integro não queria, pelo contrario Jorge Augusto um opulento negociador, dono de diversidades de terras e prédios na grande Paris, que foi atraído pelo charme da garota, mesmo usufruindo de roupas medíocres Lisa herdara toda fisionomia da mãe, olhos negros, pele da cor de café ao leite, cabelos encaracolados e longos e em seu amadurecimento lindos seios a destacavam entre as demais.

Posteriormente a uma cansativa e delonga conversa chegou a um acordo, Lisa foi dado para o senhor Augusto, para quitar as dívidas, não obstante Jorge Augusto deveria mandar um de suas servas para ocupar o lugar da menina, atentado pela beleza da mocinha dispôs da sua mais bela concubina Felícia que tinha por descendência bisavós alemães e cujas feições já foram aludidas.

Felícia decerto desconhecia a barganha somente foi destinada pelo seu senhor a trabalhar ali por um tempo, ludibriada com certos circunlóquios, Lisa, porém sabia da negociação e não fez cara de espanto, em seu interior um pouco de felicidade obtinha, teve remorsos ao abandonar o irmão, no entanto devido a circunstâncias o melhor a se fazer - mudo de vida, mesmo desamparada pelo irmão ainda o amava e, além disso, era boa demais para

guardar mágoas, agradeceu a oportunidade ao senhor e se pudesse algum dia regressaria para voltar ver o irmão.

Na idade de doze anos, Lisa ficou conhecida em Paris como futura esposa do capitalista deixou a miséria, de simples meretriz a facultosa condessa. Tinha tudo que desejasse vários criados para garantir que tudo seguisse seus conformes, comida com fartura tudo do bom e do melhor sem deixar de falar também pela sua preferência pelo mais caro. Mesmo de família humilde tinha uma dose de ambição envolvida em sua genitura, podendo escolher não tinha zelo pelo suor do futuro marido, conhecia a dinastia o destino estava traçado, contra sua vontade deveria casar, sem delongas e ao menos embaraços usufruía da vida que foi lhe dada sem ao menos querer.

Capítulo II

A Nova inquilina gerava discórdia entre os entes da família Augusto, não pela sua maneira esbanjada, mas a origem da coitada não agradava bem aos aparentados e, igualmente, desonrava o nome da família, para muitos seria o fim da dinastia desta maneira a recepção e a convivência com a garota não foi das melhores.

— Como pode!

— Veja!

— Tantas meninas dignas e bem servidas na redondeza e o senhor Jorge foi escolher logo está menina que nem família tem, dizia a tia Doninha irritada com o gosto patético do sobrinho.

Doninha a tia preferida de Jorge Augusto se dependesse dela o sobrinho teria como esposa a moça mais prestigiada por bem dotes dos arrabaldes, Paris pararia para o dia do casório convidaria toda classe rica alta, desde os Getulios até os lordes da rainha. Ambiciosa como ela só logo que teve oportunidade casou a filha mais nova com o filho do lorde Darwin, mesmo Doninha não tendo vasta condição como tinha o sobrinho ainda sim arrebitava o nariz como ninguém.

— É mesmo mamãe, também imaginei que o primo Jorge decidiria pela mais formosa e abastada, engano meu! Proferiu Sophia a filha mais velha de dona Doninha.

Bonita por natureza e menos um pouco que a mãe também tinha lá suas ambições, ignorou todos os casórios que lhe apareceu o coração ainda livre a procura de um bem socializado que pudesse dar-se-ia vida digna, das

duas filhas Alicia era a menos apegada a riquezas e bajularias, ainda que o cônjuge endinheirado como só fizesse todo trabalho de casa, prescindia a ajuda dos servos na cozinha ou na lavanderia, sempre que pudesse queria estar a fazer algo para passar o tempo, embora com a contrariedade do marido nestas coisas, visto que não era conveniente um lorde ter uma consorte que em vez de costurar, escrever ou lê se distraísse com afazeres diários.

Além do mais, a presença de Lisa conjuntamente engendrava inveja nas concorrentes que eram muitas, afinal um rico dando sopa é o sonho de qualquer plebéia, porém não se incomodara foi trazida para ali por ele e a ordem foi para fazer tudo que ela determinasse. Neste ínterim, lograva com soberba e dilapidação a bel-prazer, com decorrer dos dias foi aprendendo a ser uma senhora; adestrou a comer com talheres, assimilou sentar-se como gente fina e foi decorando a mão que segurava a faca e o garfo, a que segurava a taça de vinho ou a de água, e o lenço para limpar a boca. Instruída pelo mordomo da casa Baltazar adquiriu com primazia todas as dicas de etiquetas.

Entretanto isso não bastava, almejava mais do que podia; contratou uma professora para instruir-lhe sobre como dançar valsa, a andar de salto e a se vestir bem. Seus penteados e decorações de unhas tudo saía das criadas que sempre estava a sua disposição, Lisa conquistou a simpatia de todos os integrantes da casa, quando digo todos estou referindo à parte subalterna, no mínimo estes a queriam bem, decerto por ser num passado longínquo de classe igual.

Três anos escoaram e Lisa amadureceu; cabelos longos, corpo desenvolvido uma linda jovem, admirável para qualquer um que a visse. Todo esforço para transformar numa senhora da alta sociedade foi gratificante, dizia ela. Trocou os fiapos de roupinhas por vestidos de ceda

egípcio, ouros e pedras preciosas davam-lhe novas feições, que passou a ser alvo de muitos conquistadores, mas não se interessava por nenhum o compromisso era esperar o futuro marido pedir-lhe a mão se é que o faria.

Quiçá o leitor cogitasse que Lisa sentisse um calorzinho no coração por Jorge Augusto. Evidentemente acredito que não, talvez um ínfimo sentimento lá bem no fundo, mas, além disso, nada, apenas uma dívida que cumpriria com bom grado. Depois de tudo que lhe dera e antes que pedisse já o tinha não trairia sua confiança.

Todavia Jorge Augusto não demonstrava benquerença pela moça viajava muito não lhe sobrava tempo para cortejá-la, mas não fugiria do compromisso que selou a trouxe para casa e certamente a mão a tomaria como esposa. Dos três afortunados anos que a teve em sua residência, três quartos foram para tratar de negócios no exterior e por onde mais houvesse, além de vender propriedades vizinhas, comprava territórios, emprestava dinheiro arrecadando com juros altíssimos.

— Um ótimo empreendedor! Dizia Paulo Cesar um dos maiores grã-fino da cidade parisiense.

Paulo Cesar e Jorge Augusto cresceram juntos advindos de famílias ricas não conheciam a vida dura dos que encaravam o batente às cinco da manhã, depois que os pais de Jorge morreram pela causa que aqui desconheço o senhor Augusto ficou incumbido de fazer prosperar toda fortuna da família e por tudo que já foi aludido fica elucidado que obteve êxito.

As idades de ambos eram quase similar Paulo tinha uns vinte e cinco enquanto Jorge vinte, aparentemente agradáveis se respeitava como irmãos, além de queridos pelas moças desfrutavam do sonho de subir ao altar juntos.

Enquanto Jorge tratava de seus negócios representando seus pais que outrora fossem grandes intermediários, Paulo levava a vida sossegado seus pais cuidavam de suas finanças, então com o que mais oportunava seria optar pela garota mais bela antes de Jorge, aos dezenove anos foi mandado para estudar teologia na universidade de Paris, permaneceram três meses no curso e desistiu da carreira, se interessou pela medicina e foi cursá-la.

Aos vinte e cinco no fim daquele ano concluiria o tão sonhado cargo de doutor, não sei ao certo se exerceria a função, muitos mecanismos o impediria, além disso, não precisava, desde que dinheiro tinha em abundância. A vida zen o conduzia e onde é que fosse buscava o ócio e a tranqüilidade.

Capítulo III

Com o perpassar do tempo Lisa foi se desenvolvendo fisicamente e intelectualmente, passou a se interessar pelas ciências: filosofia e história a seduzia passou a freqüentar os grandes centros culturais da Belle Époque como; cafés-concertos, balés, operetas, livrarias, teatros, boulevards e a alta costura.

Para mais consumiu avidamente os livros de Baudelaire, [Rimbaud](#), Verlaine, Zola, [Anatole France](#) e Balzac, uma referência existencial para os que estavam sintonizados com os ares da Belle Époque... Por conseguinte também lia os grandes escritores de Antero Quental a Eça de Queiroz...

Aos dezessetes de idade era como qualquer moçinha apaixonada queria porque queria se enamorada, for cortejada e logo mais casar, esperava ansiosamente pelo pedido do senhor Jorge, porém o sentimento de amor que nasce nas meninas não havia germinado nela e as tribulações do trabalho do coitado dificultavam a união dos dois.

Certa vez, Lisa examinando com bastante atenção as folhas de pagamentos dos negócios tratados pelo futuro marido apercebeu que em todas as folhas de pagamentos e recebimento havia uma pequena assinatura que cujo nome Paulo Cesar ainda lhe era desconhecido, chamou umas das subordinadas e perguntou se o conhecia:

— Não minha senhora! Trabalho tanto na cozinha que me limito a sair até a sala de estar, mas talvez outra criada o conheça...

— Isso! Disse Lisa interrompendo a fala da serva.

—Vá! Avise a dona Leonor para vim ter-se comigo, diga que estou a requisitando com urgência!

Saiu à subalterna as pressas para dar o aviso a Leonor; uma criada de muitos anos da casa, por estar a muito tempo ali não era mais tratada como serva e sim como madre das outras e de todos, afinal. Conhecia todo mundo e, além disso, muito boa conselheira, suas opiniões tinham grande valor pelos demais, não somente na casa como por todo quarteirão, qualquer menina ou rapaz que precisasse de uma guia amorosa a procurava.

Quando a encontrou a submissa disse aos gajos:

— Do... Do... Dona Leonor!

— Que isso menina, que gagueira é essa?

—A senhorinha está requisitando sua presença no quarto imediatamente.

— Oh! Que será dessa vez?

— Sei! Mas vá que lá ficará sabendo.

A dona de cinqüenta e sete anos e alguma coisa a mais se apresentou ao quarto da senhorzinha o mais breve que pode, dava-lhe gosto vê-la subindo as escadas numa pressa que ela só, quase escorregou pisando na barra do vestido.

— Precisa de mim querida?

O tratamento de ambas era diferente não havia ali uma relação de subordinados, porém de mãe e filha.

— Sim! Preciso fazer-lhe uma pergunta.

— Então diga logo minha filha está me dissipando de curiosidade!

—Você conhece o dono desta caligrafia?

— Qual?

— Está sob a de Jorge Augusto.

— Claro e a do doutor Paulo Cesar! Proferiu dona Leonor com voz de espanto.

— Doutor?

— Sim! Forma em medicina no final desse mesmo ano.

Encheu-se de dúvidas a pobre menina que um ínfimo interesse surtia em seu misero peito, não conhecia um doutor, nos tempos de outrora não havia condições de pagar pelo trabalho de uma conseqüência disso foi à morte de sua irmã. Um breve silencio estabilizou naquele quarto, parece que o vento soprou a taciturnidade por toda a casa, mas não acredite nisso, apenas as lacaia querendo escutar por detrás das portas.

— Se o conhece querida madre fale-me mais sobre esse tal doutor dos araaques...

— Que isso minha filha não o desrespeite, o doutor Paulo e um dos mais ricos aqui de Paris.

— Ah! Então ele é rico?

— Efetivamente! Seus pais são abastados de tanto dinheiro, grandes proprietários de terra, donos de várias indústrias e...

— Esquece isso fale mais sobre a pessoa dele, disse a bela jovem.

— Um rapaz bom de boa estatura com cabelos negros e pele clara, elegante e gentil, tem quase a mesma idade do senhor Jorge um ano a mais de Cesar os separam solteiro atualmente, por enquanto, as meninas parisienses irão cair igual pingo d'água encima do grã-fino é só uma questão de tempo,

basta terminar os estudos e voltar-lhe a capital que desencanta, ou melhor, desencana!

— Que isso madre isso é jeito de falar?

— Mas é verdade minha senhora, ele e o seu Jorge são bons partidos, os mais disputados, sendo exata.

— Um garanhão! Pensou Lisa em seu subconsciente.

— Como faço para conhecê-lo?

— Uma questão difícil querida, ele não aparece muito, mas acredito estar aqui no fim de semana, pois é muito amigo de Jorge então com a chegada do amigo deve nos visitar.

Aquele olhar ardiloso no rosto de Lisa queria dizer alguma coisa, dispensou à presença da madre, esta de imediato direcionou-se novamente aos seus afazeres, antes de cruzar a porta um grito:

— Ninguém precisa saber que tivemos está conversa madrinha!

— Sim meu bem, minha boca é um tumulto.

Foi-se batendo a porta, se o leitor espera que a madre use de hipocrisia com a aspirante a afilhada, não se engane, tinha confiança de todo os integrantes da casa adquiriram com pouco tempo e jamais o fez por perder, se alguém lhe contasse um segredo ele morreria ali, não o alimentava com madeira, não punha fogo na fogueira e se estivesse definhando, morreria por definhamento, pois nem uma talisca de pão o dava.

A pensar no quarto repleto de seus fantasmas permaneceu Lisa estirada na cama macia e suave a pensar no cognome doutor, recordando dos adjetivos que dona Leonor disse anteriormente sobre a pessoa de Paulo

Cesar, não resistiria esperar o fim de semana, queria conhecê-lo imediatamente, mas não poderia, haveria de esperar e como ainda era quarta feira iria custear muito.

— Ah! Será que resistirei até o dia de sábado? Perguntava a si própria, ou aos espíritos que se encontrava dentro das quatro paredes.

Depois da extenuada espera o abençoado dia sobreveio, com as expectativas lá em cima e as indiscrições em alta se fez uma das madames deslumbrantes de primeira escolha para qualquer homem, sua lógica não apenas foi mais é causar boa impressão, no futuro marido, que assim esperamos que o fosse, causava desordens nos seus neurônios antes de se tornar uma bela dama, todavia queria ver a reação de Paulo ao conhecê-la.

Não pense cara leitora que Lisa se interessou pelo póster do doutor havia algo malévolos em seus olhos, se concentrava em seduzi-lo para dar um toque de ciúmes em Jorge para quem sabe assim fazê-lo esquecer um pouco a monotonia e ambos ficarem mais tempo juntos. Linda dos pés a cabeça a senhorinha aprontou-se o dia todo e não deixou que ninguém desse um suspiro, as ordens foram para preparar a comida com um tempero a mais no sabor, encomendou o melhor vinho da França para ser servido no almoço – preferência gelado! Dizia ela, ordenou as criadas para colocar toalhas brancas na mesa e garfo e facas somente de prata, duas taças e os pratos de louça advindas da China.

Os estranhamentos escancarados na face dos funcionários não era o mais normal, cochichavam suas suspeitas as ocultas.

— Por que tudo isso? Perguntou a faxineira

— Não faço idéia, nunca a vi de pé tão cedo ainda mais ajudando nos preparativos, respondia a cozinheira.

— Será solenidade de alguma data especial?

— Não...

— Parem com esse cochicho, murmurou Leonor interrompendo a conversa das mucamas.

Decorridos vinte minutos a senhorzinha retornou a cozinha e deparou-se com tudo no devido lugar – Ufa! Assim está bom... Dizia a patroa dando um suspiro que indicava o cansaço do trabalho, um suspiro tão esplêndido que mesmo não botando mão na massa souou ao correr de lado a outro dando ordens e corrigindo erros alheios. Olhou-se no espelho e apercebeu desgastada e decidira tomar outro banho para se livrar da lassidão.

Um minuto no banho

Em sessenta segundos podem acontecer muitas coisas, não tantas o quanto imaginam, todavia menos ou até mais... Neste ínterim, quando Lisa se banhava na inatividade passiva de sua banheira Jorge e Paulo chegou, não junto mais um e depois de alguns minutos outro, o senhor se direcionou ao quarto mais não a encontrou, teve conhecimento pelas servas que se encontrava no banho, não muito singular tomar banho para almoçar não era rotina da moça.

O doutor Paulo por sua vez ficara a espera na sala de estar com alguns livros que havia trazido na bolsa, abriu um e deleitou-se lendo as linhas transcritas naquele papel amarelado com características bem antigas e obsoletas, a capa já consumida pelos anos de uso.

Enquanto que no quarto Jorge preparava para o almoço que seria servido às doze horas Lisa mareada na sua quimera se aguçava – preciso de um minuto a sós com ele, não via maneira melhor de tirar-lhe a atenção do que um papo particular, por incrível que possa parecer no privado sai coisas que vosmecês não fariam nem ao menos diriam em público. Perfumava-se e banhava com pétalas de rosa, sublime a afoiteza da jovem.

Ao sair do banheiro se enrolou numa toalha e passou pela sala de estar não que fosse necessário, mas não queria que nada estivesse fora de ordem, mas teve uma grande surpresa.

— Ei moça!

Olhou Lisa de repente para aquele moço sentado no sofá com um livro na mão.

— Desculpa senhor mais estou bastante ocupada no momento, estou esperando visitas, articulou a menina sem ao menos dar-lhe atenção. Não obstante, antes que fosse embora o doutor disse:

— Talvez seja eu?

A menina empalideceu a vermelhidão cobria as bochechas que antes eram rosadas, logo averiguou os ínfimos detalhes; livros de medicina enfiados na bolsa e um estetoscópio a amostra perto de um dos livros.

— Doutor Paulo Cesar?

— Doutor ainda não, mais aspirante! Disse o moço com tons de comichões

— Perdoe-me a inconveniência não sabia quem era...

— Não precisa se desculpar, eu também faria o mesmo se saísse do banheiro e houvesse um estranho na sala.

Quando falou em sair do banheiro Lisa voltou a si e lembrou que só uma toalha cobria o corpo, não sabia se morria de vergonha e se retirava de imediato ou dava-lhe atenção, porém deixou que a vergonha escapasse e ao lembra-se do que pediu no banheiro – um minuto é o que preciso, dizia ela e se não aproveitasse não teria outra chance, “a primeira vez é sempre a ultima chance” deu sequência na prosa para não deixá-la morrer.

— Talvez o reconhecesse, mas o obsoleto livro impediu-me.

— Velho não obsoleto, retificou o rapaz.

— Ambas as palavras tem significados iguais sabia? Interrogou a jovem.

— Devidamente a literatura e até mesmo a academia de letras as

definem como sinônimos, mas não as são, para um leitor ou filósofo bem renomado e abastado de conhecimento saberá que obsoleto é algo já em desuso enquanto o velho ainda é bastante útil.

Aquilo embrulhou a cabeça da garota que no fim extraiu algum conhecimento desta prosa sem sentindo, não queria causar má impressão e se viu causando de cara, sair agora era render-se fácil e ser tida com burra – isso não, conclui.

— A maioria dos livros de medicina é baseada nos estudos de Hipócrates, mas este em suas mãos não, pois Hipócrates estudou nele, soltou-lhe gargalhadas a pequena desviando o assunto e encerrando a conversa, para não ignorar sua sentença o doutor deu uma risada estranha consentindo com a afirmação da jovem.

— Vou me vestir para de imediato nós almoçarmos, logo mais continuamos a prosa e foi-se apressadamente subindo pelas escadas com os olhos de Paulo a espreitando misteriosamente, ficou da sala e a viu entrar pela porta, voltou o olhar para o velho livro e propôs a continuar a interminável leitura. Por acaso achou que a veria despir a toalha sem estar privada de qualquer olhar, enganou-se o coitado, todavia se houvesse um minuto a mais de paciência em expiá-la teria a honra e lograria do momento em que iria a porta fechar a toalha desprende-se do corpo esbelto, deixando a amostra para candeeiros e paredes, doloridos um minuto, se produto no estoque acaba cedo aqueles segundos de demonstração grátis espirou-se.

Na mesa

Estavam todos assentados a mesa para a grande refeição exceto lisa que ainda não havia comparecido, Paulo e Jorge sentaram-se perto um do outro, enquanto Doninha e sua filha mais velha se puseram do lado posterior aos dois, o leito deve se perguntar o que a tia Doninha estava procurando ali – um bom casamento? – rango grátis? Entre A e B apostaria em B ou A tanto faz marcaria ambas em múltipla escolha.

Mas tinha o costume de não cozinhar no dia de sábado, não que a soberba fosse adventista, estava mais para mão de vaca, segura que ela só. Todavia não aprendeu sozinha, em outra era a nossa tiazinha espalhava dinheiro pelos ares, não segurava sequer um tostão; era quantidade em demasia para igreja, para os mendigos da rua, não poupava gastos tinha muito, uma quantidade que deixaria qualquer num ócio eterno, entretanto quando se viu a beira de falir tudo que o finado marido deixou-lhe, fechou as mãos e nunca mais deu tchau com as mãos abertas.

Sophia espreitava os rapazes em suas gozações de quem não tem nada para rir, então rir para disfarçar a tristeza. Os quatros postos a mesa foram sendo servidos enquanto a menina ainda não aparecia, mas nenhum deles sequer ousou encostar-se à comida antes de sua aparição. Pela cena e atual situação estava elucidado que Doninha estava armando seus trambiques, uma mulher não pode desposar dois maridos e como havia dois machos um perderia a causa estava certa que seria Paulo e este como a promessa que fez a Jorge de subir juntos ao altar teria que uma esposa arrumar de igual tempo ao amigo, apostava que um dos dois ficaria com Sophia, esta que não apostava tanto assim nesta idéia maluca da mãe.

— O que foi minha filha o gato comeu sua língua, desde o momento que entramos não soltou uma palavra? Perguntou Doninha a filha que estava serena com suas pretensões.

— É mesmo Sophia você ainda não contou como anda seu coração? Interrogou Paulo.

— Ah! Meu coração anda no lugar de sempre...

— Que isso minha filha esse é modo de falar com o convidado, ainda mais uma gente de classe como o futuro doutor Paulo? Findou a verbalização da moça antes de terminar suas injúrias.

— Não que isso, não há infração grave nas tuas belas palavras, somente devem ser sintomas de amores mal resolvidos.

— De amores estou escassa, exclamou a moça com olhar ambicioso para o doutor que a retribuiu com um piscar de olhos que não passou despercebido por Doninha.

— Então será que a mocinha não vem? Retrucou a tia enraivecida com o atraso da moça.

— Lisa... Gritou Jorge para ver se acordava a alma falecida do quarto.

Não respondeu e nem deu um pio sequer tinha essa maneira de atrasar sempre, em conta disso o senhorzinho pediu que uma das servas fosse ao quarto chamar a moça.

— Mande a descer agora já estamos cansados a fome até passou!

— Não precisa! Todos olharam de repente e ficou boquiaberto com o esplendor da bela jovem, um vestido vermelho com detalhes dourados nas pontas e um suporte que enaltecia os seios, cabelos soltos alongados e um

colar de diamantes que se destacavam longe, brincos de argolas e anéis de ouro puro enfiados no dedo.

Desceu passo a passo num salto alto como as grandes madames fazia delicada e singela, olhar nostálgico dos filmes hollywoodianos, encarava a todos com um belo batom púrpuro nos lábios macios e sedosos. O desejo de possuí-la amadureceu em ambos, mas nas mulheres a inveja e o desdém surtiram, com efeito.

— Até que enfim chegou à sumida, disse Doninha com inflexível indestreza.

— Mãe que isso, não nos desdoure... Corrigiu a mãe pela falta de sutileza com a menina.

Lisa se pôs a mesa ao lado de Sophia, desiludindo a perspicácia dos senhores, agora era Sophia que estava constrangida e decerto ignomínia com a situação os presentes olhavam para seu lado, mas não para ela desmerecendo a coitada. Neste momento até o redator destas linhas insanas sentiu comiseração pelos sentimentos da pobre moça.

— Leonor sente-se a mesa conosco, articulou Lisa.

— Não meu bem, não fica bem uma criada se por a mesa com os senhorios.

— Deixa de babaquice a senhora é da família e tem direito a mesa como qualquer dessa estirpe.

— Não acho certa uma criada sentar a mesa com os superiores, pode sair conversa aqui que não são de sua alçada.

Aquele olhar perverso da moça em direção a Doninha expressava algo que não se podia dizer aqui nestas linhas.

— Que isso mãe, isso é modo de falar?

A empregada saiu e voltou para cozinha sem remorsos já estava acostumada com os dialetos opróbrio de dona Doninha, restou apenas um olhar indignado nos demais presentes, foram servidos e se saciavam com a fartura que foi servida.

— Nossa está comida está divina, disse doutor Jorge.

— Méritos das criadas replicaram Lisa.

Continuou.

— São de fato boas cozinheiras, deveriam ter proeminências a partes pelas divindades que fazem na cozinha.

O bate papo cessou por alguns instantes, um breve silencio permaneceu na mesa, um vento frio passou pela janela balançando as cortinas e estremecendo as meninas, aqueles silêncios típicos que antecedem as batalhas, logo retornaram a algazarra.

— Então Lisa vosmecê e Jorge pretendem se casar?

— Uh! Uh! Uh!... Batia no peito engasgando a moça com as viandas, bebeu um pouco de água e decidiu não falar sobre o assunto, voltou a comer.

Jorge apercebeu o silêncio e a inquietação da jovem, tomou a palavra e:

— Ainda não tivemos tempo para conversarmos sobre isso, mas pretendemos que seja bem breve, quanto antes melhor e vosmecê Paulo Cesar quando vai nos apresentar sua futura esposa?

— Ah! Minha futura esposa? Pretendo conhecê-la ainda, todos tiraram um momento para rir da maneira irônica que disse até o doutor

também deu boas gargalhadas.

— Mas uma pessoa de compostura como o senhor doutor não há de ficar sozinho, muitas moças dariam tudo para enamorá-lo, disse Doninha acarando o rapaz.

Olhou para a senhora e apercebeu a incontinência da filha que não deixava a mãe falar uma sem a corrigir, esperou um pouco, ficou sem jeito é claro de continuar a conversa teve medo de sair dali com casamento marcado, não obstante era impossível ficar calado perto de dona Doninha que quando queria algo, fazia o impossível para consegui-lo.

— Não é fácil o quanto parece arrumar uma pessoa de boa índole que me respeite e eu a ela também é bastante complicado, disse Paulo.

Dona Doninha já iria dar com a língua nos dentes quando foi impelida por Sophia.

— Chega! Já basta, não quero passar mais vexame.

Terminaram a refeição calada nem mais um pio, depois do espetáculo de controvérsias para Sophia nada restava do que ir embora, mas a cozinheiro a impeliu que esperasse a sobremesa, negou e despediu-se individualmente de cada um e saiu arrastando a mãe pelos braços, mesmo a tentativa de Paulo Cesar persuadi-las para que ficassem não convenceu Sophia que já estava ruborizada com a impudência da mãe, saíram às pressas.

— Que isso minha filha isso é jeito?

— Não abra mais a boca nós vamos embora e pronto, concluiu Sophia dando adeus aos que ficaram.

Depois da despedida voltaram para a mesa comeram a sobremesa que dava gosto degustá-la um belo de cenoura, comeram contente ainda mais Lisa

e Paulo que estavam acostumados com aquelas proezas, um espreitava o outro, alguma coisa tinha, pois olhar em vão é muita estupidez de cada parte, por intuito Jorge fisgou bem aquela situação – será? É, notou o modo que Paulo mirava sua futura esposa, não gostou de ver o amigo batendo asas pra cima de Lisa, no entanto averiguou que a menina correspondia suas expressões com sorrisos e troca de olhares, enraivou o homem e saiu da mesa direcionou para sala de estar e tomou logo um drinque.

Conversa a dois

Lisa notou a saída sem sentido do rapaz e teve de se ausentar da mesa para saber que demônios atentavam o futuro cônjuge.

— Com licença Paulo volto imediatamente!

— Disponha senhorita, retrucou Paulo.

Percorreu a passos largos que assomados não dariam mais que seis e de imediato estava na sala para saber quais as novas do marido:

— Que diabos te atentam Jorge Augusto? O rapaz sentiu a voz indócil da garota, depois de muito tempo juntos se cumprimentavam apenas com o primeiro nome, sempre que um solicitava o outro com sobrenomes decerto alguém indômito estava.

— O que está havendo entre você e Paulo? Perguntou Jorge.

— Não há nada demais, o que mais há de haver?

— Não sei! São vocês que se acaram como dois pombinhos apaixonados.

— O que foi que você disse, sabes muito bem quem sou eu e eu mesma conheço meus compromissos, lhe jurei fidelidade e cumprirei minha palavra, deus as costas enfurecidas pela desconfiança do marido, nesta altura era impossível criar prognósticos de qual trazia a razão consigo – Será Lisa agiu apenas por compensação? – ou há de ter algo mais?

Seu cognitivo não parava de importuná-lo, apoderou-se do melhor uísque e deu mais uma golada, enquanto isso Lisa retornou a mesa e após se desculpar com Paulo voltou ao quarto, encerrou o assunto ali mesmo, porém

pediu que o grã-fino fosse ter-se com Jorge na sala de estar.

— Vou claro, não tenha dúvidas, obrigado pela simpatia, adorei a companhia, concluiu o moço.

O doutor direcionou a sala e deparou-se com Jorge travado com um copo de uísque na mão.

— Uísque velho amigo? Lembro-me que na minha época tomávamos pinga e pura depois da escola.

— Pode ser mais essa época já se foi, murmurou Jorge com uma entonação que eu mesmo desconheço.

Paulo meio sem jeito de lhe dar com a circunstância emudeceu por um momento, um minuto para ser exato, olhou ao redor admirando as garrafas de uísque e vinhos de todos os tipos e marcas, avaliou as porcelanas o formato dos copos e um velho quadro de são Jorge dependurado ao canto da parede que dava ligação a cozinha.

— Lembro-me da história deste velho quadro, dizia ele, nós o compramos num brechó por quarenta réis, estava a preço de cem, porém insistíamos tanto que o vendedor se viu na obrigação de fazer um desconto.

Jorge ainda xucro não tinha prestado atenção nas ideologias do doutor, ouviu sim decerto, mas sequer virou a cara para o amigo, não quis tocar no assunto com o amofinado, adjetivo este impregnado pelo próprio rapaz, depois dos circunlóquios mesquinhos de Paulo, Jorge resolveu abrir a boca:

— Tem obrigações logo à tarde?

— Não porque pergunta?

— Podemos conversar mais logo?

— Evidentemente sim.

— Está bem, me encontre no lugar de sempre, naquela praça que íamos aos tempos de escola.

Paulo concordou com o pedido do amigo posteriormente retirou-se não queria mais agravar aquele contexto indefinido e entediante para ambos, por fim se despediu, mas não obteve resposta, se foi ao longe deu uma olhada para trás para ver se Jorge faria o mesmo, no entanto sequer ousou levantar a cabeça, porém do quarto de cima bem posto a janela Lisa acenou-lhe dando adeus e assim fecha este esguio capítulo com o sorriso estupendo da moça ao rapaz, após perdê-lo de vista fechou os cortinados e as janelas também, deu um último suspiro de graças fez sua oração agradecendo o belo dia ao senhor e atirou-se a cama, dando o último sorriso ao lembrar-se dos cortejos de Paulo e do ciúme do console.

Equívoco

Venho por meio de esse esboço pedir-lhe as minhas sinceras desculpas prezado leitor, por um simples e ingênuo equívoco meu acredito ter confundido os capítulos, “conversa a dois” como citei anteriormente está destinado a ser o seguinte capítulo, como ficou escancarado nas transatas linhas, mas como já o fiz e extenuado pela imensa solidão de um poeta que tem fadiga até no pensar não o retificarei, somente quero deixar claro para não causar estranhamento em tu que acaba de perder tempo lendo estas garatujas sem nexos.

Amontoamos as explicações vamos direto ao ponto seguinte.

Conversa a dois (outra vez)

Um diálogo quando bem interpretado pode gerar consentimento e paz de ambos os lados, desde que todos que participam do mesmo estejam de acordo a aceitar e conceber, abrir mão do ego individual e submeter à concórdia alheia, para que todos sejam saldados de formas idênticas sem perder a harmonia. Porém nem sempre foi assim, lembram-se do livro de história quando, me acredito, o redator destas pobres linhas ensaboadas de amargura sem odor fétido, mas que aparenta cheirar mal, sua professora explicou o contato primeiro de índios e homens branco?

No começo um olhar etnocêntrico, depois a barganha, ou seja, troca de objetos inúteis ao olhar colonizador, não obsta de grande valia aos nativos e por fim, a discórdia sem consenso e mortes de milhares de índios. Não sei se já ouviu melhor, mas não acredite em tudo que vê a maioria dos conflitos por si mesmo podem ser evitados, no entanto as ambições por parte de outrem levam vulgares desavenças a desfechos descomunais.

Uma querela sempre é bem vinda e, nunca se esqueça – sempre haverá contendas. Não que isso seja uma verdade absoluta que por incrível que possa parecer também não existe verdade absoluta e sim relativa, de forma mais clara, você pode chegar a uma verdade, não definitiva, mas próximo disso, evidentemente na ciência não há nem sempre e nem nunca, por outro lado na religião temos exclusivamente o sim e o não.

Desde os primórdios ocorreram disputas por territórios onde se finalizou em tragédias, houve brigas por comidas, da mesma maneira que há: chuva e sol, calor e frio, fogo e água, céu e ar, terra e lua, amor e dor, bem e mal... Desde a deixa de Adão e Eva do paraíso o mundo vem agravando

ações piormente, sempre terão um querendo matar o outro, este querendo dar cabo daquele, o outro invejando este, aquele querendo tomar o que é meu, prova disso — Paulo e Jorge, mas o encontro dos dois haverá consenso, alguém irá ceder, sendo que abrir mãos significa apartar-se dos sonhos de um futuro cobiçado por toda mesquinha sociedade.

Então vamos direto a praça da concórdia nome que trará alguma inquietação ao meu amigo leitor, mas exonere as implicações.

— Porque me trouxe aqui Jorge? Perguntou Paulo.

Admirando a bela paisagem a vista magnífica que somente Paris pode logras, vendo as estátuas e recordando das memórias de um povo, povo este heróico em suas glórias responde Jorge ao amigo.

— Não gostou da paisagem, brincávamos aqui quando ainda éramos criança?

— Sem dúvida, admiro muito essa majestosa e fúnebre praça, mas que tem isso haver com nós dois?

Sem pestanejar e indo direto ao ponto exclamou Jorge.

— Está é a Praça da Concórdia marcada pela lembrança sangrenta do Terror e da execução da família real, a Praça da Concórdia propõe um problema político ao governo do século XIX, porém depois de inúmeras mudanças de nome e estátuas chegaram a uma consonância e ela foi nomeada assim.

— Conheço a história, mas quais motivos nos guiaram até aqui? Perguntou Paulo findando as lembranças de Jorge.

— Está bem vamos ao que interessa...

E continuou...

— Por ser a Praça da Concórdia poderemos ao fim deste colóquio chegar a um consenso se tu concordar.

— Diga logo homem qual fundamento de tanto mistério?

Apercebeu a impaciência do amigo e, não tinha como mais enrolar, basta os circunlóquios:

— Quais suas pretensões a respeito de minha futura esposa?

O doutor agora emudeceu quem queria saber motivos empalideceu e ao menos cogitou em abrir a infeliz boca.

— Vamos homem diga o que era aquele olhar cheio de soberba para lisa?

Assentou-se num banco e olhou inconformado para o amigo devido suas desconfianças e soltou a voz.

— Como pode levantar calúnias sobre minha pessoa, se nada fiz, apenas estava retribuindo a conversa?

Deram um tempo ambos, quicá para tirar o ofegante suspiro do pulmão, disfarçaram a circunstância ao passar perto dali um casal de namorados, que logo em seguida assentaram quase perante eles. Se alguém aqui acredita em milagres – não sei, mas senão Paulo passara a crer desde agora, ficou de pé a observar as luzes da cidade, toda aquela iluminação retinha as vistas, resolveram dar algumas voltas pelos cantos mais recônditos da funesta praça, depois de estarem distante de toda gente, sendo no relógio da igreja umas nove e quarenta e cinco.

— Não precisa negar, conte-me a verdade o que sentes por Lisa?

—Como queira que mim sinta algo por esta menina se a conheci ainda hoje?

Ficou sem jeito decerto o senhor augusto, armou rede para si própria, porém sabia sair de labirintos que grandes homens não há de conseguir, deu um tempo na inquisição, somente continuaram a perambular, as pernas doíam pelo longo caminho percorrido, decidiram seguir rumo de casa, Jorge o acompanhou até a porta da residência do amigo e dali dirigiu-se para sua, mas antes de dar adeus exclamou estas palavras;

— Não sei o que pretende Paulo, mas sei bem o que queres e não pense que lhe entregarei barato, nem ao menos caro, logo casarei com Lisa e se os cortejos seus dirigidos a ela persistirem haverei de findá-los, queria um concórdia entre nós pelos anos da amizade, porém me contento com uma guerra se deste modo desejar.

O rosto estupefato de Paulo não replicou apenas ignorou o amigo fechando as portas dizendo:

— Os diálogos ocorrem entre dois, idem às guerras sempre necessitam de inimigos... Concluiu fechando a porta.

Noite em claro

Ao chegar a casa Jorge não conseguiu dormir pensando em tudo que aconteceu, não foi ao quarto onde estava Lisa ainda acordada a esperá-lo como fazia sempre para conversarem. Sentou-se no sofá da sala e ficou a deleitar-se de um vinho de trinta anos — um dos mais caro de sua coleção, dava uma golada e dizia:

— Aquele simpatizante fajuto... Dava outra golada e pensava a mesma coisa, às vezes bebia na boca da garrafa, não importou muito com normas e etiquetas e nem com companhia, precisava de um momento a sós com a tristeza, conversava e dividia seu vinho de trinta anos com a solidão, por fim apagou a luz para nenhum criado notar sua presença e suas lástimas em claro.

Sentiu um vento frio passar pela janela, tocou seus cabelos suavemente trazendo aquele cheiro de chuva quando toca o chão, mas esse devaneio a claras sempre é suspeito, já se encontrava ébrio e não enxergava nada além de sombras, teve delírios com vultos traspassando por ali, imagina ser Paulo e com raiva dizia.

— Vá embora satã...

— Vá não me importune mais...

O jovem ficou de pé, deus umas cambaleadas, porém se firmou e direcionou rumo as escada para subir, na ida tropeçou num vaso de flores que estava no chão – plaf! O vaso de vidro quebrou-se todo causando um imenso barulho que foi escutado lá no quarto de Lisa.

— Jorge está aprontando novamente, cogitou ela.

Escorrou-se nos braços da escada e subiu lentamente quase no fim perdeu todo controle e desceu rolando escada a baixo. Cena cômica e bem típica de quem tenta subir uma escada embriagado, mas não desistiu e foi-se o homem mais uma vez, desta vez obteve êxito em seu trajeto, por fim ouviu-se o barulho da porta do quarto da jovem se abrindo, sempre trancava a porta a menina, desta vez não esperou para saber a reação do rapaz.

Dissimulando a devassidão Lisa enrolou-se aos lençóis, pois estava uma noite muito fria, desses frios que sempre faz a gente tremerem embaixo do cobertor, dissimulava tão bem que até o redator destas pobres linhas em outra ocasião não saberia distinguir um sono de uma simulação. Retirou das mãos a luva que as cobria e tocou a pele serena da menina, sentiria até uns arrepios com sensações diferentes, mas resistiu perversamente igual a gato resistindo de encarar a água.

Passava a mão em seu cabelo e sentia o perfume do mesmo, a maciez e a leveza, aquele rosto belíssimo sem marcas — você é tudo que eu sempre sonhei, ele disse aos ouvidos da moça, em seguida beijou-lhe o rosto umas duas e mais vezes sempre no mesmo lugar e de maneira idêntica, às vezes os beijos saíam intercalados de — não posso te perder...

Um espetáculo de se ver encantara os olhos de alguém se fosse a uma tela de cinema. A menina deu um breve soluço e começou a piscar os olhos como se fosse abri-los, porém Jorge se afastou e saiu às escuras. Perto da porta deu uma olhada para trás, mas o breu camuflava a vista e ele por cima ébrio não viu foi nada, percorreu sustendo a parede e atirou-se na cama; não despiu sapatos, nem roupas, nada absolutamente, apenas fechou os olhos e adormeceu.

Do quarto da moça ao seu gastou uns dez minutos assomando com o da parede era umas duas e trinta e cinco, aquele pêndulo do relógio batendo

era um caso funesto, espantava qualquer ladrão – confesso causaria fobia em qualquer um, todavia em Lisa somente retardava o sono.

— Maldito relógio hei de consumi-lo!

Depois de tanto tempo em vão às claras e também às escuras a casa silenciou-se, todos agora estavam adormecidos, não se ouvia um latido de um cão sequer. Digníssima Paris apenas luzes lá fora, ventos gelados com umidade das águas da chuva que hão de cair.

Um conto entre contos

São três e meia da manhã e a cidadela adormecida na rua somente garrafas espalhadas pelos arrabaldes mais recônditos, nada ousa atrapalhar a vida dos civis que usufrui do ócio divino para estarem preparados para a jornada seguinte — nada a não ser um casal de gatos e um bêbado que perambulava pelas ruas da imensa Paris.

— Miauuuu...

— Cale a boca miseráveis! Disse o ébrio.

Os gatos enamorados repetiam novamente com mais força ainda.

— Miauuuuuuuuuuuu...

O bêbado para repeli-los atirava-lhes pedras, mas errava todas, via um dois três quatros gatos juntos.

— Da onde saíram tantas pestes? Perguntava-se o ébrio.

Neste íterim, da janela do segundo andar de um prédio de uns vinte andares, uma mulher grita.

— Cala a boca imbecil, quero dormir.

O ébrio respondeu.

— Fique a vontade senhora não estou importunando-a.

— Está sim e muito, vá embora para casa, isso lá é hora de estar na rua.

— Mas eu moro aqui, a rua é meu lar senhorita e como ti eu também estou sendo incomodado por esses gatos insolentes.

— Que malditos gatos você se refere?

— Esses quatros gatos que estão por aqui, quem mais seria, veja?

— Não estou vendo nada senhor.

— Esta cega, aliás, mas estão sempre aqui a todo o momento estão se enamorando e importunando-me.

A senhora do apartamento espreitou ao longe, forçou as vistas e nada enxergou só o ébrio escorado num banco da insolente praça.

— Bebeu muito acredito, não há gato e nem casal de gatos, você está é bem embriagado.

— Talvez não o veja ti, mas eles a ver e sabe muito bem onde a senhora está que a toda noite a assombra.

— O que? Parou para pensar, ambos calaram um olhando para o outro.

— Mas...

— Você é um aproveitador seu bêbado miserável...

O bêbado dava risadas encarando a mulher.

— Toda noite é assim ou que irritar-me ou me ver, está enamorado por mim é?

Deu um sorriso meio sem jeito e falou meio sisudo.

— Não dona, eu não me atrevo, eu quero apenas um pouco de atenção, nem isso me foi dado, você talvez não perceba, mas eu sempre estou aqui...

Capítulo IV

Noutro dia bem cedo se levantou Lisa e como de costume foi fiscalizar o serviços dos funcionários, o senhorzinho Jorge também não tardou antes das nove estava bem disposto, certamente para a leitora deve achar um cúmulo de absurdo chamar nove horas de cedo, mas sabe como é rotina de rico diverge com a das classes desfavorecidas, porém a cabeça do negociante não redirecionava ao trabalho se absteve das negociações incumbiu outro criado de confiança a quem podia contar sempre.

Saiu sem dar explicação, razão ou circunstância porque faria, foi-se, deambularam três quartos de horas e ali estava numa joalheria belíssima e estimada da grande cidadela, não pensou nas despesas entrou-se e logo disse a atendente:

— Preciso do anel de noivado mais primoroso que tens a oferecer!

A moça olhou apenas e deu um mero gracejo e logo se pôs a ajudá-lo, trouxe os mais lindos e deslumbrantes anéis que a joalheria nutria.

— Aqui meu senhor, deste lado está os mais lindos, porém não tão caros, e deste outro os mais caros da loja, note que estes têm pedras bem delineadas e dignas de rainhas.

— Que pedras são essas?

— A do lado A são esmeraldas e a do B são jeremejevite.

— Como disse? Interrogou o rapaz sem entender o certo a pronuncia do nome e as virtudes daquela pedra que tanto lhe chamou a atenção.

— Jeremejevite! Uma pedra bastante cobiçada sendo que a sua pronúncia correta seria Ye-Rem-ay-Ev ite e esta seria conhecida como uma

pedra céu azul ou até mesmo incolor, sendo que possui uma alta qualidade e teria vindo da Namíbia, vende se muito dela.

Admirou a beleza de cada anel, ignorou os preços e após uma longa avaliação prestou-se a comprar aquele que mais valia uma pedra azul muito lhe seduziu que não se conteve decidiu por caracteres que a levaria e desse modo o fez, um valor altíssimo que no Brasil seria estimado em um conto de réis.

Pagou sem pestanejar não cogitou números, mas a felicidade de quem o ganharia era de se arquitetar loucuras na cabeça de qualquer mulher, embrulhou-lhe e o colocou numa simples caixinha preta que dava nuances magníficas aquele feitio.

Retornou as pressas para sua casa, ou melhor, mansão. No longo caminho da volta discorria as ideais de mil modos como faria o pedido de casamento – a levará ao parque e farei ali, dizia a si mesmo – ou melhor, convidá-la-ei para um jantar a luzes de vela e pedirei à capela que toque a mais bela canção de amor, enquanto isso o garçom nos servirá o mais desgostoso champanhe da França, em seguida trará o anel em sua taça.

A felicidade do rapaz era imensurável, quiçá eu em dezenas de linhas posteriores não a traduziria; maior que o céu, maior que todas as aves juntas, imensa como o oceano azul, verdadeira como a luz do sol e advinda como a brisa da manhã. Item tinha motivos para tanta solenidade, um investimento que custeou longo prazo agora desposaria para seu bel-prazer.

Antes de chegar a casa perante a praça quando passava um mendigo ainda no banco dormia ou fingia muito bem – aprendeu com Lisa decerto, ao ver o fidalgo levantou-se rapidamente e disse:

— Uma esmola, soberano para esse infortunado bastardo que não tem onde cair morto!

Assustou-se de repente ao ouvir aquela voz grosseira em sua direção, mas não se conteve retirou do bolso umas moedas e deu-lhe viu que sua miséria era tanta que puxou do bolso uma nota de quarenta réis e deu-lhe dizendo:

— Sacie a fome meu velho isso há de livrar-lhe da penúria.

Meteu o pé e partiu lá longe fez questão de olhar para trás para ver como estava o homem que ainda a contar as moedas estava.

Dado mais alguns passos a casa chegou, entrou e foi procurar Lisa para fazer-lhe o convite, não a encontrou em nenhum dos quartos, redirecionou-se a cozinha, porém não a viu foi ter-se com dona Leonor para saber o paradeiro da moça:

— Sabe por onde anda meu amor?

— Oh! Meu amor será que alguém despertou por aqui?

— Vamos Leonor deixe de circunlóquios sabe onde Lisa se encontra?

A mulher tentou disfarçar para não dedurar a privacidade da moça, porém a insistência foi tanta que não se abrangeu e deu com a língua nos dentes.

— A senhorzinha saiu logo depois do senhor, deve ter ido ao mercadinho fazer compras.

— Fazer compras?

— Sim, porque estranhamento? _ Toda dona de casa faz compras?

— Mas isso é dever dos criados?

— Então explica para a senhora, por favor!

Absteve da inquisição e foi procurá-la pela cidade ao passar pela porta de um brechó viu a moça, conversando com um rapaz, em seguida caminhou-se até ela, quis saber com quem estava falando, no entanto era apenas um vendedor querendo fazer negócios.

— Já disse senhora será seu por somente cem réis! Disse o vendedor.

— Cem réis por um quadro de Napoleão? Exclamou Jorge.

— Jorge que diabos faz aqui? Perguntou a moça.

— Estava procurando-a, preciso conversar serio contigo.

A moça encarou assustada e depois voltou aos negócios com o vendedor que insistia em cem réis, mas Jorge também um ótimo vendedor quis arrebatá-lo:

— Não vale esse preço, consigo um novinho a preço variável com o mercador da venda a frente.

— Mas eu quero este, concluiu Lisa.

— Pague-o Jorge e logo vamos embora!

— Dou oitenta.

— Nada feito, disse o vendedor.

— Apresse Jorge pague o quanto ele quer e partiremos logo.

Por fim retirou uma nota de cem réis e deu ao vendedor que agradeceu e entregou o quadro;

— Boa escolha senhora, também tenho um grande prestigio por Napoleão Bonaparte, conclui agradecendo.

Nos últimos instantes seguintes houve exclusivamente vozes mudas entre ambos, Jorge que tanto quisera abrir-lhe o jogo estava perplexo perante a moça e não emanava uma minúscula palavra, suava frio que o suor poderia ser visto a distancia por outrem, a garota apercebeu sua inquietação e – ora, se não diz nada alguém tem que se expor né.

— Então Jorge Augusto o que tinha de tão importante para me comunicar?

— Referiu a mim pelo sobre nome, você só me chama de Augusto quando está bem seria.

— Claro que não, disse a menina, chamo-te assim quando bem quero...

— Não, não! Eu sei que...

— sabe o que, interpolou o rapaz com uma expressão má estampada na cara.

— Calma florzinha, não se altere.

— Quem está se alterando aqui e quem é florzinha, afinal?

— Vamos para com esse alvoroço isso aqui está um deus nos acuda.

— Mas você não diz logo o que tinha a me dizer!

— Está bem, vamos ao que interessa... Hum...

— Hummmm...

O rapaz tomou fôlego deu um suspiro fundo completado com uma tosse seca presa na garganta, olhou dentro dos seus olhos e segurando-lhe a mão com o sorriso que correspondia à mocinha a pediu que se preparasse para mais tarde, afirmou que encontrou um ótimo lugar para ambos jantarem

e que seria uma noite muito especial.

— O que? Meio chocada e boquiaberta retrocedeu a garota.

— Isso mesmo vamos todos jantar fora hoje!

A menina turvou a cara não sei se havia ódio, raiva ou somente melancolia no seu interior, quisera saber eu o motivo de sua mudança de estado, mas coração de mulher resguarda tanto segredos que são impossíveis de decodificá-los. Tomou caminho de casa não trocaram mais uma palavra sequer, outro em seu lugar tentaria procurara saber as conjunturas de frenéticas modificações em pouco tempo, todavia...

—Todavia, digo eu que, Jorge poderia até ser meio desnortado, entretanto não tolo, pelo modo como decorreu a cena a púbere exacerbou acreditando ser aquele o momento certo, porém o momento certo ainda há de vir, mas o que fazer para curar-lhe a prostração?

— Que diabos há contigo minha querida? Dona Leonor interrogou assistindo aquele espetáculo sem risos no grande show de lastimas de um pensamento só.

—Nada madre.

— Te conheço bem, quando conseguiu me enganar? Sei bem que esse rosto mirrado não foi por um cisco a toa.

— É que...

— Hã? Houve um meio silencio intercalando a conversa.

— Jorge!

— O que fez o miserável rapaz dessa vez minha pequena?

— Não madre, pior de tudo não fez nada desta vez!

Não compreendia nada do que emanava a menina, parecia filósofo falando aos leigos num linguajar incógnito, assentou a garota numa cadeira e deu-lhe um chá de erva doce para acalmar-lhe os ânimos.

— Beba meu bem!

A mocinha tomou o chá colocou a caneca de louça sobre a mesa, em seguida cruzou os braços e se debruçou com a cabeça sobre a mesa. Uma pequena lágrima escorreu em seu afável rosto, a pele macia e clara agora avermelhada e estarrecida, Leonor acariciou seus longos cabelos cacheados escuros e insistiu.

— Agora conte o que fez Jorge?

— Já disse não fez nada, nada mesmo, quando digo nada é nada mesmo, gemeu num tom melodramático.

— Então qual fundamento para demasiada angustia?

A menina então abriu o jogo para madre, contou-lhe que se encontrava num empório quando Jorge se aproximou necessitando urgente de sua presença e de um minuto de seu tempo, logo em seguida quando obteve esse tempo ele olhou tão profundo em seus olhos que...

— O que, fale.

— Não consigo, não consigo dói me recordar.

— Se não me dizer fica difícil te ajudar.

— Pensei que pediria minha mão, mas somente convidou-me para um jantar, pior nem me convidou obrigou-me a ir! As lágrimas desciam o rosto da garota como se fossem uma mina desabrochando do chão da terra, escorrendo pelas margens de seu rosto e indo tocar o chão.

Suspeitando da atitude esdrúxula do rapaz não se entorpeceu Leonor e perguntou.

— Quiçá esteja aguardando as surpresas para logo mais, não acha?

A menina olhou meio vulgarizada e meio sem jeito como se o que Leonor tivesse dito fosse à coisa mais cógnita do mundo.

— Será?

— Aposto cem réis que sim, reparei sua mudança de atitude hoje cedo e vi que tinha alguma coisa diferente com ele, dormiu tarde e por cima levantou cedo, como não faz isso de costume fique tendo com bem suspeito.

Lisa passou as mãos sobre os olhos no sentido de secá-los e conter aquelas miúdas lagrima, pensou um pouco e novamente passou a mão no rosto querendo dar uma risada sem graça, soltou um ínfimo gracejo — será se perguntava em seu interior — pode ser, respondia sua cuca desnuda de toda conjectura.

Toda Leonor soltou lhe os macacos ria sem parar, não agüentava se controlar nem se quisesse faria, nunca havia dado tanta gargalhada como daquela vez, por conseguinte Lisa acompanhou-lhe com risos e gargalhadas.

— Sou muito burra, como não pensei nisso?

— Não se menospreze querida, isso acontece ainda mais com pessoas apaixonadas um estilhaço é um bom motivo para chorar, concluiu dona Leonor aos risos exacerbados.

Neste ínterim, chegou Jorge e apercebeu o sorriso da moça — desconfiou, deixou as dúvidas escaparem pela memória, não perguntou e nem quis explicação, talvez em seu íntimo soubesse que Lisa dessa vez havia entendido o motivo do jantar a sós. Subiu até o quarto para escolher seu traje,

queria estar elegante e bem atraente – não precisaria tanto, beleza havia de sobra no rapaz e o que tinha de defeito sua fortuna ocultava.

Lisa logo voltou a si e com um gesto colocando a mão na testa disse:

— Preciso comprar um vestido novo, arrumar acessórios novos para a oportuna ocasião, é a noite mais importante de minha vida e quero estar bem trajada para agradar meu futuro console, ultimou a bela jovem com expressão apoquentada no rosto.

— Não se preocupe minha filha você ainda tem tempo de sobra, coma depois pense nisso.

— Madre venha comigo, irá ajudar-me no excreto.

— Mas, e o almoço?

— Esqueça o almoço as outras criadas dão um jeito, o importante agora é eu estar belíssima para a solenidade de logo.

Mal teve tempo de desamarrar a toca do cabelo saiu arrastada por Lisa, foi somente ao quarto pegar dinheiro e saíram freneticamente.

— Aonde vão com tanta pressa? Quis saber senhorzinho Jorge.

— Segredo nosso, saberá mais tarde, disse Lisa fechando a porta.

Partiram feitas loucas pela grande Paris olhavam para lado e outro tentando avistar uma loja que mais chamaria a atenção, aquele amotinado de gente ocultavam seus olhos, pessoas indo e vindo do trabalho, senhores passeando com suas consoles, adolescentes enamorando.

— Quanta gente, dizia Leonor.

— Deste modo fica difícil, teremos que perpassar loja por loja.

Acenou com a cabeça Leonor concordando com a menina, mas ficaram sem saber por onde começar – aquela ou esta? Uma conturbação em sua mente afligia seus miolos de passarinhos, por onde iniciamos? — Dizia.

— Vamos por aqui meu anjinho, começamos de cima para baixo nesta rua quando chegarmos ao final faz uma reflexão do que vimos e regressemos a melhor loja.

Então foram na primeira loja da rua [Boulevard de la Bastille](#) e mesmo com a simpatia das atendedoras não encontraram um que lhe agradasse, poderia até haver um, mas foi descartado pelo baixo preço do produto.

— Nesta loja não voltaremos mais, muito ti, ti, ti... Qualidade que é bom mesmo, nada. Proclamou Lisa com olhar aguçado para a madre.

Na loja seguinte das variedades que oferecia quatro que estavam sobre o manequim a seduziu.

— Só gostou de quatro?

— Sim madre, os outros não combinam comigo!

Até a dona da loja turvou a cara uma moça exigente e indeterminada, não queria nada decerto a não ser consumir todo o seu tempo. Todavia, antes de deixar a loja pediu à atendente que deixasse um vestido preto que muito lhe comeu com os olhos separados para ela que, assim quem pudesse regressaria e o comprara.

— Você então vai ficar com aquele? Perguntou Leonor ao deixarem a loja.

— Comprá-lo evidentemente que sim, mas se irei com ele são outros quinhentos.

Depois de percorrer todas as lojas da rua sem saltar uma sequer à menina ainda estava indecisa, não saberia com qual iria ou compraria. Aquilo afligia a cabeça.

— Acalme minha pequena compre os que lhe agradou e m casa você decide qual usar.

— Está bem, acho que um com a frente mais exposta, um simples decote é mais atraente, tem que ser longo também.

— Pelo jeito gostou muito daquele da ultima loja não é?

— Sim madre aquele é branco mais é o mais perfeito de todos.

— Então a leve filha e chega de baboseira.

— Ficarei com ele, porém passamos na outra loja para comprarmos o preto também.

Após os demorados minutos de apuramento chegaram a uma conclusão um lindo vestido numa loja bem nomeada na cidade, o preço bem elevado, mas a ocasião pedia, além dos vestidos que foram dois, levaram brincos e pulseiras e um lindo colar comprado na joalheria mais cara, ou seja, na mesma que Jorge comprou o anel, o colar composto de ouro branco finíssimo com uma exuberante pedra azul em formato de coração.

O relógio soava três da tarde quando retornou a casa, as damas estavam mirradas de fome, não haviam almoçado para sair.

— Avisei né, vamos após o almoço, disse Leonor.

— Ora, veja o relógio, se fossemos depois que hora chegaríamos, indeferiu Lisa.

Subiram para o quarto preparam tudo que iria usufruir naquela noite

de gala, nem Cinderela teria igual, se tudo tinha lhe faltava apenas o sapato de cristal, mas isso não foi um grande pepino, apressadamente foi à sapataria mais próxima e comprou uma digníssima sandália de salto alto negra que deslumbrava os pés pequenos da mocinha.

Para deixá-la pronta foram necessárias três criadas juntamente com Leonor que não queria perder um segundo daquele espetáculo infundado, antes das oito já estava arrumada. O cabelo negro encaracolado nas pontas a afortunava de beldade, olhar reluzente com brincos prateados na orelha e o colar sendo o centro das atenções, o vestido branco com decote enaltecendo os seios roubava a concentração de qualquer um que a visse.

— Como estou madre?

— Está divina querida, causaria inveja na rainha da Inglaterra.

— Não venha com hipérboles, sabe que a rainha da Inglaterra é a mulher mais cobiçada da Europa.

— garanto-lhe menina se o rei a visse logo desposaria.

— Vamos deixar esse disparate de lado.

— Como está meu marido? Continuou a menina.

— Está a sua espera lá embaixo senhora, proferiu uma das servas.

— Hum! Já está pronto, pensou consigo, e como ele está? Perguntou.

— Está para desposar uma mocinha hoje, disse Leonor gozando da menina.

Olhou novamente no espelho, ajustou o colar no pescoço, novamente deu uma chacoalhada no cabelo, ajustou o vestido na cintura, calçou as luvas que a enaltecia ainda mais – idéia de Leonor, dizia ela que assim aparentava

atriz de Hollywood, e as oito e trinta e dois a menina desceu as escadas da casa que ligavam o quarto a sala. O senhor Jorge estava do lado de fora da casa trajando um terno preto claro com uma gravata preta escura, também dispunha de uma cartola e um bastão negro que usava para se escorar de vez enquanto, não mudava muito a cara, porém as meninas de Paris diziam que aquele bastão lhe dava um grande charme.

Alem disso, ainda portava um relógio de bolso feito de ouro maciço que herdou do pai antes dele falecer, sempre que tinha reuniões importantes, bailes e outras solenidades importantes o levavam. Também trajava uma luva negra, noite fria em Paris deste modo se fazia necessário.

Quando Lisa apareceu através do espelho da porta e Jorge pode apercebê-la ficou a ponto de dar um ataque cardíaco, toda aprontada, bem trajada, - sim, uma mulher encantadora, dizia enquanto a babugem escorria pelo canto da boca, não se conteve abriu a porta para sua esposa deu-lhe o braço e foram juntos.

Disse ao tomar-me pelas mãos:

— Tu es magnifique...

Aquele Frances suave saindo lentamente de seus lábios infandos dava-me água na boca, não entendia o que dizia, mas está simplória frase típica dos cortejos parisiense não foi inaudita. Agradei o gesto e repliquei.

— Você também está perfeito, e fomos...

Um magnífico casal esbelto e requintado saiu ambos num Ford T dos Dodge, um carro muito caro que não pesou no bolso do senhorzinho. Deleitaram-se da viagem era a primeira vez dentro de carro de luxo lançado

há pouco tempo no mercado liso se vangloriava de ser uma das primeiras damas de Paris a lográ-lo.

Às nove horas entraram no restaurante e – foi um espanto para a garota, não havia ninguém somente os funcionários que estavam embutidos num terno preto, quando entraram Lisa foi diretamente recebida pela dona uma moça de vinte nove anos vestida casualmente para a ocasião, havia três garçons todos de smoking, uma banda de musica clássica no fundo do salão começou a tocar – tocar belas canções dos grandes mestres como: Mozart, Bach, Beethoven...

Tudo parecia um sonho e o rosto estupefato de Lisa demonstrava isso – um sonho sendo realizado, um filme que no final tem final feliz, isso sim que a mocinha imaginava.

— Apenas não entendo uma coisa.

— O que meu bem? Perguntou Jorge.

— Onde estão os outros clientes?

— Em casa ou em outro restaurante...

— Mas, por quê?

— Porque fretei este estabelecimento apenas para nós dois.

Lisa não entendeu o porquê de Jorge aquilo fazer, mas não interpolou mais deixou as coisas acontecer, esperou e a cada minuto esperava ainda mais – será que vai fazer-me o pedido? Brigava com sua consciência enquanto saboreava o melhor vinho de toda França – não é uma hipérbole leitor, sim era o melhor vinho da França.

— Nossa esse vinho é inefável, uma tonalidade que se iguala a nona

sinfonia de Beethoven...

— Não exagere meu bem!

— Não, não estou exagerando ele é tão prazeroso quanto à canção que os músicos estão tocando.

Jorge acarou a garota e deu um sorriso daqueles que a gente solta quando conseguimos algo que queremos.

— Qual o porquê do riso?

— Você está muito feliz.

— E não deveria; você aluga um restaurante só pra mim, traz um concerto com as minhas musicas preferidas e alem disso todos os funcionários a meu dispor, como não poderia estar?

Houve mais risos ainda não apenas de Jorge como de Lisa e da dona que os espreitava de longe para que nada os faltasse à mesa. Depois de uns trinta minutos quando já estavam muito satisfeitos e nada mais conseguiria comer, Jorge acenou para a proprietária dando sinal que poderia trazer-lhe a surpresa e assim sucedeu.

A música parou, literalmente parou, então discorreu um garçom com uma bandeja que portava uma caríssima garrafa de espumante (champanhe do bom) e serviu aos enamorados, lisa não queria mais foi coagida por Jorge que por fim aceitou fazer um drink, quando estava finalizando sentiu alguma coisa incomodar a língua e o devolveu a taça quando olhou – decerto iria brigar, mas... O que é isso?

— Seu anel de noivado, dizia Jorge, tomou o anel nas mãos e ajoelhando disse as quatro palavrinhas mágicas.

— Aceita ser minha esposa?

A moça sobrepôs à mão no peito num gesto ofegante, como quem não desconfiava de nada e após fazer uma breve avaliação no anel.

— É lindo...

— O que?

— O anel, disse ela.

— Mas...

— Mas o que?

— você não disse se aceita ou não o pedido que acabei de fazer.

— Aceito! E continuou...

— Mas com uma condição...

— Como assim condição?

— Simples e bem fácil, subirei ao altar como lhe prometi que faria, mas somente levada pelas mãos do meu irmão.

— Aquele que sem piedade lhe vendeu?

— Já disse que não quero que o trate assim e nem toque neste assunto, proferiu lisa franzindo a testa.

— Aonde anda este individuo para que possa encontrá-lo?

— Está no Brasil preso no porão do árduo Fernando Freitas.

— Então terei que voltar ao Brasil?

— Nós teremos! Afirmou a moça admirando mais uma vez a beleza do anel.

— Mas e se acaso ele estiver morto? Talvez já tenha falecido!

— Não importa só sabereis depois que lá estiver e me for provado.

Jorge coçou a cabeça, passou a mão na barba sentindo o cavanhaque, sacudiu o paletó pegou a cartola e a sobrepôs na cabeça em seguida a tirou novamente com demasia inquietação.

— Não tem outro jeito? Interrogou.

— Ora Jorge, sabes muito bem a condição que lhe impus agora depende de você, sei que devo-lhe muito e nem se tivesse todo dinheiro do mundo poderia saldar minha dívida contigo, mas senão fazer o que foi lhe imposto terei que quebrar minha promessa e mudar o rumo de minha felicidade ao primeiro que consentir, creio eu que Paulo Cesar não recearia como tu.

Jorge engoliu seco aquele disparate da menina, o cenário de quem na chegada dava risos de alegria agora dava murros nas paredes – maneira de falar. Todos aperceberam o desenvolver da conversa então para não deixar que nada pudesse dar mais errado a dona acenou aos músicos para tocar uma breve e suave canção para amenizar e acalmar os impulsos negativos do casal.

— Está bem! Disse o rapaz.

— Como disse?

— Está bem se é isso que você quer seja feita tua vontade, partiremos amanhã a tarde e logo que voltarmos marcará a data do nosso casamento numa grande festa lá em casa.

Lisa riu e abraçou fortemente o noivo, ele por sua vez a tomou nos braços e a beijou como nunca tinha feito e como ninguém com seu

consentimento jamais o fez.

— Atenue os instintos meu bem, ainda não somos casados, indagou Lisa ouvindo o rapaz murmurar de raiva.

Estava feito regressariam ao Brasil logo a tarde do outro dia, dizia Lisa, agora era implorar a Deus que Damastor estivesse bem, porém já se passaram seis a sete anos como estaria o pobre coitado, nas condições inadequadas e ininterruptas sempre na mesma miséria, haverá homem que possa sobreviver a este exílio? Afligia a moçoila, porém não mudaria sua idéia regressaria ao Brasil – país bastardo onde deixou toda sua míngua, “o dinheiro tira o homem da miséria, mão não tira a miséria do homem” esta sentença enclausurava a consciência da jovem, um passado paupérie, um presente pecunioso e um futuro a deriva. Será o que espera por mim? O que devo esperar?

Já em casa as coisas obtiveram um ar da graça, aquele futuro jovem casal com seus sonhos, planos e de malas prontas para o Brasil. Partiriam no trem das seis, Lisa teve ajuda com suas coisas enquanto Jorge Augusto levou pouca roupa sentiria que não iria ficar por tempo bastante. A noite parecia incoar, ao menos para Lisa que não conseguia pregar os olhos por um minuto – tudo perfeito... – não tinha como ser melhor, cogitava a menina.

Trem das seis

Eram seis horas quando partimos; uma tarde fria teve que nos encapuzar – foi preciso, com as malas sendo carregadas por um criado até o bagageiro e daí despediu ouvir o sinal do trem dando sua ultima buzina, lá se foram eu e Jorge, acenando da janela. Usufruímos da primeira classe um belo vagão bem aconchegante parecia estar continuando o sonho do dia anterior – uma Senhora, dizia pra mim mesmo. Não demoraria muito, a viagem a noite adiantaria bastante e também economizaríamos com gastos desnecessários, sem parada e sem tempo para degustações estaríamos no rio de janeiro pelas sete ou oito da manhã.

Se tudo que lhes contei sucedesse de verdade não tardaria em ver meu irmão, no entanto felicidade durou pouca – até quando se é rico. A locomotiva deu um problema nas engrenagens que nos deixaram inertes por três horas consecutivas. Que lastima, fiquei tão aguçada com aquele revés, mas Jorge acariciava minhas mãos, apertava-me em seu peito dizendo palavras de conforto;

— Tudo vai dar certo, não precisa se preocupar...

— Mas...

— Chega de, mas e, mas espere e verá.

Torcia os lábios mordendo a língua, franzia a testa mal humorada se lamentando das horas perdidas do tempo precioso em vão.

— Durma! Você está bastante alterada, não é bom para uma moça de sua idade ficar desse jeito.

Mas não conseguia, era impossível fechar os olhos ainda mais com o

barulho dos outros viandantes inquietos de preocupação como a mim. Resmunguei mais vinte minutos até que por fim fechei os olhos deitando nos braços do meu noivo, que por todo tempo acariciava meus longos cabelos.

Acordei assustado o trem ainda estava inerte, mas quando me fiz olhar pela janela ouvir a voz de Jorge me chamando:

— Anda amor chegamos!

— Chegamos onde afinal? Perguntei.

— Estamos na estação de Duque de Caxias...

— E como chegaremos a Barra Mansa?

— Simples meu bem fretaremos um veículo e antes do meio dia estaremos lá.

Levantei e sai sem dizer nada meio confuso – quando deitei estávamos parado e agora já tínhamos chegado, que baita confusão. Perguntei às horas Jorge respondeu:

— São dez e meia.

— Então como chegaremos meio dia se são umas vinte léguas de distancia?

— Não exagere meu bem!

— Não levantei nenhuma hipérbole!

— Daqui a Barra Mansa são somente 112 km de condução dando um total de uma hora e vinte se atrasar muito uma hora e meia ou quarenta.

Permanecia ali esbarrada ao trem até que este fez novamente seu trajeto, Jorge mantinha e aparentava ter relações com todos moradores do

município, não havia um que não passasse por ele e não o cumprimentasse, cheguei a ter ciúmes né, umas senhorinhas cariocas medíocres o saudou de maneira bem íntima – confesso que desconfiei, mas o pilantra indagou que eram apenas negócios, fazia parte do trabalho.

— Negócios! Há sei... Sei bem que tipos de negócios...

— Pode até me ludibriar, mas não vá pensando que sou de toda tola, há de você se me trair com uma dessas vadias arranca-lhe isso que tu tens entre as pernas, pensava a moça espreitando Jorge enquanto ele cumprimentava os demais. Neste ínterim, apareceu um jovem rapaz de uns vinte e sete ou vinte e seis – quase da idade de Jorge.

— Olha quem resolveu aparecer!

Jorge olhou de repente e parecendo reconhecer aquela voz, correu em sua direção e deu-lhe um abraço.

— Como está Levi, há quanto tempo não o vejo?

— Estou sempre aqui homem, do mesmo modo que estava quando você partiu pra França e nunca mais voltou.

Os dois pareciam ser amigos de muitos e muitos tempos, decerto não se via há um tempão e quando digo tempão é tempo demais mesmo, eles se conheceram quando tinham quinze anos.

— Vixi... Disse Levi e continuou...

— Há nove anos que não nos vemos como pode isso?

— Olhe para você amigo está muito melhor do que da última vez que nos vimos, a vida sorriu para você né parceiro.

— Sorriu para mim? É você que anda por todo continente forjando

negociações e eu que estou melhor?

— Venha quero te apresentar, está é Lisa minha noiva!

— Muito prazer senhorita!

— O Prazer é meu...

— Sabe Levi o que você e Lisa têm em comum?

— Não, mas acredito que nada, como eu um sujeito miserável pode ter semelhança com esta formidável moça?

— Ambos são bem exagerados... Murmurou Jorge dando risadas, porém Lisa não achou graça nenhuma da piadinha do noivo.

— Jorge Augusto está perdendo tempo arrume logo um carro pra irmos senão eu mesma irei arrumar e vou sozinha...

— È alguém não gostou da brincadeira, proferiu Levi.

— O que vocês estão precisando? Perguntou o rapaz.

— Precisamos de um carro que nos leve até Barra Mansa.

— Por que não disseram antes, levá-lo-ei pela nossa amizade, vamos ao meu carro e será tudo grátis.

Os olhos arregalados de Lisa e Jorge demonstraram tamanho espanto com a situação devida, para quem um dia foi um simples menino brincando de pique pega, amarelinha entre as ruas, hoje se encontrava no mais enaltecido patamar.

— Tem certeza que ele já foi um infelizmente?

— Sim querida, mas os tempos mudam sempre mudam, não deveria se assustar você é prova viva disso.

— É verdade! Às vezes me esqueço que já fiz parte da miséria.

— Não diga mais isso, miséria é só o demo...

— Então vamos senhores que não posso tardar, e saíram rumo a Barra Mansa num Ford T preto bem elegante, durante a viagem os velhos amigos pouco falaram, mas certo interesse na vida do outro sempre cresce em alguém.

— Então Levi se casou?

— Há dois anos caro amigo, me casei com a mais bela do Rio de Janeiro uma carioca legítima que curti tomar uma cerveja e um sambinha no fim de semana.

— Nossa que bom parceiro, está poderoso e bem de situação, como comprou o carro?

— Está formosura foi presente do sogrão, todos riram muito.

— Já tem filhos? Lisa perguntou seriamente para o rapaz para saber se ele era um bom homem ou apenas um bom aproveitador, desses sujeitinhos que se acham em qualquer esquina.

— Ainda não, mas Jussara está grávida de seis meses, estou na espera com os mosquitos me devorando para saber que será a criança, para ensinar tudo para o pequeno ou a pequena, abraçar, passear são inúmeras coisas que me corrompe a cabeça somente de pensar.

Havia verossimilhança no dialogar do rapaz e não casou para aproveitar, no entanto gostava da moça, isso era inegável dava para perceber em seus olhos os brilhos luminosos ao falar da criança que há de vir e na console.

— Escolheu o nome?

— Ainda não, mas se acaso for menino quero que seja um nome bíblico tipo Zaqueu, Mateus, Paulo e... Há não sei mais... São tantos que...

— E se, acaso for menina que nome dará?

— Se fosse menina tínhamos combinado que Jussara a nomearia, porém acho que irá coroá-la com o nome da avó, Madrilena Soares.

— Oh! Que belo nome, estou impressionada com tanta genialidade.

— São estas coisas de querer homenagear avôs né, vai entender.

Lisa averiguou que o sexo feminino advindo não traria tanta glória do que o masculino, o machismo ainda reinava soberano neste mundinho esquecido.

— Estamos muito longe?

— Nada senhorzinho mais dez minutos de viagem e estaremos lá.

A moça abriu um sorriso reluzente que os dentes brancos clareavam ao resplendor do sol, depois de quase sete anos iria rever seu abandonado irmão – como estará o infeliz? — Será que se lembra de mim? – irá reconhecer-me?

Tinha tanta esperança que levantar conjecturas pessimistas é criar rincha em vão, mesmo com os contratempos com os erros acometidos pelo infeliz ainda sentia amor e comiseração pelo homem.

— Chegamos gente sejam bem vindos a Barra Mansa! Disse Levi num tom irônico.

Lisa reconheceu aquela velha placa na entrada da cidade que trouxe más lembranças de um tempo que nunca há de esquecer, chorou por Lena ao

lembrar que a pobre moça foi ceifada ali, depois dos maus tratos e das humilhações agora lhe demasiava a glória, está que jamais irá compartilhá-la com sua irmãzinha.

— Está chorando meu bem?

— Não apenas um cisco importunando as vistas.

Disfarçava bem, mas um cisco machucaria as vistas não o coração, enxugou as lágrimas e deu um suspiro fundo, um ar da graça que saía de suas narinas agora era ter esperança de encontrar Damastor vivo e foram, redirecionaram ao lugar indicado por Lisa do qual Jorge conhecia muito bem.

O Regresso

Era uma tarde de sol um vento fresco soprava nos arvoredos da simples cidadezinha, o relógio da igreja indicava meio dia e cinco, enquanto o que estava no bolso de Jorge subtraia três minutos a menos, um povo trabalhador e extenuado iria à busca do almoço, enquanto três civis iriam à procura de litígio, entraram-se os três, para o espanto de todos ali de dia funcionava uma taberna e a noite a velha casa noturna, tudo mudou aos olhos de Lisa, mas para Jorge estava o mesmo, as mudanças rotulavam apenas um fim, o lucro.

— Bons tarde senhores! Posso ajudá-los?

— Sim! Precisamos ter uma palavrinha com seu chefe ele está? Disse Jorge, enquanto lisa e Levi esperavam mais atrás.

— Desculpa senhor, mas o patrão acabou de sair agora deve retornar em alguns minutos, que tal esperar-lo, enquanto esperas se assente em uma mesa e posso servi algo para vocês se assim desejar.

Consentiu acenando com a cabeça e ficaram ali os três, nisso uma moça de uns vinte e cinco anos lhe foram servir-lhe.

— Então senhores o que desejam?

— traga-nos o prato do dia e um belo vinho, o melhor que tiveres, completou Jorge.

— Parece que Felícia não me reconheceu!

— Como? Aquela é Felícia?

— Sim meu bem! Aquela é quem usurpou seu lugar nesta espelunca.

— Então vamos levá-la.

— O que?

— Sim ela não merece viver presa aqui por uma barganha idiota que vocês fizeram, ela não é bicho e tenho dito.

Quando a moça foi servir a mesa delicada e com muito bom jeito Jorge indagou,

— Não me reconhece moça, a menina parou olhou bem.

— Não porque, devo?

— Era uma de minhas criadas não se lembra?

— Jorge Augusto! Suspirou fundo a jovem e palideceu todo corpo.

— Mas é o senhor mesmo?

— Sim Felícia! Quem mais seria?

— O que te traz aqui nesse fim de mundo senhor, não veio apenas para negocio né?

— Vim em busca de duas pessoas e uma já encontrei.

— Quem eu?

— Sim...

— Vai me levar novamente?

— Vou porque não que ir?

— Claro que quero não sabe o quanto esperei por este dia, mas e a outra pessoa quem é?

— Damastor conhece?

— Damastor... Só conheço um prisioneiro com esse nome.

— Sim é por ele que viemos.

— Terá sorte se ainda estiver vivo coitado, mal é lhe dado o de comer, tudo que ele tem são as sobras (restos que não são consumidos) e eu o dou escondido.

Meio a essa conversa paralela foi chegando o senhor Fernando Freitas com sua esposa:

— Ora, veja quem apareceu, já dizia aquele velho ditado “quem é vivo sempre aparece”!

— Fernando Freitas quanto tempo não o vejo velho amigo, olhe para você está tão diferente, muito mais forte que da ultima vez que nos vemos e esta belíssima senhora não me vai dizer que seja sua esposa?

— Apresento-lhe a senhora Freitas, Fátima Freitas!

— Prazer Senhora!

— O prazer é todo meu senhor!

— E está ao seu lado Jorge não vai me apresentar está bem-apessoada senhora?

Jorge franziu a cara não gostou muito do modo que Fernando espreitava Lisa, ainda mais pelo passado que carregava nas costas em saber que a comprou do próprio mofino, Lisa também não se demonstrava nem um pouco de simpatia por toda aquela parolasse, ao menos teve bom senso em sorrir pára Fernando Freitas.

— Não preciso apresentá-la não discerne a menina da qual fizemos uma barganha?

Fernando engoliu seco engasgando com o próprio ar que percorria sua

garganta, boquiaberta olhava para a menina e enfim após uma breve averiguação começou a distinguir traços da menina de muito tempo atrás com a de agora.

— Não é possível...

— Não é possível o que Fernando? Perguntou lisa.

— Ser você...

— Mas é claro que sou eu, não está me vendo, seria mais quem?

— Mas está...

— Está... Hã?

Fátima deu-lhe uma tapa nas costas:

— Vamos homem desembucha.

— Está magnífica, como pode, parece uma dama de verdade.

— Eu sou uma dama de verdade, ou acha que sou apenas fruto dos seus meros devaneios?

— Não era isso que quis dizer.

— Mas disse e, chega de circunlóquios já me cansei deste discorre, vamos direto ao que interessa, não quero ficar mais que o necessário neste fim de mundo.

Neste instante os ali presentes se calaram e acararam serio a garota que se pronunciou num tom arrogante de quem tivesse apenas ódio ao invés de amor no coração, então Jorge tomou a palavra.

— Prezado Fernando, minha vinda aqui tem um objetivo.

— Claro! Estou certo disso não cruzaria o país para apenas visitar-me.

— Deixe-me terminar, por favor!

— Certo prossiga.

— Veja bem, tomei a mão de Lisa semana passada e em exíguo vamos nos casar, porém Lisa somente tem de família Damastor e é o único que ela permite acompanhá-la até o altar e, pelo que o sei se encontra enclausurado em suas províncias, peço pela nossa amizade a liberdade deste homem?

Fernando Freitas ficou pálido não pelo pedido de Jorge, todavia pelo casamento da plebéia e do patrício.

— O que Fernando você enclausura um home em sua estalagem? Interrogou Fátima com os olhos selvático para o marido.

— Sim, mas...

— Mas o que?

— É um prisioneiro tentou me roubar.

Lisa ficou de pé e dizendo num tom colérico disse:

— Não lhe roubou nada apenas estava tentando devolver-nos a liberdade da qual tu mesmo nos privou.

— Nós quem? Disse Fátima.

— Eu e minha irmã, se não sabem senhores esse individuo malévolo deixou por vontade própria minha ingênua irmã Lena falecer.

Lisa não se segurou quis arrancar-lhe os dentes da boca partindo para cima do bastardo.

— Acalme-se Lisa, disse Jorge.

— É verdade Fernando o que essa mulher acabou de dizer?

— O que?

— Isso mesmo que você ouviu, ela a irmã dela e seu irmão.

— Não é meio verdade, mas foi tudo negócios!

— Que tipo de negócios onde a morte no meio?

— Eu as comprei de seu irmão e uma delas adoeceu depois e não havia cura.

— Havia sim seu miserável... Sussurrou lisa.

Fátima continuou a inquisição.

— Como assim as comprou de seu irmão?

— Estava eu em uma cidadezinha vil do interior que mal me lembro o nome e encontrei um sujeito que me ofereceu suas irmãs por duzentos réis, agradou-me a idéia teria duas servas, paguei, mas depois o infeliz tentou as tirá-las de mim.

— Isso é negociação de se fazer, é a vida de uma pessoa, não duas, será que preciso ensinar boas maneiras? Vamos solte esse pobre rapaz agora, disse Fátima com ódio no olhar.

— Mas...

— Nem um, mas!

Caminharam todos para o interior do casarão Jorge e Lisa, também Fernando e Fátima e felícia os acompanhou, após chegar numa sala escura trancada por uma porta, pegou Fernando num dos bolsos uma chave destravou a porta e no chão retirou um tapete que cobria uma passagem,

levantou uma simples fenda e olhando lá para vasta escuridão gritou:

— Damastor!

Pela primeira vez Damastor sentiu uma gota de esperança em sete anos nunca tinha ouvido daquele orifício uma voz masculina e, sobretudo naquela altura, o extenuado rapaz caminhou em passos sucintos ao clarão da luz que lhe vinha às vistas. Damastor depois de sete anos já era homem, deveria ter uns vinte um ou vinte e dois – não sei mais, já perdi a conta. Discerni-lo aquela altura seria impossível, já não havia suínos ao seu redor, menos mal, porem agora auto se fizera um suíno, seus cabelos estavam grandes, grandes e embaraçados, suas unhas também haviam crescido e escancaravam-se longe as sujeiras que a acabrunhavam, da sua roupa restava-lhe apenas uns meros fiapos que mais duas ou três semanas terminariam de amofinar, logo foi retirado do lugar que há muito tempo lhe serviu de morada.

— Como está meu irmão?

— Lisa! É você mesmo?

— Sim...

— Mas... Mas como?

— Longa historia, teremos muito tempo depois para falarmos sobre isso o importante agora é você tomar um banho se vestir que logo partiremos para Paris.

— Paris?

— Sim, você não sonhava em conhecer a grande cidade francesa; os bulevares, os vinhos...

Felícia logo cortou a conversa e levou o rapaz para se lavar num banheiro no canto direito ao fundo do casarão.

— Depois vocês terminam esses colóquios, proferiu Felícia arrastando o rapaz para dentro do banheiro.

Nisso, enquanto Damastor se banhava roupas de seu Fernando a mando de Fátima foram encaminhadas para o rapaz vestir, além disso, cortou as unhas e um barbeador foi chamado para fazer umas modificações no seu visual. Quando terminaram todas as angarias Damastor não era mais o mesmo, uma mudança surpreendente – difícil de acreditar vai por mim, um rapaz belo de pele morena, com olhos claros, e um sorriso até bonito, apesar de estarem bem esguio as roupas de Fernando Freitas lhe serviram bem.

Depois de todos os problemas resolvidos e dos colossais deixados de lados, chegou a hora de partir.

— Vamos Damastor não pretendo ficar um segundo a mais nesta espelunca!

— Hein! Mais respeito, por favor, disse Fernando.

— Vá pedir respeito do diabo seu miserável!

— Controle-se Lisa, disse Jorge, já está tudo resolvido falta pouco para irmos embora.

— E nunca mais voltar...

— Lisa... Por favor...

— Mas tem uma coisa... Damastor murmurou.

— O que? Todos pronunciaram de uma só vez.

— Não saio daqui sem Felícia!

— Nós também não, por isso ela vai com a gente, disse Lisa de forma exarcebado, e continuou.

— Por bem ou por mal, mas de alguma forma ela vai.

— Mas, vocês são loucos; tiraram-me o prisioneiro agora querem levar minha criada!

Lisa encarou com olhar malévolo Fernando de aqueles olharem que você cumprimenta, mas a vontade era de socar. Espreitou o futuro marido dando-lhe sinal se não argumentaria nada e não o fez mesmo, Jorge não poderia constranger e nem perder a confiança do amigo, pois era um bom parceiro para seus negócios, então Lisa tomou a palavra novamente:

— Ela vai conosco sim e, não quero ouvir nenhuma abjeção caso contrario chamarei a policia e tu sairá daqui preso seu infeliz.

Fernando arregalou os olhos não acreditava que aquela menina demasiada de afoiteza um dia foi sua serva, a maneira de falar de se expressar sem medo, com sabedoria transbordando-lhe a cuca, arrependeu-se mil vezes de ter deixado-a partir anos atrás. Abaixou a cabeça e após uns puxões de orelha ofertados pela esposa consentiu com a deixa de felícia.

— Felícia junte suas roupas e vá com Jorge Augusto, está livre para fazer o que quiser agora, suas dividas aqui já foram pagas.

A jovem balançou a cabeça, correu ao quarto onde dormiu por sete anos, juntou seus agasalhos que não eram muito bom nada, todavia servia para o oficio e seguiu Damastor e sua irmã, na saída acenou-lhe com as mãos despedindo de Fátima que era meiga e doce como um anjo enviado do céu para dar paz ao diabo na terra.

Ao contrario de todos Levi somente assistiu aquele espetáculo

gratuito, em nenhum momento levantou a palavra, entraram os cinco no carro e partiram, voltariam a Duque de Caxias e novamente retornariam a Paris, se não fosse à idéia estúpida de Damastor para voltarmos a Curitiba e rever nossa velha casinha e saber como ainda estava – se é que ainda estava lá!

— Não, não pretendo mesmo por os pés naquele maldito lugar, do qual não tenho recordações nenhuma, nada que me traga momentos bons, disse Lisa.

Damastor insistiu, todavia até Felícia assentiu que era má idéia e resolveram deixar o passado no passado – é meu amigo, já dizia aquele velho ditado, “águas passadas não movem moinhos”.

Posteriormente, depois de duas horas dirigindo estavam de volta a Duque de Caxias, apenas pararam em uma lanchonete para comer alguns salgadinhos para tratar de ludibriar a fome, compraram a passagem e esperaram pelo trem das seis.

— Que coincidência.

— Porque diz isso meu bem, interrogou Lisa.

— Ora, o trem sai de Paris a seis e volta para paris também as seis, não é suspeito?

— Ora, não quer dizer nada, pode até ser um pouco duvidoso, no entanto nada de mais.

— Aquilo sim é chocante, disse a menina.

— O que meu bem?

— Repare no tanto de salgadinhos que Damastor já comeu e preste atenção no jeito que ele os devora.

— Normal muito normal pra quem esteve sete anos alimentando-se de restos.

A menina concordou com o noivo e ficaram os dois passeando pelas ruas de Caxias, enquanto Damastor e Felícia conversavam assentados num dos bancos da praça, Levi há esta hora já havia partido e voltado para sua família, o tempo passou depressa, todavia Damastor nem apercebia – decerto para quem esteve sete anos assistindo o sol nascer quadrado, o que lhe restava era sentir o vento em seus cabelos, o brilho do sol em seu corpo, conhecer um mundo novo e a começar por Paris.

— Felícia, eu não posso deixar de agradecer-te novamente sem você nunca teria sobrevivido naquele inferno!

— Não precisa agradecer nada querido só prometa-me uma coisa.

— Diga-me catita como posso compensar os setes anos de calabouço do qual me confinaram pelos meus pecados.

A moça riu meio sem graça olhou em seus olhos, aquele olhar afundado pela avareza.

— Ame-me, ame-me sempre, todos os dias a cada dia mais!

— Amo, eu a amo, a amarei para sempre até meu ultimo suspirar.

Ambos deram-se as mãos, ele a acariciava de um trejeito tão sensível que a menina via seus pelos do corpo arrepiarem-se todos. Poderia ser ali, o primeiro beijo, porém Felícia resistiu e pediu que esperasse o momento certo à hora mais oportuna, não queria forjar ilusões, visto que ainda não confiava nos sentimentos do rapaz.

O ponteiro do relógio foi se aproximando das seis e dez minutos antes do horário o trem já estacionava na estação, disseram apenas adeus para

Duque de Caxias, não havia muito do que levar nem na memória nem para contar, levou consigo somente o que os empanzinavam e logo seria excretado (perdoe-me as palavras que causam repulsas) do mais, nem roupas, nem calçados, nem ao menos objetos de enfeites, o trem deu partida e ficaram a espreitar pela janela enquanto Caxias se perdia ao conspecto.

— Tarde fria! Reclamava Lisa a Jorge Augusto que apenas assentiu com a cabeça, pensamentos pairando outros horizontes.

— O que aconteceu Jorge?

—...

— Ei! Não vai me ignorar assim?

— O que? Que foi?

— Não estava me ouvindo, te perguntei o que aconteceu?

— Nada...

— Nada não deixa ninguém em devaneio arraigado não querido.

— Mas não é nada, estava pensando comigo mesmo sobre tudo que aconteceu a você, Damastor e a sua família.

— Pensando o que sobre nós?

— Há sei lá, veio na cuca a idéia de seu pai ter abandonado vocês quando pequenos, depois sua mãe morreu, seu irmão as vende, depois se arrepende e vai em busca de vocês em outro estado, logo após encontrá-las é capturado e aprisionado por onde sobreviveu sete anos, sua irmão mais nova morre; eu a conheço me apaixono, concedo-lhe minha hospitalidade, resgatamos seu irmão e vosmecê está prestes a se casar comigo, isso com que parece?

— Acredito ser pura coincidência do destino, as sagradas escrituras predispõe “Deus escreve certo por linhas tortas”.

Jorge deu algumas gargalhadas em seguida ironizando a forma pela qual a futura cônjuge usou para expor seu ponto de vista na situação.

— Qual o motivo de tanta chacota?

— Não esperava essa resposta de você.

— Porque não? O que você acha que venha parecer?

— Para mim, enredo de novela mexicana, Jorge proferiu com novas gargalhadas.

Lisa não gostou, mas Jorge dava tanta risada que por fim alguns ínfimos gracejos lhe escaparam a boca, como dizem os chineses “se não se pode vencê-lo junte-se a ele”.

Enquanto riam dos infortúnios da vida aperceberam que na poltrona de Felícia e Damastor o silencio deleitava-se, ambos estavam dormindo, decerto em sete anos era a primeira vez que Damastor se escorava em um objeto macio e suave, Felícia extenuada pelos afazeres naquela maldita casa – casa esta que quiçá num futuro próximo contar-lhe-ei sua estória de cabo a rabo.

Fizeram silencio para não atrapalhar os mocinhos, todavia poderiam estourar balões que nada os tiraria do transe.

— Precisamos começar a planejar os preparativos da festa de noivado, o que me diz? Perguntou Jorge.

— Temos mesmo, mas vamos deixar isso para Paris, quando lá chegarmos ai sim verá o que poderemos fazer.

— Sabe bem que quero uma grande festa de noivado e maior ainda de casamento, a menina olhou para o rapaz e examinando seu entusiasmo resolveu ceder umas palavras.

— Pouco importa para mim, grande solenidade ou uma simples cerimônia, sabes muito bem que não me importo com isso, ainda mais que só vai aparecer grã-fino exibido e de nariz rebitados.

— Claro que não, Jorge intercalou a menina, meus amigos e meus familiares são bem-proporcionados exceto...

— Exceto?

— Exceto tia Doninha, mas você já está acostumada com suas manias bobas e pretensiosas.

— Não! Ela é o de menos, sua ambição não se discute, sinto pena mesmo é de Sophia coitada que terá de se casar a força com qualquer um boa pinta arraigado de grana.

— Também sinto pena da coitada, a irmã mais nova nem pode escolher um futuro, bastou um sujeito rico aparecer e deu-lhe a filha como se fosse um bichinho de estimação.

— É dinheiro às vezes não é tudo para alguns, no entanto para outros está acima de tudo.

— Então porque não quer uma solenidade para nós de marcar época, se existem poucas inconformidades a meu ver?

— Não o problema é...

— Fale meu bem que problema pode-se abrir comigo.

— Não quero esbanjar dinheiro com pouca coisa.

— Ora essa, nossa festa de noivado é pouca coisa?

— Claro que não, todavia...

— Todavia...

— Todavia, não quero coisa grandiosa com tanta gente, quero uma coisa simples, com pessoas simples, para a gente usufruí-la mais.

Jorge não ficou nem um pouco satisfeito com a atitude da menina, ainda mais que se fosse casar saberia pela promessa feita com Paulo que ambos hão de subir ao altar juntos, então quanto mais impressionante for mais inveja há de causar no rival, deixou o assunto morrer foi fechando os olhos pouco a pouco, tentando silenciar aquele assunto, parecia desfalecer, deixou que o sono o tomasse.

Lisa observou friamente o rapaz e o modo pelo qual logrou para escapar do assunto, conhecia seus interesses e também suas cobiças suas ambições, eram incertas que algo simples lhe agradaria ainda mais sendo criado em berço de ouro, tudo que fosse extravagante e caro que pudesse causar invidia nos demais lhe convinha. Adormeceram-se ambos um encostado no outro e a noite sucumbiu tudo.

Noutro dia acordaram ouvindo aquele som aguçado do trem de ferro parando lentamente eram seis da matina, uma manhã fria e nublada em Paris desembarcou e foi caminhando pelas ruas hiperativas da grande cidade parisiense, para Damastor tudo era novidade; as grandes lojas, os Boulevard, os teatros, cinemas, as grandes telas espalhadas pela cidade, enquanto para Felícia tudo continuava sempre igual como deixara há sete anos.

— Parece que nada mudou né, sempre mais do mesmo...

— Como assim Felícia, muita coisa mudou não percebe?

— Mudaram as pinturas e as técnicas de edificar, no entanto Paris será sempre Paris!

Ninguém entendeu ao certo o que a jovem queria dizer, ou disse, ignoraram e prepuseram a apresentar as novidades a Damastor que ficara encantado com tanta beleza.

— Vamos gente, vamos para casa Leonor há esta hora estar nos esperando com o almoço pronto, disse Jorge Augusto.

— Almoço? Interrogou Lisa, _Isso lá é hora de almoço?

— Você como ninguém conhece muito bem Leonor né Lisa, então não é nenhuma novidade?

Foram-se os quatros em dois pares, dois casal, que se por sorte tivera e o bom Deus abençoasse logo subiriam ao altar, percorreram em torno de uma hora e alguns minutos e ali estava de frente à casa de Jorge, Damastor ficou de boquiaberto ao vê-la, uma imensa casa – uma mansão, dizia ele, como se fosse um sonho saiu d’água para o vinho, entraram já eram umas sete e vinte, não encontraram almoço, porém Leonor preparou o maior banquete que já se viu naquela casa, um café da manhã esplêndido com direito a tudo que a burguesia tinha direito.

Depois das apresentações dos abraços e apertos de mãos postaram-se a mesa para degustar aquelas delicias, todos tinham e usufruíam boas maneiras a não ser Damastor que comia como um esvaído, não tinha o mínimo de interesse em saber para quê servia aquelas facas, taças e talheres ao redor de seu prato.

Uma visita inesperada

Se contasse não acreditaria, mas com todo respeito que tenho pelo amigo (a) leitor, não obrigo a acreditar, mas acredite, antes das sete e meia chega naquela mansão o doutor Paulo Cesar adjunto de Sophia, era de se espantar, pois desde a saída de Jorge e Lisa não havia colocado os pés naquela casa e agora aquela visita inesperada, como dizia os antigos – ai tem coisa!

— Bonne journée, disse Paulo com seu francês habitual.

Jorge e Lisa retribuíram com a mesma expressão, somente Damastor que não entendeu nada, mas não foi problema Felícia explicou tudo a ele, se ofereceu para sentar a mesa com os outros que logo concordaram.

— Fique a vontade, a casa é sua, disse Jorge.

— E então quais as novidades? Perguntou Paulo.

Com um gesto cortês responde Jorge ao rapaz.

— Fomos a Paris buscamos o irmão de Lisa e também trouxe de volta minha criada, e eu e Lisa vamos nos casar, aquilo foi um choque para Paulo que os espreitou com receio.

— Casar é?

— Sim amigo, vamos nos casar!

— Também tenho novidades!

— Então nos conte, sou muito curiosa, exclamou Lisa.

— Ontem fui à casa de Doninha e pedir a mão de Sophia, também obtive aumento de 10% nas minhas transações.

— Nossa que ótima notícia, então que dizer que seremos primos?

— Certamente! Respondeu Paulo olhando para Sophia. Neste momento todos se cumprimentaram desejando-lhes felicidades.

— Então, disse Jorge, vamos subir ao altar juntos?

— Sim, mais é claro, promessa feita deve ser cumprida.

De repente levanta-se Damastor e proclama:

— Amigos! Também tenho algo a dizer! Todos olharam para ele naquele momento.

— Então diga logo! Declamou Lisa que estava impaciente com tantas novidades.

— Está bem, Felícia e eu, pretendemos nos casar e se for de bom grado a todos queríamos subir ao altar junto com vocês.

A idéia não soa bem para Paulo Cesar, mas para Lisa foi uma maravilha e caiu bem aos olhos de Jorge, ambos concordaram.

— E você Paulo o que me diz? Perguntou Jorge.

Ainda estava pasmo, mas foi se reconstituindo aos poucos.

— Claro se todos estão de acordo nós também somos favoráveis.

Logo Lisa tomou uma taça na mão chamou Leonor e pediu que trouxesse o melhor champanhe.

— Mas meu bem, agora que são oito horas.

— Não importa madre, o que manda é a ocasião, e a ocasião agora merecem um brinde, conclui.

Abriram o espumante e levantaram seis taças ao ar e brindaram na maior farra. Depois das solenidades e dos glamoures despediram-se os

amigos e retiraram-se aos quartos, Leonor, por sua vez, direcionou Damastor e felícia ao seu novo aposento, no mais, Paulo e Sophia foram embora e restou somente um murmurinho advindo do quarto de Jorge e Lisa:

— E então?

— Então o que? Retribuiu Lisa.

— O que acha da idéia de três casais subirem ao altar juntos?

— Bem bacana, um evento histórico por assim dizer.

— Vamos ter que elaborar uma festança né?

— Creio que sim!

— Você não queria grande coisa, mínimo detalhes lhe convinham, agora terá que se contentar com colossal orquestra.

— Mas como já disse a ocasião é outra.

— Mas...

— Chega de mais, vamos deitar estou extenuada com a viagem.

16h00min

Ninguém quer que o relógio desperte as quatro da madrugada, porém e se você num sono bruto é despertado às 16 horas da tarde, já pensou? Já parou para cogitar as inúmeras maneiras de receber alguém há essa hora – uma faca, um punhal, um revolver, múltiplas formas para lhe acertar o peito, lhe tirar as vísceras. Seguindo esse contexto, foi assim, que Paulo Cesar foi à casa de Jorge para uma nova proposta.

— Dona Lisa, seu Jorge!

— Dona Lisa, seu Jorge! Repetiu Leonor.

— Fale mulher o motivo qual me interfere no meu precioso deleite?

— Mil perdões senhorinha é que o doutor Paulo está à procura de vossa senhoria e do senhorzinho Jorge.

— Mas, que diabos aquele homem de Deus quer agora senhor! _ Vá Leonor e peça que me espere na sala de estar, vou me trocar e já desço para recebê-lo.

— E o senhorzinho minha senhora?

— Deixe que Jorge durma mais o pobre está esgotado, como também estou se necessário eu mesmo o chamo.

— Que assim seja, disse a madre descendo as escadas e recebendo o hospede no aconchego da sucinta mansão.

Lisa se aprontou; penteou o cabelo, escovou os dentes, calçou-lhe um par de sandálias que seu Jorge a presenteara há algum tempo atrás, colocou brincos dourados de argola, retocou os lábios com batom vermelho,

certificou-se que estava tudo no devido lugar e saiu batendo suavemente a porta para que não acordasse Jorge Augusto. Desceu as escadas suavemente exercendo todo conceito de etiqueta que lhe admoestaram, em seguida cumprimentou Paulo Cesar com um lindo sorriso que o homem mal conseguiu retribuir estando pasmado com tal figura que alvejavam as vistas.

— Bonjour Madame, comment allez-vous, bien dépensé?

— Oui bien sêr, merci de demander! Respondeu Lisa e continuou – Mas, o que te trás aqui há essa hora senhor Paulo e qual motivo para até declamar em outra língua?

— Os mesmos que me trouxeram aqui pela manhã vossa senhoria, só que agora estou pretendendo dar uma festa para comemorar nossos últimos dias de solteiros e como iremos subir ao altar juntos, a meu ver, também deveríamos comemorar juntos, o que acha da idéia?

— Não vejo problema algum doutor, se não fosse o senhor pioneiro dessa idéia, Jorge a conjecturaria em breve.

— Então vejo que isto é um sim!

— Plenamente!

— Jorge não precisa concordar também?

— Não! Conheço bem meu futuro marido e estou convicta que irá concordar comigo.

— Então vou ordenar que comece os preparativos mais a noite volto para que acertemos tudo.

— Mas já? Pra quando é essa festa?

— veja bem minha senhora, estou planejando para o mais breve e

acredito que de amanhã não passa, pois segundo fontes externas nosso casamento sairá uma ou duas semanas após.

Lisa estupefata com a pressa que o doutor Paulo organizava as coisas nem ousou retrucar, apenas balançou a cabeça e o deixou partir, virou as costas e saiu dizendo baixinho consigo:

— Tenho que arrumar um vestido.

— Não tenho que arrumar dois vestidos...

Capítulo V, A festa

Horas mais tarde Paulo Cesar novamente se reunia na casa de Jorge para enfim estabelecer todos os preparativos da colossal solenidade.

— Mas, como assim amanhã? Exclamou Jorge.

— Meu velho amigo tenho em minhas convicções que quão mais rápido for, melhor será, visto que, poderá surgir algum imprevisto se deixar para outra ocasião. Depois de muitas conversas e muitas esgrimas de palavras todos chegaram a um acordo desde; Lisa e Jorge, Paulo e Sophia e Damastor e Felícia.

— Então está bem Paulo, pode organizar os preparativos da cerimônia, enquanto nos outros iremos fazer os convites, depois você me passa o total de gastos que eu saldo a minha parte e de Damastor.

— Está bem, só não esqueça será amanhã as oito!

— pode deixar.

Depois de tudo resolvido faltava por em pratica os afazeres, enquanto de um lado Paulo colocava seu exercito de servidores para trabalhar, Jorge e Damastor organizavam os convites e saiam pelas ruas distribuindo aos amigos mais próximos, enquanto que no mesmo instante; Sophia, Lisa e Felícia se desvairavam pela cidade de costureira em costureira à procura do vestido perfeito e nessa ocasião eram dois vestidos perfeitos.

Ao fim da tarde Jorge e Damastor já haviam percorrido todo quarteirão, dos arrabaldes até os lugares mais distantes, extenuados pelo cansaço nem se propuseram a procurar o que certamente iriam trajar. As meninas pelo contrário incontinentemente haviam encontrado o traje perfeito.

— Está tudo certo! Disse Felícia entusiasmada com o enroupado que donas Emilia juntamente com três criadas fizeram. Era perfeito um branco para o casório e outro preto para a festa, seis pares de roupas feitos em apenas seis horas de trabalho, tudo corriam bem, tão bem que qualquer princesa de contos de fada morreria de inveja ou destinaria ambas ao calabouço para reter-lhes os vestidos.

No fim todas direcionaram pára casa de Lisa onde dormiram nem Sophia se propuseram a voltar para casa do futuro marido.

No dia seguinte foi à vez dos homens levantarem cedo e ir à procura do traje certo os três amigos muito felizes, as mocinhas ainda não tiraram o esqueleto do leito, as nove em ponto Leonor bateu a porta do quarto.

— Meninas é hora de acordar!

Bateu novamente só que dessa vez mais forte e gritou.

— Acordem! Vocês ainda têm que arrumar os cabelos, as unhas, e muito mais e já é meio dia.

— Meio dia? Levantou Lisa assustada e retirando os lençóis da cama acordando de vez as mocinhas.

— Vamos meninas levantem, já é meio dia, retrucou Lisa.

Neste momento todas acordaram não ficou nem a sombra deitada para contar história.

— O que? Perguntava uma.

— Como? Dizia outra.

— Sim! Isso mesmo tem muitos afazeres e pelo visto dormimos além do tempo.

Seria desespero ou maluquice, mas quem visse diria que em caso de desespero exigisse medidas desesperadas, assim estava à casa de Lisa, um corre e corre: pente de um lado, sandálias de outro, maquiagem para cá e para lá e o tempo ia sem ninguém se dar conta dele.

Quando os rapazes chegaram e viram aquela confusão, de primeiro se assustaram e logo Jorge perguntou:

— Qual motivo de tanto alvoroço?

— Dormimos além da conta, já é meio dia!

— O que? Meio dia? Depois do estranhamento os três rapazes olharam no relógio de bolso guardado no paletó.

— Não pode ser achei que tínhamos feito vantagem em conseguir os trajes pela manhã. Após analisarem bem o ponteiro do relógio exclamaram.

— Vocês estão mesmo perturbadas! Disse Jorge.

— Porque, replicou Sophia.

— Agora que são nove e meia.

— Hã? E continuou Lisa – madre eu... Eu juro que...

Neste instante todos deram varias gargalhadas, as meninas, os meninos e as servas.

— Só queria pregar uma peça em vocês, dizia aos gracejos dona Leonor.

As meninas respiraram fundas e aos poucos voltaram às atividades, mas Lisa não gostou nem um pouquinho e proferiu baixinho.

— Deixa ela, ninguém morre me devendo não!

A surpresa

Às sete e quarenta e cinco todos os casais estavam aprontados para comemorar seus últimos dias de solteiros, saíram ambos de mãos dadas da casa de Jorge menos Sophia que já havia voltada para casa de sua mãe por volta das três da tarde, bem elegantes e todos com boa postura caminhavam aos cantos e aos risos pelas ruas de Paris.

Ao traspassarem pela praça um senhorzinho encostado no canto da rua disse:

— Uma moeda para esse velho homem senhor!

Todos olharam e Jorge Augusto que de costume tinha em ajudar os desfavorecidos retirou do bolso umas três francos e deu de esmola ao velho homem dizendo.

— Toma-te meu senhor vós também sois filho da pátria.

— Obrigado homem, vai-te em paz, mas cuidado!

— Porque devo tomar cuidado meu velho?

— Cuidado homem o destino é traiçoeiro!

E foi-se Jorge caminhando, no entanto com aquilo na cabeça.

— O que será que ele quis dizer com aquilo, destino traiçoeiro?

— Calma meu bem é apenas um velho já cego tendo seus devaneios.

Mesmo assim o incomodava, porém, seguia avante sem deixar se abater percorreu mais alguns passos e logo estavam na mansão de Paulo Cesar onde Sophia os esperava no portão e ao mesmo tempo recebia os

convidados.

Todos entraram somente Sophia permaneceu na porta recebendo os convidados que ainda estavam chegando. Uma festa bem organizada de cima em baixo, lustres brilhantes caríssimos, champanhe do mais caro, vinho tinto elaborado a mais de trinta anos nas planícies da França, uma área de dança enorme e muita gente elegante ainda mais pelo motivo né? Todos conhecem dona Doninha pobre e soberba que ao saber das solenidades e da chance de casar a filha com um milionário não desperdiçou a chance e convidou a Marquesa o Duque os ministros e ministras e as demais altezas da França.

Tudo corria bem era uma festa nunca vista, não há neste meio de tempo contos com final felizes que brindasse com tão alto júbilo. No entanto, nem sempre as coisas seguem suas ordens costumeiras e na cabeça de Jorge Augusto a ultima palavra do mendigo ainda soava – cuidado! Não entedia o que queria dizer, mas a preocupação tomava-lhe a cuca.

Quando todos estavam reunidos no meio da sala, Paulo Cesar tomou a palavra e levantando uma taça de champanhe proclamou:

— Prestem atenção todos vocês! Esta é uma data muito importante, não somente pelo fato de estarmos comemorando nossos últimos e felizes dias de solteiro, todavia pelas peripécias que sucederam no futuro, uma nova vida: cheia de paz, de esperança, amor e felicidade e – sobretudo, por estar do lado de quem amamos. Todos aplaudiram.

— Por favor, gente, deixe-me terminar, e olhando para os convidados Paulo tomou pelas mãos Sophia chamou mais para perto de si os outros casais e levantado as taças os seis brindaram pelo futuro e finalizou dizendo – que seja eterno enquanto durar!

Muitos gracejavam de invejam e outras moças suspiraram querendo

lograr da mesma sorte das meninas, mas alguma coisa ainda sova-lhe estranho, e Jorge desconfiou no momento que Paulo disse “enquanto durar”, não abriu o bico, quis acreditar que eram apenas coisas da sua cabeça.

Depois de alguns sucintos minutos rotulados no relógio, Damastor e Jorge Augusto ficaram assentados na sala de estar mais a só combinando certas coisas que não sei bem o que é, mas deve ser uma maneira de Damastor retribuir-lhe todo favor prestado.

Enquanto isso Paulo subiu para seu quarto e pediu que uma da serva que dissesse para Lisa ir ao seu encontro, pois tinha um assunto muito importante para tratar com ela. Lisa de imediato se direcionou ao quarto do rapas pensando ser alguma coisa importante. Bateu na porta e chamou:

— Doutor Paulo!

— Estou aqui Lisa, entre, por favor! A menina na maior ingenuidade entrou sem ao menos desconfiar de alguma coisa, as luzes do quarto apagado e o doutor pediu que encostasse a porta e para ela sentar ao seu lado, e assim sucedeu.

— Porque as luzes estão apagadas?

— Nada, as luminárias queimaram e mesmo pedindo a um dos criados que repusesse outra em seu lugar, foi o mesmo que pedir para não colocar.

— Diga então homem, o que tem a dizer que tanto me impregna?

Paulo a olhou nos olhos e começou a cortejá-la, pegando-a nas mãos e acariciando-a, ele logo o restringiu.

— Que maneiras homem, me respeite e também respeite sua noiva, estamos de casamento marcado.

— Calma Lisa, é nossa ultima noite de solteiros, vamos aproveitar?

— Que nada, tenho respeito e admiração pelo meu marido e nunca hei de traí-lo!

— Sei bem porque me trouxe aqui, mas não me convém passar bem! E dizendo isso saiu à menina com a cara pálida e ao mesmo tempo estorvada de raiva.

Neste instante ele a segurou pelas mãos e ajoelhou-se e dizendo:

— Me aceite como seu homem e tudo que é meu será seu, desde a beleza singela dessa mansão até as partes mais distantes de minhas propriedades.

Ao mesmo tempo uma de suas servas direcionava-se a sala de estar para exprimir um recado a Jorge.

— Senhor Jorge! E olhando de repente ao lado de quem o invocava.

— O que? Porque me chamas meninas?

— Tem uma coisa que quero mostra-lhe.

— Coisa? Que tipo de coisa?

— Te vá mesmo e vê-te com os próprios olhos lá em cima no quarto de Paulo. Aquilo preocupou Jorge que saiu freneticamente seguido por Damastor, subiram as escadas e nesse momento quando foram para abrir a porta, Paulo Cesar pressentindo sua presença — não se reprimiu, puxou o braço de Lisa veemente e atirou-se pelo chão com ela sobre ele e nesse instante a agarrou e deu-lhe um beijo contra suas vontades sendo interrompido com Jorge Augusto acendendo as luzes do quarto.

— Mas que diabos acontecem aqui?

Lisa estremeceu, apercebia a fúria nos olhos de Jorge, foi uma cena aterrorizante, todos que se encontravam no salão de dança revoltearam os olhares para o quarto de Paulo. Nesse momento também se aproximava Sophia e assistindo aquela cena saiu chorando e aos gritos pelas escadas. De imediato Lisa saiu de cima de Paulo e estupefata com o ocorrido não encontrou palavras para dizer ou ao menos se explicar, nisso Paulo replicou:

— Não sei o que deu nessa menina Jorge Augusto, estava eu lá embaixo com Sophia até que uma de minhas criadas disse-me que Lisa esperava-me no quarto para colocar uns assuntos em dia, quando cheguei às luzes estavam apagadas e ela veio me agarrando, tente repudiá-la, e acabamos caindo ao chão e ela me beijou assim mesmo.

Aquilo enfureceu ainda mais a ira de Jorge:

— É isso mesmo sua...

Os olhos da mocinha corriam água como cachoeira e olhavam desatenta ao redor, fretava as luminárias, aquela gente de pé a porta e a palavras que Paulo acabara de dizer e toda gente se acumulando nas arestas do quarto.

— Não... Não...

Tentava dizer alguma coisa, mas engasgava com as palavras emudecidas pelas seqüelas do destino, tentava dentro de si entender aquilo que ali se procedeu, nesse ínterim, Paulo saiu como se fosse inocente e foi atrás de Sophia. Se as coisas já estavam ruins, não há nada que não se possa piorar e mais irada que seu Jorge estava dona Doninha.

— Eu sabia, sabia! Essa...

— Não fale assim da minha irmã! Interrompeu Damastor.

— falo sim, você não tem direito algum de findar-me a palavra! E continuou. — Sabia, conheço a classe de certas pessoas quando vejo uma, e essa aí não tem classe alguma, é interesseira e ordinária, destruiu o casamento da minha filhinha, pobrezinha da coitada, eu te pego sua... E partindo para cima da menina que já se desmanchava ao chão, Doninha foi retida pelos convidados.

— A traição é como a viagem, surge da vontade de conhecer o desconhecido, é o que sempre digo, disse uma das amigas de Paulo.

Felícia e Damastor então foram ao seu encontro e tomaram nos braços e foi-se embora, Jorge Augusto, apenas exclamou.

— O circo acabou! E fim de festa.

O caminho do calvário

Damastor e Felícia levaram a moça para casa de Jorge, ainda pálida e fraca, não conseguia parar em pé, ao chegarem foram logo pedindo ajuda.

— Dona Leonor traga um chá, traga um chá dona Leonor.

— Para quê minha filha, o que houve?

— Aconteceu uma coisa horrível, horrível dona Leonor!

Depois dos fatos explicitados e das conjunturas que se acumularam e foram explanando aos poucos, Lisa voltava a si.

— Como... Onde... O que?

— Calma minha filha, conte-nos o que aconteceu? Sussurrou Leonor.

— Cadê Jorge Augusto? Onde está meu marido?

— Ainda não veio, disse Felícia e, _ não sei se é mais seu marido Lisa, pois ele está uma fera.

— Não! Não pode ser, armaram pra mim... É tudo culpa de Paulo, ele pediu pela voz de uma criada que me direcionasse ao quarto para resolver uns assuntos, mas ludibriou-me para afastar-me de Jorge, a culpa é dele. E pôs-se a chorar nos braços da madre.

— Olha minha filha, não sei o que houve e nem quero saber, conheço-te bem e sei que não farias mal algum ao senhorzinho, então vai descansar e espera as coisas melhorarem, depois vocês se resolvem, pois tentar explicar as coisas agora não vai adiantar nada.

No caminho da volta Jorge Augusto parou num bar, antes de tudo

pediu um uísque e disse:

— Agora sei o que todo homem recebi ao amar uma mulher: ingratidão, um gole de veneno e um par de chifres...

Tomou a dose de uísque e foi-se embora, não estava ébrio, mostravam-se atentos as circunstâncias aos arredores, e não deixou de ouvir novamente aquela voz que rugia:

— Algum problema senhor?

— Quem? Onde? Perguntou Jorge.

— Aqui na calçada senhor.

Olhou de repente e o reconhecimento foi bem familiar.

— É você de novo, agora fala como sabia?

— sabia o que?

— Com previa que aquela ingrata iria me trair? Você sabia, pois pediu de antemão que tomasse cuidado.

— E você tomou?

— Não teste minha paciência velho!

— Não levante a mão para esse miserável homem que não tem ao menos lugar onde cair morto meu senhor, olhe tudo que você tem, veja aonde chegou? Não seria bem conveniente que se alguém pudesse destruí-lo não o faria?

— Mas o que você quer dizer com isso?

— faça mil favores, vá e reflita sobre seus pesares, e...

— E o que?

— E acredite naquilo que você quer acreditar e não no que lhe contaram.

Foi-se embora Jorge Augusto com as lágrimas escorrendo nos olhos e o peso do fardo sobre as costas, parece que a cada passo que dava sentia as chibatadas que o próprio Cristo tomou rumo ao calvário, ao longe avistou sua casa e a luz de seus aposentos ainda acesa, seria seu primeiro encontro com Lisa, após a dor da traição. Aproximava cada vez mais, ao chegar à porta, sentiu a brisa fria tocar a pele, arrepiou-se todo, mas não hesitou, respirou fundo e soltando o ar levemente foi voltando a si, o suor escorria pelo rosto, era hora de entrar e encarar o problema de frente.

— Se alguém na casa estava dormindo? Não e como conseguiriam, todos estavam recolhidos aos seus aposentos, mas nesse dia ninguém conseguiu pregar os olhos, nem mesmos os servos. Jorge abriu a porta, lá no quarto, Lisa ouvia o ruído e ficou tremula, ao mesmo tempo pensava como iria reagir ao ver o ex-marido ou futuro ex-marido, fica a critério do leitor. Subiu as escadas passo a passo, Damastor, que estava no quarto ao lado também ouvia os barulhos e nem sequer tentou dormir, pois, não imaginava como procederiam, os episódios posteriores.

Empurrou a porta brandamente e flertou Lisa no canto da parede com o olhar vermelho de tanto chorar, as maçãs de seu rosto rosa e pálida, aquele olhar meio e afável, o mirou e ambos se encaram. Ele entrou e sentou-se na cama, neste íterim de tempo permaneceram quietos, todos os ouvidos embutidos na parede de um só quarto, ele retirou os calçados e foi desabotoando o paletó, a cada peça que despia, a menina dava um suspiro, por fim ele apenas deitou na cama, cobriu o corpo com o lençol, que por sua vez, estava meio úmido coberto de lástimas da menina.

Antes mesmo de mais nada, antes que o sono, por assim dizer,

encobrisse seus olhos extenuados de tanto chorar, ele proferiu aos berros, bem baixinho:

— Pode ficar aqui essa noite, mas amanhã cedo, bem cedo, pode pegar suas coisa e ir embora, quero que parta antes mesmo do nascer do sol, antes que eu acorde, deveria te esmurrar, mas não vou descer ao seu nível, nem ao menos humilhar-me perante a ti.

A menina ouviu tudo, não quis ao menos se explicar, não disse nada, apenas sentou-se no canto do quarto e foi derramando suas mágoas, puras e singelas, do tamanho de uma centelha, mas que pesavam uma tonelada, com o sabor amargo do fel, é o presente incrédulo que se aufere dos piores inimigos.

A Cruz e a Espada

Passou à noite em claro, decerto Lisa ainda ponderava sobre as conjunturas anteriores, não entendia como pode ser enganada por certos energúmenos, via-se na posição de prestar contas, mas não o fez, nem ao menos tentou fazer, para quem sempre gostou de mandar, doravante exclusivamente obedeceu a ordem e quando o galo cantou pela primeira vez as quatro da matina ela levantou, retirou o vestido que ainda usava, arrumou suas malas e antes que o galo cantasse pela terceira vez estava pronta para partir.

Desceu as escadas em silencio, sem dizer ou pronunciar algo a ninguém, nem Damastor a viu sair, o único que a ouviu partir foi Jorge Augusto que, posteriormente sua ida deixou as lágrimas escoar sobre os olhos. Às sete e meia da manhã dona Leonor foi ao quarto procurar pela garota e se assustou ao saber que ela não estava lá.

— Como assim ela foi embora?

— Não foi eu ordenei que ela fosse, respondeu seu Jorge.

— Você sabe o que você fez?

— Sei muito bem e, por favor, não me fale mais nisso, não quero nem ouvir o nome dela mais!

E saiu o senhorzinho de cara conspícuo, exarcebado com sua ignorância. Nessa situação, Leonor correu ao quarto de Damastor e o deixou ciente dos fatos, por fim o suplicou que partisse atrás da mocinha antes que fosse tarde demais.

Foi-se, Damastor saiu a passos largos, Felícia foi logo atrás, porém não a encontrou em lugar nenhum perambulou por toda cidade tentando

encontrar a garota, mas como um bicho desaparece por mata adentro, lisa desaparecera por cidade afora.

Ambos voltaram; sem notícias, sem paradeiro e sequer rastros, desesperança e prostração os definiam e ao mesmo tempo os amofinava. Retornaram a casa e deram a notícia a Leonor que a recebeu desolada e há guardou o dia todo. Mas, do modo que estava não poderia ficar e como quem que havia ido a guerra uma vez disse:

— Tenho que ir Felícia não posso deixar que minha irmã se afaste por mais uma vez.

— Damastor não, não vá, não deixarei, e o nosso casório como fica?

— Não percebe que não haverá mais casamento, não há mais casal aqui somente nós.

— Meu amor nós ainda podemos ser felizes.

— Não! Com minha irmã longe de mim, não, já a abandonei uma vez e não farei novamente, sinto muito.

Então Felícia correu e o abraçou e chorando em seus braços disse:

— Então vá, mas volte pra mim.

— Sim meu amor, eu não sou de promessa, não obstante regressarei antes mesmo que você sinta minha falta. E a tomando-a nos braços beijou-lhe como se fosse a última vez.

Livro II

Se alguém ao menos uma vez lhe disse que a vida é justa, não acredite, visto que, poderia ser mais justas se as pessoas não fossem exageradas, gananciosas e não tomassem decisões precipitadas. O mundo anda ao contrário e ao contrário estava à cabeça de Damastor que partiu novamente sem direção rumo a lugar nenhum. Seria como procurar um a agulha no palheiro, ir naquelas circunstancias em busca de alguém que ao menos quer se encontrada — destino cruel, traiçoeiro, pensava consigo — como posso ir adiante sem saber aonde ir? Tudo estava bem, com final já escrito e agora isso?

Damastor se lamentava e sentia o ardor das intemperanças das vidas já vividas pesarem-lhe sobre as costas — será que estou quitando alguma dívida de tempos antes? — será que Deus não percebeu que minhas pendências já foram quitadas? — será que Lena atirou sobre mim suas imprecações?

— Meu senhor porque está tão aflito?

— Isso!

— Isso o que?

— Você está aqui desde quando?

— Desde sempre, eu moro aqui, essa rua é minha casa, respondeu o mendigo que por ali esmolava.

— Preciso de uma informação e acredito que você possa me ajudar.

— Mas antes que peça alguma coisa pode, por favor, colocar uma

moeda nesse caixinha para ajudar esse miserável homem a matar a fome? E tirando do bolso do paletó dois francos o deu ao velho.

— Então meu filho o que precisa? Perguntou o mendigo.

— Por acaso não vistes passar uma menina por estas bandas com uma mala de roupas ali pelas quatro da madrugada não?

— Vê-la, literalmente não, mas ouvir uns chios tristes e melancólicos de uma serena moça atravessando a rua e indo rumo à estação.

— Isso! Obrigado senhor, agora tenho idéia de onde e por onde procurar.

— Disponha, são apenas dois francos!

— Mas já paguei!

— Não meu jovem, aquele era para esmola, esse agora é pela informação.

— Não se senti mal por ficar aqui esperando por caridade o dia todo não?

— já dizia Homero “a vergonha é má companheira de quem necessita”.

Ouvindo isso, Damastor deu uma risada e saiu, volte e meia dava uma olhada para trás reparando aquele velho senhor e cogitando consigo – como alguém que não enxerga conhece literatura? Mas não fez conta disso, tinha assuntos mais importantes para tratar.

Percorreu um quarto de hora e chegou à estação, comprou uma passagem para o próximo trem que partiria as nove e meia, seu destino era regressar novamente ao Rio de Janeiro, porém seu dinheiro não daria para

cobrir a metade do caminho, desta vez sim, faria uma viagem sem volta.

Sentado na estação por alguns bons minutos apareceu uma senhora de idade entre trinta a quarenta anos, aproximou e perguntou seu nome:

— Damastor minha senhora, me chamo Damastor.

Sentando então, ao seu lado, aquela senhora lhe indagou:

— Vejo que está apreensiva alguma coisa o incomoda?

— Sim senhora, muitas!

— Quer falar sobre isso?

— Não minha senhora, to sem tempo!

— Vai para longe?

— Sim, Rio de Janeiro.

— Pelo visto está sem dinheiro também, com essa merreca ai não sairá do estado.

A senhora se levantou agarrou-o pelas mãos e foi o arrastando.

— Que isso minha senhora?

— Venha!

— Não posso, estou numa missão importante.

— Não haverá missão se não houver como bancá-la.

Perante isso, Damastor seguiu a senhora pelos caminhos funestos do destino, sem entender nada e sem ao menos dar uma explicação plausível foram ambos com inúmeras perguntas na cabeça.

— Para onde vamos? Interrogou Damastor

— Iremos à minha casa.

— Veja bem, você precisa de dinheiro e eu preciso de favores, estamos em contexturas opostas, tenho o que você quer e tu tens aquilo que preciso.

— Como assim, tenho aquilo de que precisa?

— Não o levarei pela cruz meu jovem, essa eu já a possuo, mas o que me vale é sua espada, serás capaz de usá-la?

Damastor cogitou consigo um segundo olhou para a mulher que caminhava apressadamente e foi-se, decerto desconfiava de suas supostas intenções, mas não questionou nada mais, estava apreensivo, caminhava por estradas diferentes não costumais, foram se afastando veemente da cidade deixando pessoas e prédios sumirem pouco a pouco.

Depois de alguns passos bem dados pararam num lugarzinho isolado, longe de tudo e de todos, havia uma casinha velha de madeira impregnada nos algures hostis da grande metrópole, entraram e para seu espanto a casa tinha inquilinos, inquilinos destes que vocês querem a distancia.

— Como alguém consegue morar aqui? Cogitou consigo mesmo.

— Veja bem Damastor, apresento-lhe a horda, ou seja, grupo de malfeitores ignorados pela sociedade, todas essas pessoas aqui já foram: moradores de rua, mendigos, ladrões, escravos ou meretrizes...

— Mas até agora não entendi a parte que me cabe.

— Preste atenção, nós fazemos parte de uma associação, em outras palavras, forneço a elas os requisitos necessários para seus subsídios e em troca elas fornecem tudo àquilo que quero você pode vê-los como excomungados, no entanto eles já possuem uma adversidade de bens

materiais infinda.

— Como uma gentilha dessas possui bens de valores?

— Pode criticar, entretanto não duvide!

A senhora o levou para o interior da casa e foi-lhe apresentando um universo novo, um novo mundo – o mundo do crime, ali tinha desde planos orquestrados sobre os melhores assaltos, maneiras múltiplas de estelionato até formas inconceptas de assassinatos.

— Mas, não vou matar ninguém, não irei golpear e ainda mais extorquir!

Todos olharam pasmos diante a reação do rapaz, não parecia nada com o Damastor de tempos atrás, nesse intuito, a senhora que apelidada de Morgana, o abraçou de maneira hipócrita e tentou ludibriá-lo.

— Veja bem, nem parece o Damastor que conheço!

— Mas você não me conhece.

— Conheço, claro que conheço, reconheço toda discriminação imposta aos mais vulneráveis, você não é o primeiro a indeferir, todavia não será o ultimo.

— O que você quer de mim?

— Não sou eu que quero de você e nem vice-versa, não obsta quero devolver-lhe tudo que foi tirado de ti.

— Mas nada foi me tirado.

— Ah! Damastor não se faça de tonto, em quais circunstancias acha certo uma pessoa ter muito e querer sempre mais e a outra não o ter de comê-lo e o pouco que possui ainda lhe é retirado?

— Em nenhuma, sei que é totalmente errônea a distribuição igualitária deste mundo, mas não é certo fazer justiça com as mãos nuas.

— Mas quem é que está falando de justiça? Disse Morgana e continuou – Houve justiça quando mataram sua irmã naquela casa de prostituição?

— Não, Pensou consigo.

— Houve justiça quando o aprisionaram na masmorra?

— Não, mas...

— Então como alega justiça?

— É a lei...

— Lei? Lembre-se Damastor a justiça é cega, mas enxerga bem do lado daqueles que zelam por ela.

Um instante confuso, as palavras pareciam transbordar da boca de Morgana que com sua retórica inverídica aos poucos conduziam Damastor a vida de transgressões. Sentou-se numa cadeira e desligou-se por uns míseros minutos, como num transe voltou a si novamente e.

— Como sabe da minha funesta vida pregressa?

— Eu sei de muitas coisas Damastor e sei também daquilo que todos os homens querem aquilo que todos buscam: dinheiro, mulheres, luxos e prosperidade, e você não é muito diferente, mas não seja muito igual.

Neste íterim, o rapaz coçou a cabeça, puxou fortemente os cabelos e com a mente indecisa avultada de problemas viu-se servido de um copo de água para relaxar a cuca e novamente ouviu Morgana declamar:

— Contemple Josias, esse indivíduo que acabou de lhe servir água,

nunca freqüentou centro de ensina, advindo de família desfavorecida, abandonado pelos pais aos cinco anos de idade, até os quinze nunca tinha andado num carro e jamais sonhou em ter um, mas agora se alguém o visse diria que nunca o tê-lo-ia, mas este moribundo mal trajado e sórdido tem o suficiente para comprar a frota que bem lhe convir. — A proposta que estou fazendo já estendi a muitos e agora é sua vez, mas pense bem, pense no futuro que queres para você, no futuro da sua irmã, na vida que dará para seus futuros filhos, e presente se constrói agora, sem medidas e ao menos proporção, mas com entusiasmo, força de vontade e sem mensurar conseqüências.

A vista disso, não viu outra escolha a não ser acatar as ordens suicidas de Morgana, mas como todo fim de túnel a uma luz, proliferou sua ultima catada para sair ileso e sem culpa:

— Mas as pessoas dão duro para conseguirem o que querem, todos podem ir além com trabalho, honestidade, força e superação.

— Concordo plenamente, disse Morgana e continuou. — Mas é algo demorado que leva anos e a vida é um sopro a qualquer dia o vento conspira contra você e, você não chegará a lugar nenhum, ainda mais nesta situação.

Loucura? Sim! Contudo uma loucura lógica vai saber né, dizem que bandidos não pensam, estão completamente errados, para tudo na vida há estudo e uma centena de praticidade e você tem que absolver até mesmo no mundo do crime aonde você é mais cobrado ainda, por que caso contrário – a casa cai!

Por fim, Damastor aquiesceu aos intentos de Morgana que celebrou com uma risada bem malévola. Tempo vai e tempo vem, estava de pé rente a mesa para debater sobre o próximo assalto que seria nessa mesma noite, ao

lado de Damastor estavam; Josias, Péricles, Thomas e Átila.

Após, lerem e analisarem bem a situação admitiu todos que era enfim, um bom negócio e, por fim, daria certo. Apenas, Damastor sentiu-se meio inseguro e ojeriza, pois suas falcatruas recentemente não eram nada comparadas aquilo, o que estava em jogo ali seria supostamente um futuro promissor, no entanto o que estava em peleja era sua vida.

— Então, o esquema é o seguinte, disse Péricles que sempre era a cabeça da turma, — vamos esperar anoitecer e quando der à hora invadimos a surdina, são doze diamantes que estão à deriva esperando por alguém, e mais, um cordão de ouro branco com pedras preciosas e dois Picassos caríssimos, então não cometam erro!

Todos consentiram acenando a cabeça e o flertando indiscretamente, seria um salto no escuro se tudo, por assim dizer, ocorresse bem. O local selecionado foi uma mansão bem plausível no centro da cidade, chique e abastada, seu proprietário era um homem de muitos negócios, provavelmente não estaria em casa, dessa forma, o gato sai e os ratos passeiam, mas hoje eles seriam os gatos.

Ao decair da noite a horda foi se preparando, bem espertos e de olhar atentos.

— Animo Damastor! Disse Átila.

Esse deu um mero sorriso com nuances de inquietação, Átila era bonita, mas mortífera, não tinha limites, o seduziria, porém se necessário o mataria. Arrumou suas bolsas com todo equipamento necessário, por fim, Morgana o entregou uma arma, um revolver prateado que ele recusou, todavia se fazia necessário, o pegou e o colocou na cintura.

— Damastor! Gritou Morgana.

— Eu, respondeu com uma voz tremula.

— Veja o lado bom, não precisa disso sempre, apenas hoje, se tudo for de acordo como planejado, você sairá um homem livre e com dinheiro para ajudar sua irmã.

As últimas palavras ficaram enxertadas na cabeça de Damastor, refletiu um pouco, e foi seguindo os companheiros. Estava escuro, muito escuro, não era possível identificá-los a vinte metros de distancia, sentiu sua pele estremecer, clima tenso e tenebroso, poderia ser um assalto bem sucedido como nos contos de fadas terminando ricos para sempre, ou dá tudo errado como nas séries policiais e terminar presos para sempre soterrados numa vala.

Ao direcionar-se para mais próximo do centro foram se encapuzando com tocas negras onde só apareciam os olhos, ao chegar à residência designada, pegaram as cordas que tinha um gancho no seu início e atirou na sacada da mansão, o primeiro passo estava feito. Após, o ato bem sucedido, Átila foi subindo aos poucos pela corda.

— Cuidado, disse Damastor.

— Fique calmo, sou acostumada.

— Querem ficar quietos, sussurrou Josias.

Após completar a ação o segundo passo era entrar e para ela foi fácil, com um grampo na mão e com movimentos bem sutis abriu a porta, nisso Péricles começou a escalar e também, entrou, ambos foram encarregados de abrir o cofre e Damastor por encontrar os quadros que estavam espalhados pela casa.

Átila e Péricles estavam indos bem, somente Damastor ainda não

havia conseguido subir, mas por muito custo alcançou a sacada, Josias ficou encarregado de pegar os objetos e vigiar a situação, quando estava dentro da grande casa e foi caminhando para seu interior o rapaz foi reconhecendo a residência – Ah meu Deus! Cogitou por si, _ è a casa de Paulo Cesar, o rapaz começou a suar frio e passou a mão no rosto retirando a mascara e certificou-se indubitavelmente que sim.

Porém, naquele instante veio a sua cabeça o sentimento forte de vingança, sua irmã estavam em risco por causa daquele infeliz.

— Agora sim, tenho um bom motivo para fazer isso, disse o rapaz.

E foi logo procurando os quadros famosos, no entanto havia uma dezena de quadros que ficou sem saber qual era o certo, no final acabou recolhendo todos.

— O que você está fazendo, são apenas dois? Disse Péricles.

— Conheço a residência e não sei qual quadro é, mas sei que todos são de valores.

Neste momento Átila acabara de abrir o cofre e além dos diamantes e do cordão havia muitos francos e alguns anéis em ouro, nada foi deixado para trás a não ser os resquícios de uma quantia que jamais será devolvida ao dono.

Quando tudo estava sendo entregue a Josias um dos quadros cai ao chão fazendo um barulho estrondoso, a luz se acende no quarto dos empregados, na cozinha também.

— Quem está aí? Perguntou um dos criados.

Neste instante o trabalho de descer os objetos se intensificou e os três trataram freneticamente de descer, mas antes que descessem todos, Damastor

acendeu o isqueiro e ateou fogo na casa, por estar sem mascara foi reconhecido por uma criada de Paulo, que o viu descer as cordas.

O Fogo de imediato foi logo contido, o quinteto fugiu, mas a cabeça de Damastor estaria a leilão no dia posterior e ele sabia disso e já tinha em mente o que fazer. Reagrupou no esconderijo afastado da cidade, pelo trabalho concluído com êxito, Morgana os parabenizaram e pelas inúmeras quantidades de quadro trazido por Damastor o ovacionou ainda mais. Estavam para dividir as riquezas no dia seguinte, então todos se recolheram aos cantos do quartos para dormir, mas Damastor não.

Ficou quieto encostado na aresta da sala, simulou cansaço e sono, mas quando apercebeu que todos estavam dominados pelo sono, levantou bem vagarosamente e foi recolhendo tudo que havia de valor na casa: dinheiro, diamantes, jóias e até mesmo os quadros, destes como era difícil para carregá-los retirou somente a moldura e levou a tela embrulhada e colocada num tubo para não amassar.

Antes de sair, foi ao quarto de Morgana e roubou tudo que tinha de valor, colocou numa mochila bem grande e foi-se embora. Saiu às pressas antes mesmo de o dia clarear, pois senão o fizesse, brevemente estaria sendo procurado pela polícia.

Enquanto isso na casa de Paulo Cesar a noticia começava a se espalhar, quando o doutor soube por sua criada que um dos envolvidos era Damastor tratou-se de ir ter-se com Jorge, este que, por sua vez, ignorou toda forma de participação e esconjurou o maldito.

— Tomara que o encontre, não sei onde estava com a cabeça quando o retirei daquele calabouço, disse Jorge.

O Prejuízo de Paulo era colossal, aqueles quadros de imenso valor

sairiam a preço de banana no mercado negro e isso certamente ele não queria. Procurou de imediato a policia e colocou todos os homens que estavam a seu dispor a procura do sujeito e por cima ofereceu uma quantia enorme para quem o encontrasse.

O Alvorço chamou a atenção da mídia que lucrou com reportagens sobre o assalto a casa do doutor, muitas pessoas estavam à procura do rapaz entre eles; a polícia, caçadores de aluguel e até mesmo os demais bandidos e aqueles que viram a noticia pela radio local.

Pela manhã quando Morgana acordou e apercebeu suas bolsas reviradas, correu pela casa e não viu os quadros nem os diamantes, deu logo um grito, todos acordaram e descobriram, após revirar a casa que também foram enganados e roubados. A ira a consumiu estava extremamente com uma cólera voraz, mas todos sabem né – ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.

— No noticiário e nos jornais locais a única informação prestada era o roubo e o acusado que infelizmente era Damastor, omitiram os demais.

— Pelos menos isso né, não nos incluíram na cena do roubo disse Morgana.

Quando Felícia ficou sabendo pela boca de Jorge não quis acreditar, imaginou ser mais uma diabrura de Paulo para acusar o injustiçado, mas ao ver o jornal foi definhando suas duvidas, e viu seu casamento ir por água abaixo.

Damastor por si havia desaparecido ninguém sabia seu paradeiro, parecia ter fugido do mapa, como o feito ainda é um mistério para todos.

De volta ao inferno

Numa cidadezinha distante onde a poeira ainda agarrava-se aos pés e o sol escaldante brilhava apenas para poucos, mas fazia transbordar suor no rosto de muitos, chegava uma jovem moça tendo a beleza na face e a simplicidade no jeito.

— Bom dia minha senhora!

— Bom dia, do que precisa aminha jovem, posso ajudá-la?

— Por acaso não está precisando de ajuda? Sou nova na cidade e estou à procura de um emprego e também um lugar para ficar.

— Emprego? Não! Dou conta de minhas tarefas, não preciso.

— Por favor, minha senhora, eu não tenho onde ficar.

— Sinto muito, mas o problema não é meu, mas a meu ver vestido assim você conseguira emprego em qualquer lugar.

— Eu não tenho onde ficar!

— Veja bem! Eu não tenho condição de lhe pagar, esse velho bar aqui está precisando de uma reforma e estamos vendendo pouco, então não vai ter como.

— Vamos fazer assim, não precisa me pagar, somente me arrume lugar para ficar.

Após chegarem a um acordo a senhora perguntou.

— Mas qual é seu nome filha?

— Me chamo Justine, e vosmecê?

— Gioconda! E dizendo isso apertaram as mãos e começaram a prostrar sobre supostas negociações futuras.

O lugar em que Justine ficaria era um pequeno quartinho com apenas uma cama e uma mesinha onde guardaria seus pertences, para permanecer no local, além do trabalho franco ainda teria que ajudar a bancar com as reformas do local, e para isso teve que desapropriar de alguns de seus onerosos vestidos.

Com o passar do tempo Justine e Gioconda já haviam reformado o local, era um belo bar atrativo aos olhos do freguês e com a nova ajudante a freguesia aumentava gradualmente.

Gioconda até parecia uma pessoa boa, mas não era sempre cobrava mais de Justine que foi se extenuando pouco a pouco com o trabalho forçado e pelas delongas horas de serviço. A beleza que há tempos trouxe consigo, progressivamente iria se findando, já não tinha mais cabelos luminosos e chamativos, a pele já perdera o brilho, e seus olhos ofuscados pelo sono a sucumbia.

Certa vez ao chegar ao bar uma senhora mais bem trajada a viu e depois de passar um bom tempo a observando indagou:

— Seus cabelos são bonitos, não gostaria de vendê-los?

— O que? Vender meus cabelos você está louca?

— Tenho uma loja de perucas na França e compro adversos tipos de cabelos, minhas perucas são usufruídas por centenas de pessoas, quiçá queira vendê-lo?

— Não, de forma alguma.

— Pelo visto ele está bem descuidado e daqui um tempo não valerá

nada, se quiseses oferecei uma proposta bem adequada por ele.

— Não muito obrigado!

— Não hoje, mas se acaso mudar de idéia está aqui meu endereço, e entregando um papelzinho a Justine a mulher saiu do bar deixando sobre a mesa dez mil réis, que aos olhos de Gioconda a mulher seria uma mina de fazer dinheiro.

Ao cair da noite Gioconda caminha até o quarto de Justine que estava acordada recordando da cena anterior.

— Minha filha; eu acho que temos um grande problema e começou a chorar.

— O que aconteceu senhora, por que tanto chora?

— A hipoteca está vencendo e não tenho todo dinheiro para pagar ao banqueiro certamente iramos perder a taverna que o pobre do meu marido lutou para conseguir, a única coisa que tenho de valor ainda irei perdê-la.

Aquilo souou estranho aos olhos e ouvidos de Justine, todavia ser a dona perdesse a taverna ela estaria na rua mesmo, e isso ela não aceitaria, a dona Gioconda saiu derramando falsas lastimas rumo a seu quarto, enquanto isso a moça cogitava – já estou no chão, mas não quero ficar na poeira! Foi até a mesa da taverna e procuro pelo chão aquele papelzinho que continha o endereço da francesa e depois de muito custo o encontrou.

— Graças a Deus!

O vislumbrou por alguns minutos, pegou uma lamparina velha que estava jogada ao canto do bar e saiu batendo a porta, nesse instante Gioconda sorriu friamente no leito comemorando o triunfo. Saberla ao certo que a menina venderia o cabelo e isso lhe renderia uma fortuna.

A moça foi-se pela rua virando quadra por quadra até que parou de frente a uma casa de dois andar, pelo que constava no endereço o lugar certamente era ali, a casa da gringa era a de cima, deu um grito, mas estava tarde da noite e a mulher provavelmente estaria dormindo, gritou novamente com mais força e nada adiantou a vista disso, pegou uma pedra e atirou na janela que era de madeira, ouviu-se aquele estrondo colossal.

— Que diabos estão acontecendo aqui? Disse a mulher acordando bem assustada, direcionou a janela e a abriu e avistou Justine lá embaixo.

— Desculpe minha senhora! Se tivesse outra opção viria outra hora, mas é caso de urgência.

— Fale minha jovem, quer vender o cabelo?

— É exatamente sobre isso que quero lhe falar, andei pensando na situação e depois de analisá-la veemente resolvi cedê-la.

— Hora! Que bom!

A mulher desceu até o portão principal abriu e subiu acompanhada da moça, Justine estava bem tensa no momento, iria ver seu cabelo de anos irem assim de repente, mas era preciso senão ver-se-ia na rua, e isso não era bom.

— Sente-se na cadeira aí que vou prendê-lo, aonde posso cortá-lo?

— Qual é o preço que você irá pagar? Perguntou Justine.

— Veja bem, se cortá-lo rumo ao ombro lhe pago cem mil réis, mas se resolver cortar bem ínfimo deixando somente cinco centímetros de cabelo eu lhe pagarei um conto de réis.

— Um conto de réis?

— Sim meu bem! Um conto de réis.

A menina arregalou os olhos era muito dinheiro em jogo, todavia era seu cabelo que supostamente dançaria, pediu um tempo para respira, nisso a senhora buscou um copo d'água e a serviu e pediu que respirasse com calma, pois ela estava muito ofegante. Após ingerir a bebida foi se acalmando suavemente e deu uma olhada nos longos cabelos pretos, passou as mãos sobre ele dando-lhe um ultimo carinho idem ao que se fazem as pessoas que estão em situação-limite, por fim cedeu.

— Pegue a tesoura senhora e fique a vontade para cotá-lo a feitio que lhe convir.

A francesa deu um belo sorriso, aquele gracejo insano de quem dissemina aviões de imprecações a parte alheia e colhe frutos das injurias malditas. Ela amarrou o cabelo de Justine bem justinho, parecia que lhe arrancaria o couro, foram três tesouradas que Justine jamais esqueceria, ouviu o estalo da tesoura enorme que a estrangeira possuía, a menina se viu diante de um filme de terror.

— Será que todas as meninas que vendem o cabelo sentem a mesma coisa que sentir? Conjeturou nos recônditos de seu pensamento, no entanto agora era tarde para voltar atrás, — o que está feito está feito, pensou novamente.

Depois de todo cabelo retirado lhe restou apenas às lembranças e umas gotas de lagrimas que corriam vagarosamente pelo seu rosto, já não sentia o peso do cabelo, a cabeça ficara leve, a face mais exposta, o que restava daquilo tudo era o dinheiro sobre a mesa e um lenço que a gringa lhe deu ao sair para cobrir a cabeça.

— Adeus! Disse a francesa.

— Passar bem senhora! Respondeu Justine num tom meio vil.

Chegando a casa a menina entrou e com o dinheiro na mão tratou-o de guardá-lo, foi ao banheiro e olhou no espelho e se viu novamente, pegou o lenço e cobriu a cabeça, os olhos cheios d'água avermelhados, seu rosto triste, mas não abatido, ainda tinha muito que fazer – cabelo cresce, dizia ela.

Deitou na cama e apagou. Gioconda escutou o barulho da menina quando chegou, porém não levantou a deixou vontade para que ela fosse por si mesma dar-lhe o dinheiro. Depois que a menina dormiu também se pôs a repousar.

Noutro dia, Gioconda levantou cedo, preparou o café para servir na taverna aos clientes que tinham como costume passar ali para trabalhar e foi retirando poeira, limpando o chão sem ao menos acordar Justine, deixou que a menina dormisse bem – interesses a parte, às nove horas o relógio deu suas nove badaladas fazendo com que Justine levantasse assustada.

— Ah meu Deus! Dormir demais, Gioconda vai ficar uma fera comigo, e saiu à pobrezinha deixando a toca do cabelo cair e com os vestidos esfarrapados pela casa que se ligava na frente ao bar.

— Que isso menina? Interrogou Gioconda.

— Desculpa Gioconda, acordei muito atrasada, me perdoe, por favor?

— Não se preocupe eu já dei conta das tarefas, só lhe resta arrumar as mesas.

— Ah que bom! A senhora é mesmo um amor.

— Que diachos arrumaram neste cabelo minha filha?

A menina passou a mão sobre a cabeça e olhou para trás e viu que a toca havia caído, correu até ela e de imediato a jogou na cabeça arrumando-a.

— Preciso contar-lhe uma coisa.

— Fale, desembucha, porque tanto mistério?

— Ontem havia dito que não teria dinheiro para pagar o banco e assim fechariam a taberna, então dei meu jeito.

— Você cortou seu cabelo?

— E vendi.

— Minha filha porque fizestes tão rigorosa proeza? A gente daria um jeito, sempre demos.

— O que está feito está feito, e também estamos salvando nosso patrimônio e meu chão.

A mulher abraçou a moça fortemente como se fosse sua filha e foi agradecendo pouco a pouco que as palavras até morriam na sua boca.

— Pegue! Aqui está todo dinheiro que conseguir por ele.

— Ah meu Jesus santíssimo!

— O que?

— Mas é muito dinheiro.

— Espero que seja o suficiente.

— E será, dará para pagar até a do próximo ano. E saiu a mulher felicitada olhando para o alto e agradecendo ao senhor da maneira mais hipócrita já vista. Entrou no quarto pegou a bolsa colocou o dinheiro nela e saiu dizendo.

— Vou ao banco menina a taverna ficará por sua conta.

— Pode deixar senhora, eu tomarei conta como se fosse minha.

A mulher foi-se deixando Justine no caixa e por conta do local, ao chegar ao banco esperou a fila atenuar-se e quando foi sua vez proferiu.

— Quero que deposite todo esse dinheiro para mim Aderbal.

— Nossa isso tudo?

— Sim! Cada centavo.

— Pelo visto a taverna está rendendo e muito.

— Graças a deus sim.

Após o depósito a mulher saiu e ao voltar avistou um homem novo na cidade.

— Quem é aquele seu Zé.

— Ah, aquele é um forasteiro que apareceu por ai ontem pela madrugada, tinha pouca bagagem, mas muito dinheiro.

— Muito dinheiro?

— Sim, pois é, disseram que ele alugou um quartinho na pensão do doutor Afonso.

— No doutor Afonso?

— Esse ai mesmo, o local mais caro aqui do vilarejo e contaram também que pagou seis prestações adiantadas.

— Nossa! Então ele é bem abastado mesmo.

— É o que estão dizendo.

— E sabe por acaso o motivo que o trouxe a essas bandas?

— Tive uma prosa com ele mais cedo e o sujeito disse que está à

procura da irmã mais nova que segundo boatos estaria por essas bandas.

— Irmã mais nova?

— Sim uma jovem de pele meio clara e cabelos alongados e pretos, um belo sorriso para variar.

— Queira deus!

— O que foi?

— Não é nada esqueci que deixei a taberna aos cuidados de Justine a coitada deve estar precisando de minha ajuda, adeus seu Zé, até mais ver!

— Até mais!

Encaminhou-se para a casa meio preocupada com a história de irmã – irmã, irmã? Será que é Justine? A mulher chegou pálida a taverna, não conseguia nem falar, sentou na cadeira.

— O que houve senhora?

— Nada meu bem, a não ser minha falta de ar, me traga um copo d'água!

— Agora senhora... Aqui está.

— Mas quais coisas atormentam-lhe senhora?

— Em parte afirmo que não é nada, eu que não estou mais podendo andar muito, sinto muita falta de ar.

— Ah se tivesse falado, eu mesmo iria ao banco para senhora.

— Não jamais!

— Calma Gioconda eu sei ir ao banco.

— Tenho total convicção disso, mas a cidade é perigosa uma moça como você fica muito vulnerável aqui, prefiro não correr o risco, por favor, não saia mais sozinha tenho muito medo que algo possa lhe acontecer.

Cogitou ser inapropriada e uma hipérbole os requisitos que Gioconda estabeleceu, no entanto não indagou nada, preferiu assim, visto que havia já suscitado uma sintonia entre ambas naquele dia, que continuasse assim.

Por mais que a senhora Gioconda quisesse esconder seria mui difícil, pois cidade pequena noticia flui que nem água de mina, a vista disso foi chegando à taberna o senhor Juca Tadeu, um bêbado que roda o dia inteiro de bar em bar trocando suas moedas por caldo de cana.

— Bom dia senhor Juca, o que vai quere hoje?

— A mesma de sempre menina, por favor?

— Ah sim, num instante.

— A numero 51 me amarra aos goles que não consigo resistir, beijo-lhe a boca e sinto a garganta ferver, me aqueço todo, não a friagem que trave esse velho.

Justine deu uns míseros gracejos desses que se dá por ai por circunstâncias supérfluas, pegou a garrafa levou um copinho que no muito uma dose dava e, colocou sobre a mesa, enquanto isso Gioconda permanecia de pé ao lado da porta espreitando ambos os lados da rua, o velho ignorou de imediato o copo e meteu a boca na garrafa.

— Algo lhe tira a paz minha senhora? Perguntou Justine

— Nada minha filha é apenas um mau presságio.

— Ah! Não me torture com presságios, bastam-me os infortúnios

anteriores que me pesam a consciência até os dias de hoje.

— Longe vá mofina recitou o bêbado as gargalhadas abastecidas pelos devaneios.

— Ébrios não mentem, justificou Justine.

— Não sabem que fuxicos andam se espalhando pela cidade.

— O que? Indagou com um tom meio estupefato Gioconda.

— Disseram que o forasteiro que chegou noite anterior está procurando por uma moça e dizem que é sua irmã.

— Que maldizes é esse maldito! Disse Gioconda o agarrando pela gola da camisa.

— Calma senhora, quais motivos de tanta exasperação? Perguntou Justine espantada com a situação.

— Não é nada, desculpe-me!

— O que você disse mesmo Juca, irmã?

— Sim menina, irmã.

— Como é esse sujeito?

— Ele é...

— Mil demônios a língua desse vil, sussurrou Gioconda.

— O que?

— Nada me perdoe, proferiu Gioconda novamente.

— Continue homem, por favor. Suplicou Justine inquietada.

— É um sujeito meio forte e alto, negro, mas não tão negro, deve ter

no mínimo uns vinte e quatro a vinte sete anos de idade, uma dialética modéstia mais mui, mui rico.

— Rico?

— Sim menina, muito dinheiro, disse Juca esfregando os dedos.

— Ah ta.

— Por que, o conhece?

— Não, pensei que...

— Que? Exclamou Gioconda.

— Nada mais um devaneio causado pelo cheiro do caldo de cana de Juca Tadeu, e saiu Justine meio abatida dando alguns gracejos sem graça.

Neste momento dona Gioconda deu um suspiro aliviando-lhe alma, a corrente que lhe agrilhoava a porta sucumbiu de uma vez por todas e foi se retirando rumo ao caixa para assomar os ganhos daquele dia. No mesmo ínterim, aproximava o Sr. Veríssimo com violão na mão dando suas patacoadas.

— Demônios, mil demônios, isso sim!

— O meu bom Jesus dos perdões, não escute os disparates deste homem.

— Acate, atenda sim! Quem sabe assim essa gente acorde do transe e possa impactar nas deturpações colossais desse país escasso.

— Escasso? Indagou Justine e continuou, _ Esse país é uma maravilha desde o amanhecer ate o romper do crepúsculo, desde o primeiro riso até o primeiro abrir de olhos, em que lugar do mundo já se viu gente mais feliz?

— Feliz? Minha jovem a “Republica Federativa do Brasil é uma terra inóspita, as pessoas exclusivamente não se evadem porque não podem”.

— Diga homem que mau lhe afortuna? Interrogou Gioconda.

— O mal de sempre: pessoas sendo corrompida, engajadas as correntes da escravidão, a violência progressista e essa guerra que nunca acaba gente morrendo em todo canto do mundo, mas não se escreve disso no jornal, não se fala disso nas rádios, até quando iremos outorgar nossos direitos e anuir com a má fé alheia?

— Mais do mesmo, disse Gioconda.

— Direi quantas vezes for preciso, se minha voz for escutada por um me basta, morro feliz, mas enquanto isso não for exeqüível segue essa turba com frenesi meio aos sãos, entre a realidade do retrocesso e a utopia da profusão.

— Sente-se home e tome uma para relaxar assim exorta toda essa cólera.

— Claro que sim minha senhora, mas digo mais...

— Não já chega de tagarela, interrompeu Gioconda.

— “Navegar é preciso, mas viver também é preciso”!

Depois de afugentada a ira seu Veríssimo assentou-se perto de Juca que logo ofereceu um gole de sua amiga transparente como água de rocha – beba! O homem logrou daquela representação barata e posteriormente foi rogado para aclamar umas de suas cançonetas.

— Está bem seu Juca vou recitar uma que mesmo fiz para os filhos da guerra. Ouvindo isso todos prestaram atenção na fala de seu Veríssimo que

de estorvado e insurreto, tinha crânio de gigante.

— É mais ou menos assim...

Senti as lágrimas cair

No rosto de quem não vai mais te ver

Estando tão longe daqui

E você não vai mais voltar

Sente o perfume da rosa

Olhe o sangue a sua volta

No horizonte o sol se deita

Sobre lençóis vermelhos

São explosões de fogos no ar

São mais histórias para contar

É uma fábrica de corpos para enterrar

Seu país mercador vendedor de soldado

Índios, negros, amarelos, brancos e pardos

Como num grande capital humano.

Seu país mercador vendedor de soldados

Crianças e jovens, pobres, inocentes e fracos

Como num grande holocausto humano.

Quando estiver em meio a batalha

E o vento soprar como corte da navalha

E pelo chão estiver caído

Verás que nada disso faz sentido.

Chuvas de sangue, adagas e tiros

E você se ofereceu pra isso.

Chuva de sangue, de adagas e tiros

E você se ofereceu pra isso?

— Obrigado! Todos aplaudiram com palmas e bravos e com um descomunal fascínio nas orações elucidadas com trejeito e dote.

— Não imaginava que era tão bom assim seu Veríssimo, disse Justine apertando a mão e lhe dando os parabéns.

— Obrigado menina! Apenas sua admiração é o bastante para encher-me os olhos, nem sempre o “profeta é aceito em sua pátria”. Após concluir-se saiu deixando o sorriso plausível no rosto e deixando Gioconda de língua entre os dentes.

— Sr. Veríssimo é doido diz coisa com coisa.

Nessa hora toda gente ali presente a espreitou e apercebeu sua ingenuidade e tamanha insensatez de quem fala muito, ouvi pouco e não entende nada e com a ignorância franca de Gioconda também termino essas linhas que já estão sendo atordoante o meu vê, vamos logo ao próximo capítulo.

Elucidando duvidas

Caro leitor as linhas extensas deste calhamaço que o afortuna quiçá atinasse dubiedade a nossa imaginação e que logra de todas as perplexidades, todos devem ter apercebidos que Justine é nada mais nada menos que Lisa que, ao regressar ao país de origem perdeu a vida farta, jovialidade, a beldade e por fim os cabelos, mais ainda é bem apessoada, quem sabe esteja eu próximo a dizer asneiras, mas bom seria se todas as pessoas perdessem o cabelo e fosse melhores com os demais, mas esses desvarios não vem ao caso.

O que convém e é necessário é sabermo-lo se a moça irá encontrar seu irmão ou se ambos viverão apartados entre a sombra e a escuridão, entre a abastança e a míngua, não obstante isso não será aludido aqui nesses versos então borá lá subsequente capítulo.

Um dedo de Prosa

Quem nunca passou pelas ruas e foi intitulado a jogar conversa fora perdendo assim tempo e saliva? Somos todos iguais e a retribuição faz parte de nosso bel-prazer transformando-nos em cidadãos melhores para com os outros, às vezes damos um oi aqui outro ali, um bom dia, uma boa tarde e até mesmo uma boa noite antes de dormir e dessarte possessivamente.

No entanto, aquele novo dia que os pássaros glorificavam e saudavam com suas magníficas canções prometia, sem uma nuvem no céu, não havia sequer uma gota de chuva a distancia, azul e sereno parecia pintado à mão – “a aurora sempre tem belezas a serem descobertas basta saber por onde procura”, dizia Justine admirando a essência do novo dia.

A moça limpava e arrumava, tirava poeira daqui e da li, sempre bem prestativa, fazia tudo com capricho e dedicação não fazia ao avesso para não ouvir poucas e boas de Gioconda, esta que, por sua vez, acabara de levantar, ainda estava com um camisolão e um cabelo de dá gosto ver.

— Menina ficara por conta do estabelecimento outra vez, tenho que resolver uns negócios no banco.

— Claro que sim senhora, como queira.

A velha foi-se arrumar e para isso gastou um quarto de hora, após todo angariar saiu com um vestido longínquo e roçagante branco que intumesceria as vistas de quem a visse, mas sem delongas fosse e pelas ruas sempre atenta, andava inquieta a semana inteira, parecia está fugindo da policia, de credores ou algo do tipo.

— Senhora! Gritou um sujeito, mas a mulher não virou não fez conta

e saiu mais apressada, então o cara gritou novamente.

— Minha senhora! Parecia está querendo algo sério, todavia Gioconda era conhecida com quem não levava nada a sério, porem o cara foi mais rápido e a agarrou pelos braços e disse.

— Preciso de dois dedos de prosa com a senhora!

— Que isso homem, porque está me agarrando?

— Desculpe-me o modo, mas disseram que tem uma menina jovem que está trabalhando para senhora, poderia me dizer o nome dela, por favor?

— Quem é o senhor, por acaso, eu o conheço?

— Prazer senhora, meu nome é Lúcio Flávio!

— Que prazer que nada não vê que tenho pressa?

— Não quero roubar-lhe o tempo, apenas preciso de uma informação.

— Tem uma moça sim, mas não é nenhuma que tu conhece.

Naquele momento Lúcio Flávio a segurou forte e a chacoalhou.

— Qual nome dela? A velha se apavorou com a mudança de atitude repentina do sujeito.

— Ela se chama Justine e trate de me soltar agora senão eu aciono as autoridades!

Ele a soltou de imediato e pediu perdão.

— Justine?

— Sim, Justine por que a conhece?

— Não pensei que era outra pessoa.

A mulher virou-lhe as costas e saiu pasmada — ufa! Dessa me salvei, enquanto o homem ficou parado refletindo consigo, pensava que estaria perto, mas tudo complicou de uma hora para outra. Por outro lado, Gioconda agora suspirava tranqüila, pois sabia ao certo que não era Justine que o sujeito procurava, porém a curiosidade era tanta que ficava a deriva imaginando quem poderia ser.

Após resolver seus assuntos pendentes retornou e avistou o mesmo homem sentado numa esquina extraviado em seus desvarios inconformado com alguma coisa, pegava pedra por pedra e as chocavam umas nas outras, outras vezes pegava a terra nas mãos e as deixava cair lentamente como areia em uma ampulheta.

Não resistiu, sempre que tinha uma dúvida gostaria de esclarecer e não tardou muito para que fosse ao sujeito, chegou meio sem jeito, mas não hesitou e soltou logo a língua:

— O que faz aqui afinal, de onde veio?

Lucio Flavio a flertou sisudamente, não viu escolha e se queria respostas agora seria uma boa oportunidade que não poderia desperdiçar.

— Venho da França à procura de minha irmã, mas não sei seu paradeiro.

— Como é essa sua irmã? Indagou Gioconda.

— O nome dela é Lisa; tem a pele clara, cabelos negros, olhos meio escuro fortes, magra com a cintura aparentemente esculpida pelos deuses, calma e serena.

Aquelas palavras atinaram a cabeça da mulher o semblante sem cortes de Justine, suou frio novamente e ficou inquieta.

— Mas como sabe que ela está por aqui?

— Segui seus rastros pelas informações colhidas dessa gente.

Dona Gioconda analisou cada detalhe e viu que poderia lucrar com a situação e despachar o sujeito para longe sem atrapalhar nos seus negócios.

— Eu estive há pouco tempo com uma menina assim conforme descrito.

— Onde, quando? Levantou Lúcio freneticamente e arregalando os olhos rumo à mulher.

— Não sei se posso lhe contar é confidencial.

— Eu pago! E foi tirando o dinheiro do bolso da jaqueta.

— Não meu senhor você não está entendendo eu prometi não contar...

— Eu pago o dobro, o triplo, e foi o homem retirando duzentos mil réis do bolso.

— Não sei se posso.

Lúcio então retirou mais duzentos mil que a mulher não resistiu.

— Está bem, porém se alguém perguntar não diga que eu o contei.

— De acordo, mas onde?

Aquilo reacendeu a esperança do pobre coitado que fora ludibriado pela impiedade da mulher, pegou o dinheiro do pobre e lhe pregou uma mentira daquelas, mas vale a sentença “quando se está no escuro quem tem uma lamparina é rei”, é era disso que Damastor precisava – uma luz para se endireitar, luz que o levaria aos cantos mais recônditos da terra, prepararia para mais uma longa e extensa peregrinação, — disse cantos mais

recônditos? Não me desculpe! Erro de lógica do autor destas linhas, o levaria a São Paulo cidade das torrentes de fogo.

— Ela foi para São Paulo? Indagou Lúcio coçando a cabeça.

— Se entendo bem ela está em São Paulo uma hora dessas degustando das belezas turísticas e culturais e saboreando um formidável café paulista?

— Como tem tanta certeza?

— Certamente o rumo que tomou ao sair da taverna e com uma mala nas mãos não deixou dúvidas, afirmou Gioconda.

— Ah meu Deus! Aquilo afligiu Lúcio Flávio que se via mais perdido que as vírgulas em mananciais de palavras circunscritas, a senhora agradeceu o dinheiro e passou por ele o tocou na cabeça afirmando que havia feito o que podia para ajudar-lhe agora dependeria somente dele e como o tempo não a espera deveria ir e se fosse ativo era bom se mexer, pois o romper da aurora vinha logo em seguida.

— Cuidado! Não é bom viajar na obscuridão.

A sensação de que fora enganado o dominava, entretanto pelo modo que as locuções saíam da boca fomentava acrescia verossimilhança, não poderia descartar hipótese alguma.

— São Paulo? Mais o que foi fazer em São Paulo? Sofria suas magoas sob sua incumbência, a imagem de Lena vinha a sua cabeça e o fazia desvanecer aos poucos – é um castigo que estou recebendo pelos meus pecados, só pode.

Ficou na desconfiança, se fosse a São Paulo deveria se preparar, pois o trem sairia as quatro ou fretava um carro, permanecia nas incertezas,

incerteza de quem pode ou deveria poder confiar, em outra época certamente poderia pedir informações e trocar segredos sem precisar dá algo em troca e sem ao menos presumir nada: “esse é o alicerce da vida, é bom ter alguém em quem confiar, pois de amigos se fazem famílias”.

Ainda assentado Lúcio Flavio avistou ao longe doutor Afonso se aproximando aos passos longos.

— Extra! Extra! Passou o menino do jornal anunciando as noticias reportagem quantíssima, venham adquirir o seu... Extra, extra! Prefeito morre aos quarenta e seis anos de infarto.

— Que algazarra é essa? Dizia os moradores que foram se aglomerando ao redor do moleque, nisso chegou Afonso com um jornal na mão e dizendo a Flávio.

— Veja Lúcio Flávio!

— O que quer que eu veja?

— Olhe ai, o prefeito aqui do rio acabou de morrer.

— E o que eu tenho a ver com isso homem?

— Nada Damastor, nada ainda.

— Explique-se!

E foram discursando e esclarecendo as perquisições, no entanto o que Afonso supostamente queria dizer era que, o prefeito havia sofrido um infarto e que o vice não iria assumir, a população havia revoltado e exigiu novas eleições, ou seja, seria o momento certo para ambos embarcarem na vida política, tudo conspirava a seu favor, Afonso era rico e pelo cargo de doutor era célebre, enquanto Lúcio era rico e novo na cidade seria sua chance de se

tornar popular.

— Como assim morreu de infarto, explica isso direito?

— Não sei ao bem Lúcio, mas contaram que sua mulher foi embora com outro homem para fora do estado e o homem não agüentou de tanta angustia e foi desvanecendo aos bocados.

— Se morre de amor? Indagou Lúcio.

— Não! Sim! Ah não sei, mas Vinicius de Moraes dizia: “Eu sem você sou só desamor. Um barco sem mar, um campo sem flor. Tristeza que vai, tristeza que vem. Sem você, meu amor, eu não sou ninguém”?

— Triste! Bem triste.

— Esqueça essa baboseira e preste atenção no que disseram, as eleições estão abertas e juntos seremos imbatíveis. O rapaz o flertou assistindo a malícia em seu olhar, o cadáver de um homem na cidade não era nada a seu ver, esse é o mal da população os vivos valem pouco e os mortos pouco valem.

— Não tem como, para mim não!

— Como não rapaz?

— Eu não tenho conhecimento nenhum de política e além do mais tenho que ir a procura de minha irmã.

— Ah deusa do céu! De novo essa história, não ver que se você ganhar a política ficar bem conhecido e será capa de jornal, logo, logo sua irmã aparecerá a sua procura.

— Não! Não posso, persistia Lúcio.

— Não posso ter minha foto no jornal, afirmou Damastor.

— Está bem isso não é problema, tenho uma idéia, finjo que você foi embora e você arruma esse cabelo veste umas roupas mais sociais e se alguém perguntar diz que é meu primo que veio de longe.

O plano parecia bom – bom até demais, e teria uma porcentagem de dá certo, visto que, Lúcio Flávio tinha como destino São Paulo, ninguém suspeitaria e nem criaria caso, depois de reflexionar bem a conjunção certificou que era o melhor a se fazer, concordaram ambos apertando as mãos.

Sr Veríssimo

Na taberna tudo fluía normalmente até chegar o senhor Veríssimo indignado dando seus ruivos revolucionários de quem teria ido à guerra e sobrevivido.

— Não! Não pode ser!

— Não pode ser o que senhor Veríssimo? Perguntou Justine que quanto mais o conhecia mais o admirava.

— O prefeito, minha senhora, o prefeito morreu, e foi chorando o coitado que tinha uma apreciação a parte pelo oficial; coitado era o único em quem se podia confiar; tinha postura e boa índole, burocrático de conduta, situacionista de grande espectro.

— Calma Veríssimo sabe que é um grande infortúnio para si, mas a vida segue! Disse a mocinha.

— Mas não é por isso minhas lastimas é que o povo decidiu fazer novas eleições e tenho total convicção de que colocarão no poder um individuo que não tem destreza e competência alguma para exercer tal ofício.

Justine analisou a circunstância com calma e zelo, aproximou do velho e passou a mão em seu cabelo e depois de um bocado de silencio proferiu:

— Deste modo porque não se candidata? É a pessoa certa para o cargo; tem muito conhecimento e determinação...

— Não menina, eu estou velho e não quero me envolver com espasmos neurológicos, prefiro ficar no meu canto e apenas apontar a ferida, mas...

Calou-se por um minuto a observou de cima abaixo e constatou ao fundo de seus olhos arregalados que havia um jeito.

— Mas? Justine perguntou.

— Agora sei você pode! Afirmou o velho

— Está louco, claro que não, quem é eu?

— Isso mesmo você tem o ideal perfeito para o ofício, imprimiu o coitado com a felicidade transbordando no olhar.

A menina articulou a cabeça negando, mas Veríssimo insistia e insistia.

— Não, não, não!

— Sim você pode, levantou a segurando nos braços e a sacudindo de felicidades, sei que dará conta e se precisar de ajuda irei aconselhá-la.

Gioconda chegou nesse momento e achou estranho o contexto, interrogou para saber que diabinhos aconteciam ali, Veríssimo a colocou a parte de tudo, logo negou — não pode ela tem muito serviço, mas senhor Veríssimo não aceitava um não como resposta e sabia muito bem das pretensões de Gioconda e de imediato a extorquiu — ela está no seu direito e se a coibir irá se vê comigo na justiça! E prosseguia as inquisições, chuvas de indelicadezas fluindo de um lado a outro.

Se por acaso “conhecimento é poder” ali sairia vitorioso senhor Veríssimo que era estudado formou-se no segundo grau e por mais que duvidassem tinha cursado universidade de filosofia no exterior, tinha também costume de ler no mínimo um livro por semana e sempre estava atualizado nas conjunturas do país, ouvia radio todos os dias e lia o jornal assiduamente, conhecia de cabo a rabo; Sócrates, Aristóteles e Platão e, enquanto Gioconda

ignorante desde a infância, não fez sequer o primário, ocasionalmente tinha o currículo como sorrateira e ardilosa, aliás, o único livro que conheceu proferido nas conotativas de Schopenhauer: Como vencer um debate sem precisar ter razão. Para não atinar conjecturas na cuca do leitor, enxerto aqui uma sentença de um papiro egípcio, a ignorância nem sempre é o caminho “mais vale um dia numa sala de ensino do que uma eternidade fora dela”.

Vida de político

Noutro dia, estava Lúcio Flávio encostado sobre as arestas da casa de Afonso, fumando um charuto e se deleitando com o ir e vir das pessoas admirava o aspecto de toda aquela gente; trabalhadora, com muitas projeções futuras, objetivos e sonhos para dar e vender, e ele ao contrário, parado, descansando e observando vagarosamente.

— Lúcio! Gritou Afonso, por acaso já leu os livros que lhe foram dados por mim.

— Aquilo era para lê? Perguntou o rapaz com uma inocência e ingenuidade genuína.

— Mas claro! Como queres ser um grande político senão estudar?

— Aquela conversa de ontem era sério mesmo?

— Ainda pergunta? Virou as costas e entrou para casa novamente doutor Afonso inconformado pela inépcia do sujeito.

Estava mais tranqüilo que antes, já não via motivos para continuar uma busca sem sentido, lamentou o sumiço da irmã, mas entre ficar a sua procura, optou por ficar a sua espera. Às vezes lembrava-se de paixões inacabadas e de como estaria suas vidas senão estivesse abandonada sua vida para trás, deixava uma lagrima escorrer pelos cantos dos olhos e a secava rapidamente não queria que ninguém o vê-se sofrer, achava-se muito maturo para chorar.

Entrou para casa; agora já não ficava somente na parte lhe destinado, freqüentava ambas as partes; a dele e a de Afonso. Sobre a mesa Afonso havia separado uma dúzia de livros que tinham haver com política; dois deles

era sobre administração, outros dois sobre economia, quatro eram a respeito da história de nossa terra e das formas em que nossos grandes líderes tiranos governaram, em relação aos demais exprimiam acerca de filosofia e filologia. Obtinha a faca e o queijo na mão, se seguisse os conselhos de doutor Afonso seria um grande estadista; nomeado, inteligente e dedicado aos assuntos de interesse da população.

O rapaz tinha mesmo em seu gênero caracteres de homem publico, todavia a preguiça o arrefecia, lia uma pagina e outra e espreguiçava sobre a mesa, passava pagina por pagina e tomava uma xícara de café, enfim, foi empurrando com a barriga; aprendia umas coisas pelo menos aquelas que lhe despertava o interesse. Foi apelida por seu Afonso com ledor ambulante, visto que, lia perambulando de um lado para outro.

Quicá, o amigo leitor deve está se perguntando por que Afonso precisaria de Lúcio? Vou lhe explicar, Afonso era um medico famosíssimo no vilarejo, mas às vezes tinha que prestar plantão em outro município e da mesma forma que um soldado ama a bandeira do país e morre por ela, Afonso amava a profissão e era incapaz de deixá-la de lado, porém ainda acrescia em seu integro o desejo de um dia representar a família na política, queria porque queria demonstrar seu poder de persuasão, herança essa que herdara dos familiares que representaram cargos importantes na republica.

Afonso gostava do que via, sempre quando saia para trabalhar Flávio estava estudando e sempre que voltava encontrava o mesmo no mesmo lugar, sentiu o potencial do rapaz que de pouco a pouco foi descobrindo as maravilhas que se encontram inertes nas paginas de um livro.

— Tenho boas noticias rapaz, dizia Afonso sorridente.

— Vamos diga qual é, indagou Lúcio Flávio.

E sem pestanejar Afonso foi colocando Flávio a parte de tudo.

— À tarde vamos reunir com nossos companheiros de chapa e vamos indicar você com candidato, dizia as gargalhadas expressando muita felicidade, quem o conhecesse diria que puxou as manias do velho pai que também tinha gosto pela política; não posso nem imaginar você prefeito dessa cidade, será uma maravilha!

Flávio gostou, porém logo o repeliu.

— Preciso de novos documentos, novas fotos e de um novo nome, por acaso...

— Esqueça isso, dou meu jeito, fique tranqüilo, se está em minhas mãos está nas mãos de Deus, dizia rindo.

Lúcio desconfiava, mas não inadmitia o poder aquisitivo do doutor, continuou saliente nas paginas que acabavam uma a uma e designou as incumbências todas em responsabilidade do rapaz.

Enquanto isso, do outro lado da cidade na taberna Justine repudiava a poeira do bar, quando chegou senhor Veríssimo com livros e papeis para apoiá-la na campanha, por lá tudo estava decidido, seria ela a candidata, mas como não tinha tempo omitia seus estudos para dedicar-lhe ao trabalho.

— Então porventura já leu os livros que lhe mandei?

A menina suspirou e vendo a animação do velho não queria decepcioná-lo, mas não tinha escolha.

— Ainda não senhor! Estou muito ocupada e quando chega à noite estou cansada não consigo concentrar-me, mas pode deixar que logo vá fazer um esforço.

Revoltou o homem ao vê-la escravizada pela mulher, não se conteve e rugiu numa só vez.

— Logo nada, vai começar agora, largue já essa vassoura e pode dar um jeito de estudar se Gioconda quiser ela que varra.

Justine ouviu temerosamente as palavras de Veríssimo da mesma forma que Gioconda, obtinha medo de ambos, mas a qual conceder.

— Não dê ouvidos a esse velho doido, se quiser um lugar para dormir continue varrendo.

Uma situação incondicional não havia outra maneira a não ser calar-se e curvar diante a mulher, o velho saiu irritado deixando os livros encima da mesa, certamente imprecou ao longe diabrura sobre a velha, que respondeu com mesmo apelo.

Estava impossibilitado de fazer alguma coisa, um suicídio instrutivo gerava sobre a menina, mas não foi o bastante para abster-se e as escuras foram desenvolvendo todo processo para habilitar à jovem, que mesmo com o trabalho incessante conseguia ludibriar a velha, por fim não havia mais jeito seu Veríssimo requereu mais liberdade para a menina, não obstante não havia conseguido, mas de imediato havia um plano B que não falhara e destruiria a exploração de Gioconda de uma vez por todas.

Logo cedo escreveu um bilhete para a mulher e pediu que fosse entregue diretamente na mão dela e que fosse lido perante Justine e assim sucedeu.

“Caríssima senhora, venho por meio desta epistola, solicitar em suprema plenitude a disponibilização de Justine para realização do seu direito na campanha constitucional, caso contrário, a mesma será retida por mim a conviver em minha habitação”

— Um golpe de faca, dizia Gioconda inconformada com a atuação de Veríssimo, Justine ao ouvir não sussurrou nada, ficou quieta e após uma breve reflexão concluiu que o melhor lugar para ficar era com Veríssimo, mas não indagou nada, na sua posse ainda acreditava que devia obséquios a Gioconda, esperou a decisão da senhora que, até aquele momento e nas próximas duas horas ficou inanimada.

— Este homem quer me dismantelar, o que será de mim sem minha serva? Perguntava a deriva passando a mão sobre a cabeça no tom de preocupação.

Posteriormente chegava ao local Sr. Veríssimo, alegre e feliz, o sorriso escancarado em teu rosto estava diferente de dias atrás, entretanto o que o amigo leitor não sabe é que, o velho sempre quis ter um filho ou uma filha que lhe representasse na política para liderar e retroceder com a desordem, mas a vida pouco o favoreceu, muito o deu foi um diploma e uma eterna paixão advinda do exterior quando ainda estudava, perdeu todo contato com ela quando a mesma se mudou para outro país, há quem diz que não se mudou nada, fugiu com outro médico galanteador para o sul do Mato Grosso e doravante só Deus sabe o que aconteceu...

Quando pisou na porta de entrada de imediato veio Gioconda com uma cólera de leão, havia a fúria nos teus olhos, antes mesmo que o velho abrisse a boca ela já rugiu:

— Não pode levar minha menina, não se rouba sangue de ninguém, mas se doa!

O sujeito olhou assustado aquele escarcéu todo, refletiu aquela sentença em poucos segundos e cresceu outra oração.

— Corrompa os fracos, usurpem os pobres, mas em quimera não

desenvolverá o exercício administrativo, a República singular não terá pujança para unir a nação e nem conciliar os poderes.

Acrescia um jogo de palavras que certamente Gioconda sairia perdendo, depois de muita insistência a senhora desistiu, mas não o concedeu, Veríssimo em seu poder segurou Justine pelos braços e a levou para sua casa nem sequer deixou a moça se despedir, a púbere ingênua Justine ainda em seus integro sentiu comiseração pela mulher, mas ao ver seus olhos avermelhando-se Veríssimo a impeliu.

— Não chore! Há muitos incontinentemente libertaram as correntes, hoje lhe emancipo a alma.

Foram de mãos dadas pelas ruas a moça e o velho, Gioconda os flertava de longe encostada na aresta da parede _ meio desolada? Não! Insatisfeita, por que seu ganho pão secou como mina d'água. Somente viu Justine curvar ao longe e sumir, depois disso a moça nunca mais a procurou, decerto não tinha motivos, visto que, roubaram-lhe até mesmo o que não tinha.

Nova casa

Com certeza o leitor percebeu que Justine nunca tinha habitat fixo, vivia rotulando de galho em galho, há quem diga em análogo a transeuntes, outros há mendigos, moradores de ruas, mais prefiro retirante, emigrante ou imigrante, andante... Enfim, não há definição definitiva, fica a critério do leitor.

Chegaram felizmente à casa de Veríssimo e por simples e singela uma boa casa, o velho não trabalhava, mas obtinha grande riqueza guardava herdada dos seus patriarcas, a moça ficou encantada com a casa do homem, depois de meses teria uma cama desceite para repousar, e fazia necessário se via a prostração em teus olhos.

— Menina faça o que quiser a casa é sua Justine consentiu balançando a cabeça e perguntou de imediato onde era o banheiro, o homem a mostrou, ela foi aos seus pertences que muito pouco restava, revirou aquele monte de trapo e bem no fundo encontrou um vestido intocável que trouxera de algures distante – quiçá a única lembrança que tinha de Jorge.

— Pelo menos você não foi me tirado, cogitava em si e para si.

Entrou no banheiro, olhou ao espelho e se viu depois de muito tempo, vale ressaltar que depois que havia cortado o cabelo nunca mais a moça teve sua aparência refletida no espelho, foi retirando a toca que encobria seus ínfimos cabelos, sua pele marcada pela extenuação, as manchas do trabalho escravo menosprezava sua aparência, quando retirou totalmente a toca admirou-se, deu um belo sorriso, pelo menos os dentes ainda estavam intactos.

— Veja quem cresceu? Dizia passando as mãos sobre os fios de

cabelo que já tinham crescido uns dez centímetros; pelo visto até a política vocês estarão bem grandes, proferia aos risos e deixando lágrimas de felicidades escorre, aquela conversa baixa foi ouvida por Veríssimo que chegou a cogitar que a menina tivesse problema, enfim repudiou tal hipótese.

Lavou-se como pode, aquela água fria sobre seu corpo cheio de odores e imundices corria vagarosamente, lhe retinha toda sujeira impregnada, após terminar, secou-se e cobriu-se com o vestido guardado, decepcionou-se ao ver que mal lhe servira, estava escassa, minguada, parecia que o vestido pertencia à outra senhora e que nunca fez parte de sua vida.

Sentou no canto do banheiro e chorou, mas para não criar indagações a Veríssimo repeliu as lágrimas e saiu do banheiro, o velho avistou-a e deu um belo sorriso, daqueles que a gente usa para com pessoas que queremos bem.

— Nossa está linda! Indagou o velho.

— Obrigado pela gentileza, mas não estou não, e saiu triste a menina rumo ao quarto, tentou contê-la, todavia não obteve sucesso, estava explícita a melancolia dramática em seu interior, resolveu deixar pra lá, somente buscou em sua biblioteca alguns livros e bateu a porta do quarto e os deixou do lado de fora, a menina abriu a porta os avistou pegou-o e trancou-se no quarto com sua solidão – circunstancia imperiosa? Vida a míngua.

Um evento fúnebre

Era quatro da tarde quando Afonso chegou, Lúcio estranhou por que tinha como costume chegar pelas seis, mas nada comentou, coube ao homem indagar:

— Não vai ao velório prestar ultimas homenagens ao prefeito?

— Que velório?

— Está passando aqui na rua, não queres acompanhar? Lúcio se levantou e foi à porta para ver o que estava acontecendo naquelas conjunturas, não entendia aquele amotinado de pessoas lastimando perante um caixão.

— O que estão fazendo?

— Cantando com ultima homenagem ao oficial.

— Com que intuito roga e olham para o céu?

— No intuito que a vida do homem se contemple com lugar no paraíso.

— Bobagem! Dizia Lúcio com nuances de ironia.

— Não acredita em vida após a morte Lúcio? Interrogou Afonso.

— Acredito na vida aqui na terra, na vida que se vive, não creio naquilo que se é duvidoso! Afonso estranhou a atitude do rapaz, refletiu e não consentiu.

— Então você não acredita em Deus?

— Preste bem atenção! Engendrei certa comigo mesmo, ou acredito

naquilo que pode se acreditar e é comum a todos, ou se acaso causa suspeitas em alguns é melhor repudiar.

— Então você é ateu?

— Sou crente, mas somente creio se puderes provar. Mais uma vez o doutor se conturbava com dezenas de idéias opostas, no entanto não ficou satisfeito foi além e tentou sua ultima cartada.

— Como é ateu se ontem mesmo ouvir você dizendo pelo amor de deus?

— Senso comum meu amigo, apenas senso comum! Dizia Lúcio rindo da situação e continuou, olhe toda esta gente que segue por essa estrada, se ocasionalmente estivesse menos interessada a si própria não estariam aqui, pois se acaso, hipoteticamente, houvesse vida após a morte que sentido haveria essa vida que nós vivemos? Em cada canto da cidade tem alguém sangrando, esmolando, lastimando, se essa vida fosse mesmo uma parte e contemplada com outra em outro lugar, por assim dizer, se alguém que estivesse achando sua parte de vida aqui nesta terra uma desgraça logo tratava de lhe dar um fim e partir para outra, da mesma forma que se faz num capítulo de um livro, quando o leitor não gosta do capítulo é só pular para o próximo, não acha?

Afonso se confundiu um pouco com a elucidação hipotética de Lúcio, tentava por que tentava entender sua lógica, sugou apenas dez por cento do esclarecido e retrucou.

— Explica mais essa parte de menos interessada?

— Pois bem, mire o rosto de cada uma delas, arbitrariamente não estão seguindo essa inumação por com pesar aos familiares, todavia estão tentando fazer sua parte para serem favorecidas ao morrerem, para que

quando partirem tenha também sua inumação gloriosa, que sejam vistas aos olhos do ser onipotente, velam em vão meu amigo, velam em vão!

O doutor até que cogitou em replicar, porém se viu limitado a um disparate ignorante que como dizem os sabidos ao se dirigir a um incauto – ignore, ignore... Assim, Afonso fez fortuitamente disse até logo e saiu atrás do enterro para prestar-lhe as ultimas homenagens ao senhor prefeito. A cada passo dado olhava para trás para observar a postura de Lúcio que o acenava rindo e debochando das circunstancias, — pobre rapaz! Dizia Afonso em sua companhia.

Quando foram se aproximando do cemitério local o doutor avistou a dez passos de si, senhor Veríssimo e uma moça, no caso Justine, ainda desconhecida pelo rapaz, a moça estava bem elegante, com um vestido preto que o velho a deu, seus cabelos curtos batendo rumo à asa da orelha sendo partido ao meio, não parecia nada com a Lisa de antigamente, se Damastor a vi-se presumivelmente não a reconheceria, e assim sucedeu, Afonso ficou a espreitar a moça de longe, não obsta não se conteve e tentou uma aproximação plausível.

— Meus pêsames senhor Veríssimo, sei o tão quão era importante a amizade do amigo prefeito.

— Obrigado rapaz! Compensou a atitude do rapaz apertando-lhe a mão e dando-lhe um forte abraço, o velho ainda fez questão de apresentar a menina que tanto criava interrogações na cabeça de Afonso.

_ Justine esse é doutor Afonso um médico nomeado aqui da cidade, Afonso essa é minha sobrinha Justine!

Pegou a mão da menina e a beijou a tratando como uma princesa, – encantado, disse ele, ela apenas consentiu com o posicionamento indiferente

do rapaz, Justine também achou indiferente o modo que o velho a apresentou — sobrinha! Mas não fez questão disso, a empresa é dele deixe-o que venda o produto.

— Então senhor Veríssimo a moça está de passagem em sua casa? Mandou na cara dura esta.

— Não meu jovem veio para ficar.

O homem alegrou-se, se ainda não citei corriqueiramente sua biografia, doutor Afonso tinha entre vinte e nove a trinta anos, um solteirão a procura de uma pomba para aquecer a ninhada, apesar das moças ali do Rio ser bem atraentes nenhuma despertava tanto interesse como ocasionalmente fez Justine. Era bem modesto, mas galanteador e cativante, quando queria alguma coisa ultrapassava os limites e conseguia, mesmo que as muralhas fossem grande como a da China ou fortificadas como a de Tróia.

Não inquiriu mais nada, ficou em silencio em respeito à memória do oficial, logo após o cortejo e a marcha fúnebre, aproximando momentaneamente o ultimo adeus, da família do defunto não havia ninguém a não serem seus parentes próximos, não havia deixado herdeiros, todos seus bens seriam distribuídos aos bens públicos, mas Veríssimo não deixou a memória do homem se extinguir colocou sobre o tumulo uma lápide que dizia.

“Em memória do estadista que não se corrompeu, foi corrompido”

Todos leram até mesmo os mais distantes, aquela misera frase de desgosto do velho, que tinha pelo seu prefeito imensa admiração, alguns quiseram requisitar, outros ficaram apenas no devaneio, mas enfim, ninguém disse nada. O padre abençoou e por fim indagou:

— Alguém tem algo a dizer?

Justine levantou a mão e meio sem jeito por não ser conhecida do prefeito e nem ao menos dos familiares disse – eu!

— Pois bem minha filha pode falar. Ficou muda no momento, mais tinha em sua convicção que deveria assomara algo que confortasse o velho e os demais, Afonso apenas assistiu atentamente as palavras da menina que por fim saíram.

“Tudo tem seu tempo certo; desde o momento em que abrimo-lo os olhos até o momento em que o fecham-no, desde o momento em que se planta até no ápice em que se colhe, no instante em que se dá e no átimo que lhe é tomado, no minuto que é distribuído e no tempo que lhe é requisitado, no pó que lhe assoprou a perfeição e na cinza que amordaça-lo á vida”.

A reação de todos foi espantosa, um texto em recitado e bem didático, mas para Afonso foi tentador, apercebeu a inteligência na moça que após o feito abraçou fortemente o velho.

— Parabéns menina será uma excelente prefeita! Dizia Veríssimo.

— Prefeita?

— Sim Afonso, Justine é candidata ao cargo, espero que vote nela nas eleições!

O rapaz olhou apreensivamente para a moça e viu sua chance de eleger Lúcio serem subtraídas, ou melhor, exterminadas.

— Votaria de bom grado, no entanto meu primo irá se candidatou e irei ajudá-lo na campanha.

— Quem é seu primo? Perguntou Veríssimo.

— Por acaso não se lembra do doutor Estevão?

— Não, devia?

— Ele vivia na sua casa quando mais novo.

— Não estou lembrado, deve ser a idade, mas então parabéns! Seremos rivais nessa política, proferiu o velho.

— Seremos sim! Ponderou o rapaz, rivais não inimigos! Disse sorrindo. Após essa breve prosa todos se despediram prestaram seu ultimo adeus ao morto e foram para suas casas. Afonso apressou os passos, pois via a situação meio desequilibrada para seu lado, chegou rápido a casa e logo procurou por Lúcio Flávio, ou para não perder o costume, Estevão.

— Estevão! Lúcio Flávio olhou de imediato assustado e espantado com a fadiga do amigo.

— Que maldito nome é esse?

— Assim o batizei perante os amigos?

— Amigos?

— Sim! Amigos e rivais?

— Explique-se homem.

— Está bem! Estava eu, dizia ele, no funeral do prefeito, quando avistei Sr. Veríssimo e uma moça, bem elegante a meu ver, cortejando o morto, aproximei-me e o assunto fluiu no fim a tal moça aludida recitou umas palavras, destas que se faz em cortejos, sabe como é?

— Claro! Mas continue.

— No momento não imaginei que seria capaz de tanto, porém equivoquei-me, muito simplória e ao mesmo tempo muito instruída, depois de ouvir aquelas sabias palavras não conteve e indaguei algumas informações

à parte da garota e por fim descobrir que a mesma será nossa rival na política, também é candidata!

— Como assim uma mulher na política? Mas não pode!

— Mas é o que parece.

— Melhor ainda assim ganharemos fácil!

— Não percebe que essa é uma excelente republicana, tem muita chance de nos derrotar!

— Era somente isso?

— Não ficou saldado?

— Pensei que iria concordar comigo a respeito dos cortejos!

— Acredito num mundo sem cor, não sem vida, disse Afonso dando gracejos da cara do amigo.

— Qual o nome dela? Indagou o rapaz.

— Justine.

— Justine? Lucio Flavio ficou pasmo, mas está não é a moça que trabalha na taverna?

— Taverna? Ela lá tem cara de quem trabalha em taverna, não sei que estória é essa não! Disse Afonso.

— Será que aquela velha me enganou?

— Como assim?

— Pedir informações para aquela dona ta taberna, pelo visto, acredito que me ludibriou!

— Dona Gioconda?

— Está mesma!

— Mais tu és cego homem? Pedir ajuda a ela é o mesmo que estender a mão ao diabo proferiu Afonso.

— Será?

— Bem provável!

— Não! Aqui ninguém me passa pra trás, ninguém sucumbi me devendo! Disse Lucio com os olhos salientes e cheios de ira.

— Pretende fazer alguma coisa?

— Esqueça doutor, dos meus assuntos cuido eu.

Gioconda, parte final

Quiçá o amigo leitor espere que dona Gioconda saísse ilesa deste script, sem embargo, seria imprudência de minha autoria não elucidar os últimos momentos da senhora que enriquecia de pouco a pouco. Pois bem, dona Gioconda foi feliz pelo menos enquanto manteve sob sua custódia Justine que além de amassar a massa lhe servia o pão.

Mesmo assim, não foi o suficiente para satisfazê-la, tinha o olho gordo naquilo que lhe convinha e obviamente lhe traria ganho. Quando Justine se fez ausente o negocio foi despencando, assim como as águas correm corriqueiras para o mar, seu negocio iria se amofinando gradativamente. Os fregueses foram se afastando aos poucos, visto que, a doçura, a simpatia e a beleza angelical da menina não se faziam presente e dona Gioconda não era nada carismática, alias, era bem frívola.

Ora! Sem detença era de se esperar que a casa fosse caindo de leve, contudo não de imediato, conforme a taverna foi arruinando-se, Gioconda se viu obrigada a retirar todo dinheiro guardado para não endividar-se, todavia não suportou muito, então escreveu um bilhete para sua “amada” sobrinha que coabitava numa residência bem pecunioso no oeste de São Paulo no bilhete dizia;

“Querida Antonella! Estou tendo dificuldades múltiplas para acondicionar esta velha choupana de pé, minhas mãos cansadas e meus cabelos grisalhos levam-me a alvorada, neste ínterim, refletir-me e resolvi aceitar aquela proposta de tempos atrás para ir morar contigo, isso se ainda aceitar esta obsoleta... Com amor sua tia que muito te ama”.

Passaram-se duas semanas desde o envio do bilhete, a senhora já

estava ansiosa esperando por uma resposta, — mas não veio, esperou pela terceira semana — e nada. Estava aflita com a situação, perambulava pela taverna meio sem jeito tentando deixar aquele estabelecimento ainda supedâneo, porém era um esforço supérfluo, não tinha a determinação de outrora — é velho perdoe-me mais infelizmente vou ter que subjugar a única coisa de valor que deixastes para essa moribunda! Dizia a velha triste e melancólica, absolvendo todo desdém para seu integro.

Excedeu-se um mês e Gioconda ainda não obtivera notícias da sobrinha — será que o bilhete não chegou? Será que a mesma o recusou? Hesitou, — Não! Minha pequena não faria isso comigo, não abandonaria essa obsoleta, foi promessa de seu pai ficar sobre seus cuidados até minha partida, se conheço bem minha sobrinha ela roga em memória do pai. As incertezas surgiam dia após dia, chegou a cogitar que a mensagem não havia chegado e se propôs a escrever outro bilhete — deve ser isto, o mensageiro o perdeu pelo caminho! Certificava-se para não se enganar.

Concebeu outro, seguindo as mesmas ideologias do primeiro e bem mais didático com uma letra que recuso subordinar adjetivos, posto que fossem sentenças frívolas, após o termino e todas suas transações no exato momento que lhe prepararia para enviá-lo, o mensageiro bateu a porta e colocou pela fissura abaixo uma carta bem requintada com carimbo e uma boca selada a tinta sobre o papel.

— Enfim chegou! Disse sorridente a senhora que já desvanecia a esperança, abriu-o subitamente e propôs a lê-lo, ao término maravilhou-se, o brilho alegrou-lhe as vistas e franziu a testa colocando as mãos sobre o rosto e ajoelhando-se e agradecendo a Deus, o bilhete remetido continha poucas palavras apenas.

“Sim! Seria uma honra acolhe-la em minha humilde residência”

Não tardou muito e dona Gioconda pusera à taverna a venda findando-se assim a ultima representação memorial de seu falecido, compradores apareciam de toda parte, mas não lhe satisfazia vendê-lo a preço inferior, quisera dois contos de réis, poucos ofereceram propostas que assimilava condizentes, o máximo que obteve foi um lance de um conto, com o passar do tempo e a delonga de sua ida, não teve escolha, — pois bem! Não se reteve, vendeu-o de imediato, pois com dinheiro que ainda havia sobrado beirava a ao ansiado.

Fez a mala e se aprontou tudo preparado estava na hora de partir, saindo vagarosamente foi acariciando com as mãos já enrugadas cada mesa, o balcão, toda aquela vida que deixaria para trás, recordou remotamente da vida que vivera ali, do marido de quando estava vivo até mesmo de Justine e do tanto que a fez sofrer — lamentou-se.

Não deu valor agora lastimava em vão – arrependeu-se? Não! Não coloco a mão no fogo para ninguém, mais nos seus olhos arrefecidos nutria desolações. Por fim, saiu, entregou a chave ao vigente proprietário e foi caminhando pelas ruas despedindo-se daquela cidade megera de terra e poeira do estado do Rio de Janeiro.

Quanto mais se afastava mais lagrimas escorria pelos olhos que caiam apagando a poeira do chão, não despediu-sede ninguém, queria mesmo ter voltado atrás e ir ter-se com Justine, para lhe dizer o ultimo adeus e até quem sabe perdi perdão pelos meses memoráveis de sua estadia na taverna, mas não, não gostava de adeus e decerto tinha um longo caminho pela frente, caminho interrompido pelo vento, pela chuva forte e pelo tormento.

Direcionando-se para o fim da cidade, esperaria o trem das seis, o das quatro porventura o perdera nos atraso das despedidas dos inúteis objetos inesquecíveis. Mas, o que não imaginava que algum estaria a sua espreita,

contemplando cada passo dado pela velha. A mulher parou na estação e sentou num banco esperando assim o próximo trem, mas foi surpreendida por um sujeito de mascara que obscurecia a cara e que tinha sobre sua posse um punhal na mão, rendeu-a.

— Passe essa mala com dinheiro ou ranço-lhe a garganta!

A velha ficou pasma, seus cabelos arrepiaram de medo, via sua vida passar lentamente diante de seus olhos, colocou a mão na frente no intuito de conter a agressão, mas o homem proferiu novamente.

— Me entregue todo dinheiro e não a machuco!

— Por favor! Não! Não, dizia ela.

Então o homem arrancou-lhe a força e atirou a velha pelo chão que caiu batendo fortemente a cabeça, fugiu posteriormente e doravante desconheço paradeiro. Gioconda ainda rogou as mártires.

— Deus! Meu Deus! Por que me abandonastes? E continuou, alivia-me a alma, descansa meu espírito!

Naquele prostrado momento a velha foi amofinando pelas desolações recentes, o sino da igreja soou seis badaladas anunciando a partida de quem nunca foi, no entanto também não pode ficar – morreu a míngua. Uns dizem que se finou de remorso outros diz que foi desgosto, mas foi passado para a sobrinha morte por traumatismo crânio encefálico, o seu corpo foi postulado por Antonella e sepultado perante o corpo do irmão, sendo assim, Antonella satisfez a ultima vontade do pai. Destarte termina esse capitulo dando fim ao legado de Gioconda – que a pobre descanse em paz nalgum lugar do inferno!

Recapitulando

Doravante, Lucio Flavio e Afonso estavam bem próximos, sempre juntos vestiam-se quase iguais, bem disciplinados e elegantes, faziam campanha política por toda cidade, passavam de casa em casa conquistando a confiança dos amigos, dos conhecidos e mesmos dos repudiados.

— Podemos para por hoje?

— Não! Afirmava Afonso, temos que percorrer por mais trinta casa, aquilo queimava a cabeça de Lucio que já se extenuava de tanto entrar e sair dos domicílios, mas o rapaz continuava a resmungar.

— Está bem! Vamos somente nesta.

Entraram numa casa bem aconchegante e mui modesta, foram recebidos por uma jovem de vinte e três anos bonita e delicada, conhecida por Afonso que por ser médico conhecia quase todo mundo, mas para Lúcio foi uma surpresa.

— Entrem, por favor!

— Obrigado! Disse Afonso, a Caroline.

— Caroline, sua mãe está?

— Está sim, quer que eu chame?

— Faça um favor!

— Está bem! E saiu a menina com um vestido roçagante azul claro, bem clarinho pela casa, anunciou os rapazes que esperaram atenciosamente na sala de estar, o avô da moça também veio e cumprimentou Afonso, ambos se entendiam muito bem, pelo ofício de doutor Sebastião tinha grande

prestígio por Afonso.

— Então rapazes a que devo a vinda de vocês?

— Pois bem! Disse Afonso, estou apresentando meu futuro prefeito Estevão, todos o fintaram de imediato, que apenas deu um sorriso e acenou com a mão, e peço que nos apoiem nessa política, ainda mais o senhor Sebastião que é coronel e tem um sobrinho que é secretário de estado com sua ajuda estaremos um passo da vitória.

O velho consentiu — certamente, pode contar comigo, vou lhe dar todo apoio necessário, se eleger esse homem lhe faz feliz, eu definitivamente o ajudarei, decerto Sebastião tinha um apreço pela pessoa de Afonso, pois via no rapaz o noivo perfeito para a neta, mas os olhos de Afonso nunca percorreram aos olhares de Caroline, sempre foi mais ténue nesses casos.

Por conseguinte se despediram e saíam Afonso e Estevão na saída Afonso espreitou o amigo.

— Que rosto era aquele?

— Que rosto?

— Não se faça de bobo Estevão e vi como flertava Caroline. O rapaz souou frio nesse momento, não imaginou que estava tão escancarada a afeição que sentiu pela moça.

— Não é nada!

— Se nada for olhar daquele jeito, o que seria tudo?

— Está bem achei ele uma beleza de moça, encantadora e gentil, agradei-me de sua pessoa.

— Por que não disse que estava a fim de encontrar uma garota? Se

acaso estivesse dito teríamos ido aos bailes aqui da cidade, você conheceria muitas meninas bonitas.

— Esta me encantou muito, mas na devo tentar aproximação.

— Deve sim, a neta do coronel é uma mulher adorável e se unir a ela será como abrir espaço para horizontes distantes, seu coronel tem um grande poder aquisitivo, não é mulher de se desprezar.

— Não! Ainda amo outra pessoa e espero um dia encontrá-la novamente.

— Quem?

— Quem sabe um dia eu a apresento-lhe.

— Diga homem, sabe que não gosto de ficar com incertezas.

— Um dia meu amigo, um dia, talvez quando ganharmos eis de ir à busca dela...

Afonso consentiu calado seu maior remorso era ficar a míngua das incertezas, mas quando se fala de amor o coração de cada um merece respeito, pois todos sofrem calados seus pesares. Voltaram os dois amigos e recolheram-se aos seus leitos e assim finaliza essa parte — vamos dormir!

Intimação

Era sete da manhã na casa de senhor Veríssimo assim como em todas as casas, mas aquele dia alguma coisa não correria bem, as sete e cinco ouviu um bater na porta e um carta sendo colocada por baixo dela, Justine foi atender, porém não havia ninguém, encontrou a carta sendo remetida a Veríssimo, levou para o velho e depois de uma leitura atenciosa o velho exclamou.

— Não pode ser! Isso é injustiça!

— O que não pode ser meu pai? Justine já estava tão acostumada com o velho que até o denominava como pai.

— Estão nos invocando para uma audiência com os líderes de estado para julgar sua situação eleitoral.

— Como assim?

— Pegue, leia!

— Está bem.

Caríssimo senhor Veríssimo e Dona Justine! Infelizmente sua situação jurídica está sendo requisitada por muitos, pois não estão aceitando a agregação de mulher na política, entretanto iremos fazer uma sessão hoje às cinco horas para tratar delicadamente o assunto, é indispensável à presença de vossa pessoa e de sua candidata, desde já obrigado. Ass. Juiz Alvarenga.

A menina ficou pasma quando acabara de ler, não entendia porque precisa provar sua transparência a órgãos públicos.

— Por quê? Apenas estou exercendo meu direito!

Veríssimo também permaneceu calado, indignado com a situação, mas já esperava a qualquer momento, visto que, seu conhecimento perante a lei era de certa forma contundente.

— Calma minha filha! Está tudo bem, comparecemos perante o júri e provaremos seu discernimento perante a lei.

— E se não for aprovado?

— Vamos fazer assim, caso discorra conforme planejado assume-lhe toda responsabilidade e você me ajuda na minha candidatura, estaremos unidos do mesmo jeito. Assim, concordou Justine que via no velho um grande líder que representaria de forma excelente o povo.

Justine passou o dia todo inquieta e quando foi se aproximando às quatro horas da tarde a moça já estava preparada para ir a público, saiu de mãos dadas com o velho, Justine estava aflita, a preocupação era total, mesmo não querendo deixar aparecer suas mãos suava frio, os seus olhos transbordava apoquentação.

Percorreram um quarto de hora e foram chegando à casa de colóquio, muitos estavam presentes: coronel Sebastião, seu sobrinho secretário, governador, juiz Alvarenga, alguns deputados e alguns chefes de polícia, a elite estava completa, a corja toda compareceu.

Julgamento

A moça e o velho entraram e assentaram no local reservado para eles.

Senhores! Reunidos aqui estamos para analisar a inserção de Justine sobrinha de seu Veríssimo nas decisões governamentais, a mesma afirma ter competência e ser responsável, tem discernimento e sabe administrar; tem um vasto conhecimento sobre política, economia, gerenciamento... Enfim, que comece a inquisição, pronunciou juiz Alvarenga.

Nesse momento também estavam chegando Afonso e Estevão, era a primeira vez que Estevão e Justine ficaram frente a frente, quando se viram, espantaram-se de imediato, pasmados ficaram, soava familiar um aos olhos do outro, parecia que se sentiam atraídos, familiarizados há tempos, porém a aparência era diferente e nenhum tentou aproximação, agora eram rivais e enquanto um tentava se acertar com estado, outro torcia pela mesma dançar.

— É uma incógnita aceitar mulher na política, disse o sobrinho do Coronel o senhor secretário de estado Junior Assis.

— Por que afirma isso, senhor Junior?

— Vossa excelência não há nação ainda que colocasse sobre sua condução uma mulher, seria como dar um passo no escuro.

— mas seria um passe para o futuro, disse Justine.

— Silencio! Proferiu o juiz, a senhora só pode falar dona Justine somente quando for lhe autorizado.

— Perdoe-me vossa excelência.

— Então alguém mais tem algo a dizer?

— Eu tenho V. Ex.^a!

— Pois bem senhor governador, a palavra é sua.

— Vejam bem! A mulher tem como obrigação lavar e passar, cuidar da casa, dos filhos e aconselhar o homem naquilo que lhe é preciso, entretanto inserir em seu domínio não seria uma grande afronta?

O júri ficou calado, a situação estava desfavorável para Justine, mas ainda havia esperança.

— Estevão pelo visto sairemos daqui eleitos! Cochichou Afonso no ouvido do amigo.

— Silencio! Ordenou o juiz, passo a palavra para senhor Veríssimo que está à defesa da réu.

— Obrigado vossa eminência, senhores e senhoras! Prestem bem atenção.

— Já estamos atentos!

— Por favor! Que o publico não interfira, senão essa audiência será adiada, continue, por favor!

— Amigos, nós estamos cometendo um grande equivoco aqui, desconheço qualquer lugar que tenha uma representação feminina em seu regime, mas e se nós tivéssemos? E se fossemos pioneiro nesta arte ilustre? Nosso país sempre foi ultimo em tudo, será que não está na hora de renovar? Vamos pensar em progresso no sentido literário da palavra? Essa terra iniciou seu processo de abolição muito antes de muitos outros, mas foi o ultimo dar fim definitivamente, e veja bem quem assinou a carta que emancipou os negros? Foi um homem, foi um velho, foi um presidente, foi um rei? Não homens! Foi uma mulher, uma mulher de coragem que estará marcada para o

resta da eternidade na historia desse país, foi uma mulher homens que os pariu, uma mulher que os acolheu nos braços, os amamentou, é com uma mulher que vocês se deitam e deleitam de suas caricias, gozam de suas delicias e hoje aqui, fazem-lhe injustiça, não é passo no escuro, é progresso!

Todos ouviram atentamente as palavras de Veríssimo, não vou dizer que se espantaram, pois conheciam sua capacidade, porém, para Justine e Estevão foi à coisa mais fantástica que já tinha visto – que oratória! Cogitaram consigo.

— Agora passo a palavra para a acusada, Justine pode falar.

A moça levantou, ficou entre meio aos homens e disse.

— Meus amigos! Pais e filhos, maridos e sobrinhos, acusam-me por atos que não cometi, se estivesse aqui e fosse cúmplice de um crime perfeito alguém de vocês me apontaria o dedo? Pois bem, sou inocente e não fiz nada, mas esse é meu pecado, não fazer! Não peço que me apóiem, mas se fores me julgar que seja pelo que fiz e não por aquilo que posso fazer suas mães quando ainda eram pequenos seguraram-no pelas mãos e indicaram-lhe o caminho, não sou suas mães, mas já vi mulheres vencerem guerras invencíveis, a mulher é o símbolo da liberdade então porque a aprisiona? A mulher deve está ao lado do homem e não presa a ele, não estou aqui para acabar com a política de ninguém, mas para dar seqüência a um trabalho favorável pisando-nos mesmo passos que vocês já pisaram. É isso que peço uma chance, nada mais, vocês podem dizer sim e me aceitar, nesse caso estará exercendo seu direito e dando oportunidade que eu exerça o meu, mas podem optar pelo contrário e ainda estarão exercendo seus direitos, porém estarão finando-se os meus, estou à mercê de vocês para o que julgar ser melhor!

Após a fala da moça os presentes emudeceram-se, prestaram cochichos uns com outros, olharam e apontavam, por fim chegaram a um acordo. Pegaram a votação de decisão e entregaram ao juiz que por fim deu a sentença.

— Senhores aqui presentes, se ninguém tem mais nada a declarar dou por encerrado esta sessão, bateu o martelo três vezes, Justine de acordo com os termos aqui estabelecidos está direita perante a lei e terá sua liberação para exercer o direito cívico e poderá candidatar ao cargo desejado.

A maioria aplaudiu de pé, outros vaiaram, no entanto foram contido, Justine abraçou o velho Veríssimo e ambos comemoraram como se estivesse ganhado maratona em Atenas.

— Que diabos! Exclamou Afonso.

— A situação não está muito boa né? Perguntou Estevão.

— Não, não muito, respondeu o rapaz, se ganharam aqui pelo visto irão ganhar nas ruas também, se a maioria aqui revogou a acusação, com certeza mudaram de opinião.

— E agora?

— Agora? Danou-se!

Estavam inquietos, mas não derrotados ainda havia esperança e Afonso e Estevão sabiam como dar fim nisso e saírem ganhando, virada de jogo sempre é surpreendente. Foram embora, a cara de um mostrava a decepção no focinho do outro, nesse dia nem a imagem de Caroline na janela foi suficiente para espantar o desapontamento de Estevão.

À noite os dois deitaram preocupados, Afonso convidou o amigo para dormirem juntos na mesma casa, Estevão aceitou e tiveram aquela conversa

não muito elegante, mais que se fazia necessária.

— Até onde você iria pelo poder? Perguntou Afonso.

— Como assim, retrucou o rapaz.

— Você tem limites ou não?

— Pra mim homem que tem limite é animal na jaula, e eu não sou um animal.

— Boa!

— Por quê? O que está pensando?

— Por enquanto nada, mas se for preciso já tenho um az na manga.

— Hum! Ficou apreensivo Estevão, mas era capaz de tudo, na sua vida perder era um mal e não necessário.

Dias depois

Os dias decorreram e a política se aproximava e, conforme se aproximava a popularidade de Justine na cidade aumentava causando mais intriga a Afonso que já tinha dado a política por ganho. Agora tinha uma inimiga à altura, porém, o que mais se aproximava ainda era Estevão de Caroline, o candidato passou a freqüentar a casa da garota e como almejava um bom cargo era uma ótima oportunidade, cogitava seu Sebastião, para unir a neta num bom casório.

— Vejo que esse rapaz tem boa postura e está interessado por vossa pessoa Caroline?

— Está nada avô, isso é efêmero, daqui a pouco ele se toca e vaza fora.

— Mas, e se ele quisesse mesmo você, estaria disposta a tomá-lo como marido?

Aquilo gelou a moça como balde de água fria sendo atirado numa pessoa no inverno, olhou para o avô, pensou um pouco, não queria desagradá-lo, porém não queria criar falsa esperança no velho.

— Se houvesse um pouquinho do que sinto nele decerto casaríamos.

Aquilo era o bastante para o velho, já imaginava sua neta casando e para isso faltava pouco, foi logo ter-se com Estevão, o coronel era velho mais não obsoleto, tinha seus truques bem guardados e sabia o momento certo de fazer mágica.

Era tarde uma oito da noite quando o coronel Sebastião abeiro-use perto da casa de Afonso, bateu na porta, logo foi recebido.

— Coronel Sebastião que milagre sua presença entre fique a vontade! Disse Afonso meio confuso com a aparição do velho.

O homem entrou saudou ambos os cavalheiros.

— Então coronel o que bicho lhe apoquento para trazer-te aqui a está hora?

— Serei breve rapazes, minha conversa é com Estevão.

— Comigo? Assustou-se o rapaz, mas o que queres comigo?

— Simples meu jovem, pude perceber que sua visita assídua a Caroline, então...

— Então?

— Quero saber quais são suas intenções com minha neta?

Aquilo feriu Estevão como uma faca transpassando o peito, ficou pálido e mudo, não sabia das pretensões do velho, por isso se indagasse algo que o ofendesse seria uma grande perda no apoio político e Afonso sabia disso, então tomou-lhe a palavra.

— As intenções coronel são as melhores possíveis não ofendendo vossa senhoria.

— Claro que não, não estou ofendido, estou felicitado.

— Então sente alguma coisa por ela?

— Tenho muita afeição por sua neta é muito bem apessoada, disse Estevão soando frio.

— Casaria com ela?

— O que? Casar?

— Sim homem se gosta dela quero saber se casaria?

— Nã...

— Sim claro coronel, afirmou Afonso cortando a fala de Estevão.

— Está bem então vamos ter casório, porque Caroline também gosta muito do senhor.

— Ora, coronel Caroline indagou alguma coisa?

— Não diretamente, mais tem meus preceitos, do resto dou um jeito, já que tenho a concessão de Estevão, e saiu o velho feliz da vida gritando pelas ruas, vamos ter casório!

Pela cara que Estevão fez após a saída de Sebastião teria era enterro, tufou a cara em direção a Afonso.

— Você é louco?

— Acalme-se homem! Você não precisa casar.

— Ah não, pelo jeito que esse velho saiu daqui é capaz de me obrigar a casar amanhã.

— Fique tranqüilo, se conheço bem seu Sebastião, aposto cem mil réis que Caroline não está à parte desta conversa ainda, todavia se estiver, enfim, prorrogamos isso aí.

— Prorrogar como?

— Não podemos perder seu apoio, porque sendo assim perderíamos o da família e o do sobrinho, e isso não é bom para a política, então se acaso ele permanecer com essa idéia na cabeça vai adiando, ou seja, marcaremos seu casório para depois das eleições, depois que ganharmos aí você escolhe se quer continuar essa idéia sem nexos ou não.

— Claro que não!

— Será mesmo que não? Você anda ultimamente freqüentando a casa do velho demais, não acha?

— Freqüento para conversar com a menina e conhecê-la melhor, nada além disso, além do mais já sou compromissado e quando encontrar minha irmã tenha certeza voltarei para buscar minha amada.

Afonso engoliu aquela conversa fiada, não disse mais nada apenas.

— Está certo, faça como quiser, mas por enquanto consenti calado, e não a decepcione, pense na política e no seu futuro, melhor, no nosso, isso sim irá confortá-lo. Despediu-se rindo e foi para cama, enquanto Estevão sentia o gosto amargo do fel na boca.

— Casamento? Onde já se viu, cogitava consigo mesmo. Passou à noite aflito com aquela situação mal conseguiu fechar os olhos.

No dia seguinte Estevão acordou atordoado com a situação anterior, porém estava confiante no plano de Afonso e pelo poder era preciso, a ira afastou-se de seus olhos, dava até risos nulos ao ar — Caroline! Caroline! O nome vinha a sua cabeça a todo instante. A moça era uma boa pessoa e bonita ainda por cima, para qualquer miserável seria como achar o pote de ouro no fim do arco-íris — é pode até ser, quem sabe? Cogitava o rapaz.

Nesse dia Estevão passou somente a quimera da menina, não saiu para nada, não foi às ruas fazer campanha, não comeu e não bebeu e também decidiu não ir visitá-la como de costume.

O coronel já tinha espalhado a notícia pela casa e logo soprou no ouvido da mãe que assustada foi logo tirar satisfações com a menina.

— Que história é essa de casamento Caroline?

— Casamento?

— Sim! Casamento!

— Quem? Eu?

— Vosmecê mesmo, estão todos na rua comentando e me dando os parabéns por que vou casa a filha com um sujeito rico e boa pinta.

— Deve ser idéia do vô só pode.

A mulher foi ao velho para tirar dúvidas, porém o velho achava graça e não deu atenção nenhuma para a filha que estava aflita com as conjunturas.

— Acalme, se tudo correr conforme planejado Caroline casará muito bem, além do mais já era hora, senão vou morrer e não verei meus netinhos.

— pai, mas não é assim, primeiro teria que ter a aquiescência de Caroline e também a minha, não se casa quem não quer.

— E quem foi que disse que ela não consentiu?

— Ela mesma.

— Você só pode está dormindo, não reparou a forma com que ela olha Estevão, e não observou a maneira que ficam quando estão a sós na sala?

— Então é Estevão o galanteador?

— Vai me dizer que não sabia?

— Desconfiava, mas achei que era só afeto de amigo.

O velho riu e voltou a ler o jornal assentado na poltrona e a menina ouvia toda conversa do quarto com os olhos no livro e os ouvido na porta.

— Pelo visto teremos casório, disse Carla à mãe da moça rindo sem querer. A menina ouvia essas ultimas palavras da mãe e também deixou que o sorriso escancarasse em sua face, tudo por ali corria bem a única pergunta que ficou no ar foi a de dona Carla.

— E então quando o rapaz virá pedir a mão da moça? Ficou sem resposta, ouvindo somente um espera e verá do velho.

Uma visita inesperada

Dez dias passaram e Caroline estava impaciente com o sumiço de Estevão, o avistava às vezes pelas ruas fazendo campanha de vez em quando ele acenava para ela e nada mais, começou a ver sua esperança de futuro promissor escorrer por água abaixo, mas se conteve – se me ama com certeza virá! Seu coronel já estava engasgado com a atitude do rapaz e a mãe da moça apenas observava e de vez em quando dizia.

— Não vai haver casório pelo visto, e ria fazendo com que os cabelos brancos do coronel caíssem ainda mais rápidos.

Sebastião estava preocupado e inquieto pela postura da menina, atirou-lhe uma ilusão agora a mesma sofria por isso.

— Fique tranqüila minha filha se ele não vir hoje vou eu mesmo atrás dele para tirar satisfação.

— Não vô, não precisa não quero que ele sintasse pressionado, se me quer será por vontade e não obrigação.

À noite Afonso e Estevão haviam chegado a casa, sentaram-se no sofá e olharam um para o outro, Afonso apercebeu a impaciência do amigo.

— Que mal tens meu amigo?

— Não sei Afonso, não sei!

— É Caroline?

— Sim! É Caroline, a imagem da menina não sai da minha cabeça, estou aflito com essa circunstancia, só a vi pela última vez há dez dias e de agora em diante só há vejo de longe.

— Que bom!

— Como assim que bom? Não vê que estou sofrendo?

— Por isso, é sinal que a moça deixou vestígios no seu coração de ferro, por que não vai lá vê-la?

— Por que se for terei que casar.

— Então se case homem, que mal tem nisso, aliás, Caroline é uma moça digníssima, qualquer um se candidatava para ganhar seu coração.

— Mas, não sei, tenho medo.

— Deixa de medo, vá ande logo!

— Mas sou comprometido.

— Esqueça compromissos, vida nova Estevão, vida nova!

— Será que você tem razão?

— Claro! Sempre tenho razão.

E foi Estevão, levantou freneticamente, arrumou o cabelo e rapou a barba, colocou um casaco preto, ficou bem alinhado e saiu em busca de sua cinderela. Dava passos moderados pelas ruas, parou por alguns momentos decidindo voltar, porém respirou fundo, olhou para frente e disse.

— Sou homem ou não sou?

Continuou caminhando não queria ir rápido para não suar e ficar cheirando mal diante da família da menina, foi chegando e parou em frente da casa, subiu os três degraus até a porta levou a mão para batê-la, recuou, — será que devo? Sim! Esse ela me recusar? Voltou uns passos para trás e viu a janela do seu quarto, ainda estava aberta e a luz acesa — ela ainda está

acordada, assim é melhor! Agora vou, disse pra si mesmo.

Tum, Tum, Tum...

— Sebastião alguém está batendo, disse Carla.

— Pode deixar, eu atendo. Disse o velho.

O velho foi arrastando suas botas de quando anda servia a policia, do outro lado da porta Estevão ouvia sua percussão, seria a primeira vista desde a visita inesperada de Sebastião.

— Pois não! Disse o velho abrindo a porta e quando viu que era Estevão ficou perplexo, no entanto feliz.

— É você meu filho entre, por favor!

— Quem é papai?

— Senhor Estevão minha filha.

Quando Caroline ouvia a voz de Estevão e seu avô o anunciando, correu para frente do espelho não estava preparada para recebê-lo, nem ao menos tinha noção de que viria — Ah meu deus! Tenho que me arrumar! A moça estava vestida para dormir logo foi tirando toda aquela roupa e colocando um vestido elegante e bonito, preto e bem decotado, que enaltecia os seios e combinava com seu tom de pele, colocou um par de brincos folheados a ouro, arrumou o cabelo e o deixou caindo sobre a testa, lisos e alongados, negros como o vestido, passou um perfume caríssimo que ganhou do avô, e foi para a sala.

— Ola Estevão! O rapaz a viu e ficou boquiaberta, muito bonita, linda, não tinha palavras para denominá-la.

— Oi... Oi...

— está tudo bem?

— Si... Sim! Tudo, tudo, só estou meio cansado, passos longos até aqui.

— Assim! Quer um copo d'água?

— Seria bom.

— Mãe pode servi-lo?

— Claro e pra já.

Caroline assentou perto dele meio sem graça mais dando risada e olhando para ele que também ria sem nada para dizer, mas o coronel tinha e muito.

— Então rapaz o que te traz aqui nesta noite de lua cheia?

— Avô! Que manias são essas?

— Deixe-o Caroline, serei breve com as palavras.

— Então tem algo para nos dizer?

— Sim Sebastião, porém quero a presença da mãe de Caroline também, a mulher apressou os passos e veio rapidamente.

— Solicitaram-me?

— Sim, disse o rapaz, então...

— Então?

O rapaz estava pressionado decerto queria falar, mas não tinha palavras e como todos o encaravam ficou sem jeito, as palavras engasgavam na sua boca, enfim saíram.

— É o seguinte, a minha vinda foi somente para pedir-lhe a mão de sua adorada filha, dona Carla, então olhou para a menina e segurou pela mão, Caroline aceita se casar comigo?

O velho abriu um longo sorriso no rosto e gritou.

— Sim é claro que ela aceita, todos ficaram pasmados e a menina mal respondeu e o velho já estava festejando, deu grandes gargalhadas e a moça consentiu.

— Sim, claro! E dona Carla aplaudiu batendo palmas chorando de emoção.

— Então quando sairá o casório? Perguntou Sebastião.

— Pretendo que saia em breve coronel assim que passar à política eu levarei Caroline ao altar.

O velho ficou satisfeito, a mãe também, e a filha mais ainda, ficaram os dois a sós na sala e conversaram muito, um perto do outro, davam abraços e trocavam beijos, sempre moderados, pois o coronel estava de olho. Ficou por lá umas três horas consecutivas, quando o relógio deu onze badaladas o rapaz se despediu e foi se retirando, a moça o acompanhou até a porta deram um último beijo apaixonado e ele foi.

— Volte amanhã!

— Sim, volto, amanhã e todos os dias...

— Tchau.

—Tchau...

— Boa noite.

— Boa noite... Despedidas de amor duram um a eternidade, todos

sabem com são, já dizia Shakespeare toda despedida é dor... Tão doce, todavia, que eu te diria boa noite até que amanhecesse o dia.

Assim era o casal enamorado e felicitado pela ironia do destino, o tempo passava e Afonso se preocupava com a política enquanto Estevão estava mais entretido com Caroline. A moça que antes era um problema virou solução. Estava enfeitiçado pela jovem e cada dia que passava seu amor crescia mais, não ficou um dia sequer sem visitá-la, mas esse caso foi envenenando a cabeça de Afonso — Maldita hora que aconselhei-lo! Mas não era a menina mais sim o descaso com a política.

— Olhe Estevão, se não tomarmos uma atitude irá perder e se perdermos você também perde seu casamento.

— Mas o que quer que façamos? Justine é boa demais, tem uma abastada oratória e sabe dialogar melhor com o povo do que eu, e aquele velho sabemos até demais que ele tem muita influencia na cidade. Vamos perder!

— Não, não vamos tenho uma idéia.

— Qual?

— Amanhã será nossa reunião em publico, teremos tempo suficiente juntos para fazermos o que quiser.

— Hã? Fazermos?

— Você disse que era capaz de tudo não disse?

— Sim, claro não nego, mas o que está pensando.

— Está bem, amanhã ficaremos todos sentados e dialogamos com o povo, levantamos propostas e de vez enquanto a criada trás água para encher

os copos, vamos fazer o seguinte, assumo seu lugar por um instante, e você fingi que precisa urgentemente ir ao banheiro, nisso vai até a jarra de água e pede para tomar um copo, logo em seguida, procure a jarra que irá servir a moça e coloque veneno nela, depois volte.

— Você está louco! Vai matá-la?

— A intenção é essa.

— É muito arriscado e se alguém mais beber.

— Azar o dele, terá velório duplo.

— Não sei!

— Não me decepcione você quer ganhar tanto quanto eu! Disse Afonso apontando o dedo no rosto do rapaz.

Estevão balançou a cabeça e disse.

— E o veneno, onde iremos arrumar? E se descobrirem ao fazerem exames.

— Não pense que não sei, sou médico, eu dou meu jeito, apenas siga minhas instruções.

Assim estava programado, planos e ambições de um só lugar a um só alvo, ou seja, vale a sentença: os fins justificam os meios. O dia decorreu conforme planejado, Afonso preparou o que tinha prometido agora era somente Estevão não dá com burros n'água, estavam confiantes e se tudo ocorresse bem possivelmente sairiam campeões.

A noite chegou rápido e Estevão foi ter-se com Caroline pela ultima vez.

— Aonde irá Estevão?

— Vou visitar Caroline.

— mas hoje?

— Acredito ser o melhor momento, se algo amanhã der errado pelo menos tive a ultima chance de em despedir.

— Vire essa boca para lá homem, tudo correrá certamente, quem não vai se despedir é ela.

Foi-se o rapaz meio estonteado com o maldito plano de Afonso — será que devo? Será que não devo? E se algo dê errado? Mas se der certo quem sabe eu consigo encontrar minha irmã e depois dar um futuro melhor para ela, é um mal necessário, será um risco que terei que correr para o bem da família! Farei, farei e pronto! Estou decidido.

Chegou a casa de Caroline está estava assentada na porta de casa, se aproximou e sentou-se do lado da moça, passou a mão sobre suas pernas e encostou com a cabeça no colo dela, ela o acariciou e apercebeu a inquietação do rapaz.

— Está acontecendo alguma coisa Estevão que queira me contar?

— Nada, nada Caroline! Somente estou meio preocupado com o discurso de amanhã.

— Ah, sim isso é normal mais você se sairá bem, tenho fé em você.

Estevão deu um sorriso e a beijou, ambos riram depois, ele no colo dela e ela sobre ele, é e seu coronel espionando da janela.

— Você meu amor é a melhor coisa que me aconteceu, dizia Estevão olhando nos olhos da menina, faria de tudo para tê-la comigo.

— Mais você já me tem.

— Sim tenho, mas quero mais, quero você todos os dias como o sol quer a lua, como a lua quer o mar, como as estrelas que se agrião no infinito eu te quer de corpo e alma...

— Acalme-se não exagere homem!

— Não estou cometendo nenhuma hipérbole?

— Está sim, disse rindo Caroline, eu também te quero meu amor, para além da eternidade e ambos se beijaram novamente e passaram bom tempo junto a luz da lua, o resto eu vou poupá-los visto que já disse anteriormente, — adeus, adeus, e bla, bla, bla...

Lisa Capítulo último

Estevão acordou tarde era quase meio dia quando levantou o sol já transpassava a janela e repercutia na sua cara.

— Levante Estevão, ainda tem que preparar seu discurso! Disse Afonso.

— Nossa! Já é meio dia, acho que dormir demais.

— Acha? Tenho certeza!

Ficou de pé às pressas, tomou café e mal comeu, somente pegou uma maçã e correu para a sala de escrivania pegou uma folha e um pouco de livros e foi preparando um discurso, tinha que ser bem e agradável, que induzisse o povo e, foi fazendo, as idéias vinham e logo as colocavam no papel com muita facilidade em menos de meia hora já estava pronto.

— Acabei!

— O que? Mais já?

— Sim, prontinho, Afonso duvidou da esperteza do amigo e logo pegou a folha para lê, terminou balançando a cabeça.

— Bom, bom, muito bom!

Tudo por ali fluía bem agra era só esperar as sete horas, Estevão deu mais uma lida e com pouco tempo já havia memorizado todo discurso.

— Pois bem Estevão está encima da mesa quando saíres o coloque dentro do paletó.

— Colocar o quer?

— Aquilo, o veneno.

— Até! Está bom.

Do outro lado da cidade Justine também já havia preparado seu discurso e muito bom pelo visto, estava ansiosa, aflita, a cada instante tomava um copo d'água de tanta ansiedade.

— Fique tranqüila Justine tudo ocorrerá bem.

— Não sei seu Veríssimo estou com mau pressentimento.

— Não me venha com agoura menina, tudo dará certo, confie em mim.

Uma maneira fácil de relaxar alguém, porém a confiança é um mal extraviado, dificilmente alguém cumpre sua palavra, na maioria das vezes você confia demais e cai do cavalo. Passou à tarde assim, lia o discurso, relia muita ansiosa, foi se aproximando à hora e foi preciso de um chá de mata leão para acalmar-lhe os nervos.

— Vamos? Disse Afonso.

— Vamos, respondeu Justine.

Foi de braço dado com Veríssimo estava bem trajada, boa aparência, bem casual de acordo com a necessidade. Afonso já esperava por Estevão no local, pois foi para o trabalho e do trabalho direcionou-se para o centro da cidade. Estevão colocou seu casaco preto, um chapéu e o veneno dentro do casaco — isso não pode esquecer, pensava consigo.

Enquanto isso na praça a gentinha começava a se aglomerar, não apenas a plebe mais também os patrícios, muita gente diferente, quando Estevão avistou aquele amotinado de pessoas, espantou-se maus presságios

vinham à mente — agora se danou!

Não imaginava que tanta gente viria, mas veio e foi preciso continuar não poderia perder o foco e voltar atrás, já era tarde para desistir. Encontrou com Afonso e subiram no tablado preparado para a ocasião. De imediato avistou as taças com água, e observou a mulher que estava encarregada de servi-los, flertou por alguns segundos e logo avaliou sua rotina e, depois escolheu o melhor momento para atacar.

Iniciava-se o debate logo foram apresentados a população e foram ambos almeçados, ovacionados por alguns e depredados por outros. Caroline tinha ido com o avô para prestigiar o futuro marido e estava satisfeita com seu desenvolvimento em expor suas idéias à população.

Apresentavam boas propostas de governo que atraíam os telespectadores, seus sofismas eram admiráveis, depois de perguntas e respostas faltava somente o discurso para finalizar, quando Afonso cutucou o amigo.

— Veja a taça dela está fazia, apontando para a taça da moça.

O rapaz se retirou para ir ao banheiro — atitude suspeita? Não soava normal, esperaram por alguns instantes a volta do rapaz, que na ida desviou-se, olhou para os lados observando se estava sendo visto, viu as jarras com água e perguntou a mulher qual que era a dele, ela o mostrou e ele bebeu e ainda a agradeceu e disse.

— Acho que alguém está precisando de bebida.

A mulher foi até lá conferir quem era neste ínterim retirou de imediato o frasco com o veneno do casaco e derramou um pouco na jarra que correspondia à menina e direcionou-se para o banheiro rapidamente, voltou dando tempo de a mulher pegar a bebida e encher-lhe a taça, comportamento

supérfluo que apenas Afonso fez questão de apreciá-lo com os olhos bem arregalados.

Pelo jeito que ele a olhou à senhora achou que também queria.

— Aceita?

— Não, obrigado, dispenso.

A mulher saiu e nisso veio Estevão dando continuidade no comício. Primeiro foi requisitado que Estevão o falasse consentiu e assim dava mais tempo para que Justine tivesse sede e a água bebesse.

Caros irmãos, muitos aqui ainda não me conhecem, pois não tive a oportunidade de passar a residência de todos, fico aborrecido por isso, porém minha voz soará hoje no ouvido de cada um. A minha vida sempre foi sofrida, sempre lutei para alcançar meus objetivos e alguns foram alcançados, outros se dissiparam por aí. Minha meta hoje é ver essa gente batalhadora enaltecer, é poder colher o fruto da semente, minha meta é saber que cada um tem seu pedaço de chão, é saber que o sol nascerá para todos e brilhará para todos, é ver meu país crescer, minha cidade crescer, minha meta hoje com a ajuda de vocês é poder ver minha nação soberana e de homens bons.

— Boa! Disse Afonso aplaudindo e os aplausos foram seguidos por todos. Veríssimo também aplaudiu, mas meio indignado, porém não perdeu a pose.

— Sua vez minha filha vai lá.

Justine beijou a mão do velho pediu-lhe a benção e tomou um copo d'água e foi para frente do povo, sentiu o gosto amargo do cálice descer pela garganta, olhou novamente para a jarra e a taça, seu Veríssimo apercebeu a

atitude da moça que foi acompanhada por Afonso e Estevão.

— Comece meu bem, rápido sussurrou o velho.

Caríssimos, amigos e amigas sou diferente de todos, mas creio que nos objetivos, nos sonhos se assimilamos, confesse que sonhei com esse dia e esperei ansiosamente que ele chegasse, hoje estou aqui, sou mulher vou contra todos os paradigmas sancionados, mas tenho a mesma força de batalha que muitos homens, sou de sexo oposto, todavia de mente igual, hoje quero aquilo que aqueles que já passaram por aqui queriam, aquilo que aqueles que vieram aqui hoje querem, quero mais atitude, mais compostura, mais firmeza, mais oportunidades, mais responsabilidade quero... Justine começou a ter falta de ar, colocou a mão sobre a garganta, bateu no peito. Quero que... A menina tossiu novamente, quero que nosso país nos ame como nos o amamos.

Não conseguiu permanecer de pé, foi sentindo falta de ar, sentiu as vistas escurecerem, o corpo estremecer, a cianose nas extremidades demonstrava que ela já não tinha tempo, a falta de ar amarga como veneno, a hipóxia atingia o cérebro e não deu outra, foram seus últimos instantes de agonia, ainda tentou socorrê-la, seu Veríssimo estava perplexo, Afonso que era medico tentou reanimá-la, pelo menos fingiu muito bem, mas não teve jeito, as oito em ponto, estava debruçada em cima do estrabo a moça já fria e pálida.

— Ela morreu, disse Afonso.

— Não, não pode ser! Sentia-se desolado Veríssimo, ficou sem mundo, se deparou com a mesmice de sempre, de se vê só e morrer a sós.

Todos que estavam presente se aproximaram nauseados pelo decorrer dos fatos, muitos ainda apalpam-lhe os pulsos mais não teve jeito, a morte é

má companheira, vem sem ao menos ser convidada.

O velho abraçou o corpo da moribunda e a beijou, lastimava muito, era como uma filha, as autoridades chegaram e findaram-se tudo.

Mais tarde

Todos foram se afastando o que não se afastou foi à idéia de morte súbita da moça — armaram para elas, diziam alguns, outros argumentavam — fato típico de política. Mais tarde, os investigadores tinham um diagnóstico definitiva — morte por envenenamento era difícil acreditar, as suspeitas logo caiu na água que lhe serviram, novamente a polícia verificou e depois de assomados os dados chegaram à conclusão certa caindo à culpa toda sobre Vivia que era encarregada pelos serviços gerais.

— Não eu não fiz isso!

— Você está presa, tem o direito de permanecer calada e de um bom advogado, tudo que disser pode e será usado contra você no tribunal.

Prenderam a mulher visto que não havia outro suspeito, fizeram mais interrogatórios e a mulher descreveu tudo que procedeu durante o comício, tendo sua ficha limpa e havendo verossimilhança em seus delatar o juiz deliberou voz de liberdade a mulher — ela não apresenta mau nenhum para a sociedade, acredito não ser ela, mas tem uma coisa, você está coibida de sair da cidade, será vigiada vinte e quatro horas, a mulher consentiu e foi liberada.

Enquanto a justiça trabalhava Afonso e Estevão comemorava idem festa de campeonato, com bebidas e cigarros.

— Eu disse que ganharíamos, não disse?

— Claro Afonso, você é o cara, o abraçava Estevão festejando a vitória.

Porém a morte da moça repercutiu por toda cidade e ganhou capa no jornal.

— Extra! Extra! Candidata a prefeita morre envenenada ao dar discurso publico.

Mo entanto o que ninguém sabia e que logo em seguida foi divulgado pela policia era o nome verdadeiro de Justine, que após avaliarem seus pertences descobriram em seus documentos seu nome verdadeiro obrigando ao jornal retificar a matéria e claro arcar com mais publicidade.

—Extra! Extra! Candidata a prefeita do município do Rio de Janeiro que foi envenenada usava nome falso.

Foi um alvoroço na cidade — nome falso? Todos queriam saber o nome verdadeiro da menina elevando assim as vendas de jornais naquele dia. Na casa do coronel também estavam perplexos com a situação.

— Mas como assim ela usava nome falso? Perguntou o velho.

— Não sei vô, respondeu Caroline, só sei que o nome dela não era Justine.

Quando a noticia chegou aos ouvidos de Estevão e Afonso ambos adquiriu o jornal para saber mais sobre a suposta nota que repercutia na cidade. E como as duvidas estavam na cabeça de todos restava apenas uma pergunta — Qual é o nome dela então?

Estevão já ficou meio preocupado, qual seria o nome dela, mas aquilo não mudava nada para Afonso, com tantas perguntas no ar a policia decidiu transmitir o nome somente após o funeral que não tardou muito, dois dias discorreram e estavam todos diante daquele corpo sem vida embrulhado numa caixa coberta de flores.

Seu Veríssimo o acompanhava o tempo todo, às vezes a acariciava o rosto, e a apertava-lhe a mão, inconformado e destruído por dentro, queria

justiça e a maioria que estava do lado dela também queria justiça, quando terminou a cerimônia de cortejo a policia que também acompanhava avaliava a presença de cada um e apercebeu que Afonso e Estevão não compareceram, mas isso ficou intumescido por um bom tempo.

Veríssimo se despediu da moça e fez o que ninguém havia feito, olhou para o epitáfio do senhor prefeito que há pouco tempo foi sepultado e murmurou.

“Em memória de minha adorada filha que não se corrompeu, foi corrompida”.

O desgosto do velho era grande a ponto de matar quem tivesse feito isso, mas sabia que o tempo era o melhor remédio e que a saudade sempre acaba daqui a pouco tempo só restaria lembrança e nada mais.

Como não havia mais ninguém para competir com Estevão esse foi eleito por unanimidade, e ele já sabia disso mesmo antes de ser oficial, estavam todos muito alegres, a família do coronel também festejava, pois casaria a neta com o atual prefeito e seria a primeira dama, tudo fluía como planejado.

O que não fluiu bem foi à nota que a policia redigiu, *“candidata ao cargo de prefeita tinha como original nome; Lisa Fontes”* aquilo foi transmitido para todos e foi-se disseminando sua foto mais antiga no jornal e com seu nome oficial foi divulgados por todo país e até fora dele.

Estevão ficou sabendo que havia divulgado o nome da moça e logo queria saber qual nome, para seu espanto o plano não saiu como planejado.

— Não pode ser! Não! Não pode ser! O quê que eu fiz?

O rapaz enlouqueceu ao ver a foto e o nome da moça, dava murros na

parede, se debatia, mas agora era tarde demais para se arrepender. Caiu sentado na cadeira, colocou a mão na testa, olhava para o teto e olhava as paredes e olhou para um crucifixo que Afonso tinha dependurado na parede.

— Por que deixou isso acontecer Deus? Por quê?

Estava inconformado, abatido, se viu um miserável, havia voltado ao início da história — sou pior que meu pai, dizia para si, como pude? Infelizmente sua adorável irmã tinha sido envenenada e o autor de toda essa falcatrua descobriu cedo que era ele mesmo.

Não se conteve saiu imediatamente foi ao cemitério ver o tumulo da irmã, pelas ruas alguns o cumprimentavam, todavia ele não estava para solenidades, andavam a passos largos, chegou rapidamente ao local e procurou, logo viu o sepulcro da moça, a foto dela e uma mensagem escrita, ajoelhou e chorou coração partido.

— Perdoe irmã, me perdoe! Lastimava sem parar, nessas horas não há consolo, essas horas que a vida nos oferece são minutos que todos queriam esquecer, mas dificilmente esquecem, sempre sobra uma pequena saudade no canto do peito que nada fará apagar, a saudade sempre trará lembranças inesquecíveis. Inesquecíveis como Lisa que termina sua história por onde começou no berço da miséria.

Paris

Estevão viu sua liberdade ir por água abaixo, mas se ninguém descobrisse ainda poderia continuar, se conteve, enxugou as lágrimas dos olhos e tentou disfarçar, ninguém ainda o conhecia, então poderia sim ser feliz mesmo com um passado de putrefações.

Tudo conspirava a seu favor, assumiria a prefeitura no mês seguinte e então deu logo um jeito para adiantar os preparativos do casamento. Conversou com Caroline e marcaram a data para o cinco dias depois, com direito a tudo.

Ainda estava decorrendo a notícia da morte da menina e do seu nome oficial, e como coincidências sempre acontece Jorge Augusto estava tratando de negócios no Rio de Janeiro quando leu o jornal e reconheceu a menina.

— Não pode ser! Mas é Lisa, é meu amor.

Mostrou o jornal a Fernando que logo confirmou.

— É ela mesma, trabalhou aqui para mim e depois a negocieei com você, lembro-me como se fosse ontem.

Jorge Augusto ficou louco, voltou imediatamente para Paris encontrou Felícia e a mostrou o noticiário.

— Esse jornal é velho disse Felícia.

— Não é isso, olhe quem está na capa.

— Pelo amor de Deus!

— Viu?

— Mas e Lisa, a mulher ficou pálida ao ver que a amiga havia morrido.

Paulo Cesar também soube da notícia e quando ficou sabendo que Jorge Augusto iria para a cidade visitar o tumulto da menina resolveu ir junto, Felícia também foi, mas Paulo Cesar não foi apenas para velar a defunta, mas para descobrir rastros de Damastor, Felícia estava preocupada com o sumiço do rapaz que, aliás, era seu noivo, tinha medo de encontrá-lo e ele ser preso, mas queria que o encontrasse para provar sua inocência perante a lei, ainda acreditava que não fora ele que assaltasse a casa de Paulo.

— Provarei a inocência dele Paulo, hei de prová-lo.

Embarcaram no trem das seis e seguiram viagem.

Janeiro de 1919

Sucederam dois dias depois do trágico acidente, mas uma centelha divina brilharia na cidade, era o casamento de Estevão e Caroline, tinham como padrinhos Afonso que convidou uma de suas primas para lhe acompanhar, e também dois amigos de Caroline Lucia e Diogo. O vestido da noiva foi confeccionado pela melhor costureira da cidade, branco roçagante, com um véu sobre a cabeça, era perfeito, era um dia perfeito, Estevão já estava mais acalmado de vez enquanto lembrava-se de Lisa mais tentava esconder e desse modo ninguém percebeu, só a jovem Caroline.

— Algo lhe preocupa meu noivo?

— Não nada, só meio emocionado.

— Ah, sim, eu também estou, dizia aos risos a pobre moça que teria seu maior sonho realizado.

O casório seria lá pelas seis ainda faltavam três horas para a cerimônia, o coronel Sebastião tinha convidado a cidadela quase inteira — só se casa uma vez, dizia o velho então queria que fosse a mil maravilhas. O sonho de ver a neta casada não era exagero, mas seria parte do trato que fez com o pai dela quando morreu, cuidaria dela até seu casório e depois sim poderia descansar em paz, o velho dava gargalhadas investiu muito dinheiro no ato matrimonial da neta, despesas que foram divididas entre ele e Estevão.

Foi aproximando as seis e Estevão já esperava no altar tentando não demonstrar preocupação, rias e acenava aos amigos, conhecidos e também aos partidários; secretários, deputados, chefe de justiça e os prefeitos vizinhos que estavam por ali em meio à multidão.

Quando o relógio soou seis badaladas a moça estava na porta da igreja e encantadora, seus olhos escorriam lágrimas de felicidades borrando a pintura de sua cara, entrou de mãos dadas com o avô, este trajava uma farda de coronel verde representando a época que atuava no exército.

As trombetas davam voz ao canto de entrada, um tapete vermelho estava destinado apenas para a moça, a sua frente rosa vermelha era atirada sobre si, dando cor a seu vestido branco, o coronel a beijou as mãos e a entregou ao rapaz.

— Toma conta dela agora por mim, é meu bem mais precioso. O rapaz acenou com a cabeça — eu tomo sim!

Enquanto isso chegava à cidade três forasteiros diferentes; Paulo Cesar, Felícia e Jorge Augusto, com poucas coisas na mão.

— Onde será que Lisa foi sepultada? Exclamou Felícia.

— Não sei, não conheço nada aqui.

— Essa cidade está deserta! Disse Paulo Cesar, nenhuma alma viva para nos esclarecer dúvidas.

A cidade estava estranha, todos ali concordaram, mas Jorge teve uma idéia.

— Eu vi no noticiário do jornal então deve conter mais informações, vamos procurar lá?

Chegaram à banca de jornal que por fim era o único comércio aberto, adquiriram um exemplar e perguntaram.

— O que está acontecendo aqui? Cadê o povo?

O jornaleiro respondeu.

— Estão no casamento do prefeito.

— Prefeito?

— Sim, a foto dele na capa aí, o casamento é com a filha do coronel virou até manchete de jornal.

Neste momento abriram logo o jornal e aviso não foi um reconhecimento amigável.

— Há meu Deus! Dos três que olharam apenas Felícia reconheceu e ficou pálida, muda.

— É ele! Ele...

A moça começou a passar mal quase desmaiou foi segurada por Paulo.

— Ele quem? Perguntou Jorge.

— Da... Da... Damastor!

Então olharam novamente e concluíram.

— Sim é ele mesmo! Disse Jorge e Paulo então observou e comprovou sem provas de dúvidas.

— Desgraçado é ele mesmo.

— Não senhor ele não é Damastor, se chama Estevão, disse o jornaleiro.

— Não senhor você está enganado, todos foram enganados seu nome é Damastor sim.

— Onde fica a igreja moço? Disse Felícia, o homem respondeu apontando para o lado e saiu ela e Jorge Augusto, enquanto isso Paulo pediu

informações da delegacia e tratou de chamar a polícia.

Chegaram à igreja Felícia e Jorge, as portas estavam fechadas para a celebração, mas não hesitaram a empurraram com força no exato momento em que o padre dizia.

— Se alguém aqui é contra esse casamento fale agora ou cale-se para sempre, nesse momento todos os presentes olharam para trás ouvindo o estrondo da porta.

— Eu sou! Disse Felícia. Damastor olhou para o fundo da igreja e ainda não havia reconhecido, mas reconheceu Jorge e viu seu barraco desmoronar.

— Quem é você minha filha, perguntou o padre.

— Eu sou compromissada com esse infeliz.

— Estevão?

— Não padre o nome dele não é Estevão, todos ficaram boquiabertos quando Felícia começou a desmascará-lo, ele se chama Damastor!

Nisso Afonso interveio.

— Não seu nome verdadeiro é Lúcio Flávio!

— Então esse cafajeste tem mais nomes, o escândalo percorria a igreja e Felícia se aproximava de Damastor.

— Quem é essa mulher Estevão? Interrogou Caroline, sem obter resposta, Estevão foi suando frio, ficou pálido, desatento de tudo, perdeu a noção de si e de todos. Felícia se aproximou degradando um turbilhão de disparates sobre o rapaz.

Caroline não agüentou caiu desmaiada pelo chão da igreja, e logo foi

socorrida pelo coronel.

— Esse miserável pra quem não sabe é irmão de Lisa Fontes! Disse Felícia mais uma vez, e todos colocaram a mão na boca e deram um suspiro profundo.

Neste momento Paulo Cesar chegou com a polícia que logo deu mandato de prisão.

— Estevão, Lúcio Flávio, ou melhor, Damastor! Você está preso em nome da lei.

Não havia como fugir estava encurralado, mas Damastor não se importava com isso o que o paralisou foi ver a maneira que Felícia estava, foi ver a maneira que seu mundo veio abaixo.

A polícia o algemou e saiu empurrando-o, as autoridades já desconfiavam e as provas contra Damastor subiam progressivamente, seria condenado sem dúvidas. Felícia ainda suspirava de amor pelo rapaz e enquanto ele estava sendo levado pela polícia, ela ainda gritava.

— Miserável! Você disse que ficaríamos juntos, me traiu, disse que voltaria e agora estava se casando, deu-lhe logo uma tapa na cara, que pesou mais que o fardo que carregava.

A multidão acompanhava de perto o desfecho daquela historia.

— Se ele é irmão de Lisa será que ele mandou matá-la ou ele mesmo o matou? Foram perguntas advindas da população que tinha um lobo disfarçado de ovelhas entre eles.

Damastor ficou preso em custodia da justiça, seria levado a júri popular na praça onde ocorriam os julgamentos de crimes mais hediondos. Felícia, Paulo e Jorge ficaram num hotel para assistir o julgamento que seria

daqui três dias. Enquanto isso Jorge e Felícia foram visitar o tumulo de Lisa e por lá deixaram flores para dar perfume a uma trajetória repleta de dor e de desolação, Jorge Augusto deixou até uma lagrima escorrer, pois desconfiava que a menina nunca o traísse e que tinha sido tudo armação de Paulo, mas agora era tarde para lamentar — desculpe meu amor, me desculpa! Desculpa por não acreditar em você! Implorou da forma mais agonizante, de forma que não adianta, pois nunca obterá respostas. Se alguém culpasse Damastor por sua morte poderia também dividir a conta com Jorge se assim o quisesse.

Caroline

Enquanto Damastor estava preso Caroline estava desolada no quarto, rasgou seu vestido, as lágrimas borraram ainda mais a pintura de seu rosto já desfeita, se fechou na solidão de quatro paredes e não quis a companhia de ninguém, sua mãe e seu avô tentaram consolá-la, mas ela não abriu a porta.

O coronel ainda jurou ao homem vingança.

— Hei de matá-lo, mesmo que seja a ultima coisa que eu faça. Porém não era preciso, Damastor já estava pagando por seus pecados muito antes de arrancar fora o coração de Caroline.

Caroline não resistiu muito e também não quis viver para ver seu amado ser condenado, ainda tinha afeição por ele, sentiu que se nada houvesse acontecido hoje estaria mais feliz, não teve motivos para continuar. Passaram dois dias e ainda não havia saído do quarto, não se alimentou, não bebeu e não disse nada.

A mãe já estava preocupada tentava a todo custo entrar no quarto, mas a menina a repelia, quando caiu à noite, noite ultima para o julgamento de Damastor ela não se conteve, dos pedaços do vestido que ainda estavam esparramados pelo chão do quarto o emendaram e fez uma corda de vestido, amarrou na janela e fez um laço e se atirou do segundo andar.

Episodio horrendo para quem assistiu do lado de fora, na rua a população se agitava e dona Carla só descobriu o que era quando saiu pela rua e olhou em direção ao quarto da filha e avistou a menina dependurada desbotada pela angustia infâmia.

A mulher estremeceu, viu suas vistas escurecer e desmaiou o avô

quando viu deu um enorme brado — Ah meu Deus! Minha pequena, por quê? Por que Deus? Perguntas que não foi respondida, a única resposta que tiveram foi quando a policia retirou a menina e entre os seios havia um pequeno bilhete que dizia.

“De todos os massacres, de todos os holocaustos, de todos os tiranos e de todas as doenças principalmente o câncer e a AIDS aquela que mais mata que tem mais virulência é o AMOR”...

Foi sepultada no dia seguinte uma hora antes do julgamento de Damastor, ele não soube no momento de sua morte, mais saberia, no evento fúnebre ainda compareceu Felícia que não foi muito recebida por Dona Carla, afinal, a mãe da menina sabia que se não fosse por Felícia a filha estava viva e teria sido feliz. Mas, não criou confusões, somente enterrou a filha aos prantos e torcia pela condenação brutal de Damastor.

Terminou o funeral, ela atirou terras sobre o tumulo da filha e deixou que a filha descansasse em paz, dando seu ultimo adeus.

— Até breve minha filha...

Julgamento Final

Era duas horas da tarde quando a população começou a se aglomerar diante da praça central, muita gente e uma plataforma bem grande no meio, a maioria gritava — assassino! Assassino! Corte-o a cabeça, outros apenas assistiam como se não houvesse nada a ver com aquilo, entre os que permaneciam emudecidos estava Felícia e dona Carla, uma grande forca foi preparada em meio à hasta, seria a segunda vez que alguém poderia ser enforcado.

O conselho se apresentava; juiz Alvarenga, delegado Pacheco e as demais elites. Adjunto deles foi trazido Damastor por quais muitos rogavam a cabeça, o tratavam como bicho, batiam e chutavam, esbofeteavam sua face, puxavam seu cabelo, todos seus bens foram retidos pela justiça. Começou o julgamento.

— Silêncio, por favor! Disse juiz Alvarenga, estamos aqui para julgar Damastor Fontes por seus delitos de atentado contra os direitos cívicos de...

— O enforcem logo, gritou a platéia.

— Ordem, por favor! Esperaram alguns minutos a multidão calar. Damastor estava apreensivo a cada instante que passava poderia ser seu último, olhou para a platéia que veio prestigiar aquele circo gratuito, procurou por Caroline, mas não a encontrou, somente viu dona Carla o coronel e Felícia ao lado deles. Também flertava impaciente aquela forca, a maneira que foi montada tudo conspirava contra ele naquele momento, mas deu suspiro fundo olhou para o céu e como nunca houvera feito antes suplicou a Deus pela vida, orações não ouvidas por Alvarenga que deu continuidade ao julgamento.

— Mais uma vez, estamos todos reunidos para julgar Damastor Fontes pelo roubo de relíquias a casa de Paulo Cesar, pelo latrocínio, ou seja, roubo seguido de morte a dona Gioconda, pelo assassinato de Lena Fontes e Lisa Fontes suas irmãs, e pelo atentado indireto de suicídio de Caroline Silque.

Esse último chocou a todos depositaram na conta do infeliz o suicídio da menina, mas quem se chocou mais ainda foi Damastor que não sabia que Caroline havia morrido.

— O que? Caroline! Caroline! Gritava em desespero, Dona Carla! Onde está Caroline?

A mulher se levantou e saiu chorando não agüentou ficar até o final, as lágrimas escorriam em seu rosto a morte da sua filha ainda estava morna e não conseguia segurar, se ao menos tocassem no assunto Carla de imediato derramava os prantos.

— Damastor, expressou juiz Alvarenga, Caroline se foi... Suicidou noite passada, aquilo cortou ainda mais o coração do rapaz, acredito que antes de saber ele guardava um pouquinho de esperança de um dia sair e poder revê-la, mas agora não viu motivos para prosseguir.

Felícia ainda o olhava e reparou a mudança de postura dele após saber do atentado, Felícia deixou uma gota de lagrima escorrer no canto do rosto, decerto apercebeu que Damastor já não mais a amava e a outra havia apreendido-lhe o coração.

Juiz Alvarenga continuou.

— Alguém aqui nesse tribunal tem algo a dizer em defesa desse homem?

Ninguém disse nada as únicas vozes que se ouviram foram — enforquem-no...

O juiz pediu que Paulo Cesar se aproximasse, e assim sucedeu.

— Doutor Paulo, você afirma em absoluta verdade, neste conselho juramentado que foi Damastor Fontes que o roubou sua residência.

— Sim vossa excelência! Afirmo com toda certeza, minha criada o reconheceu no exato momento quando ele estava prestes a fugir pela janela.

— Você acredita que sua criada seja de confiança?

— Claro senhor! Sempre confiei minha vida a eles e nunca me decepcionaram.

— Ela está aqui?

— Não senhor!

— Pois bem, pode se retirar.

O juiz solicitou a presença de Pacheco.

— Delegado Pacheco você insinuou que Damastor é culpado pela morte de dona Gioconda, você pode provar?

— Certamente excelência, veja bem, direcionou Pacheco ao publico. Estava eu investigando em plena delegacia quando solicitaram nosso trabalho em plena estação, no dirigimos de imediato para lá, quando chegamos avistamos Gioconda debruçada no chão, escorrendo sangue pela boca e nariz, o fato nos levou a crer que seria latrocínio, este homem gente, apontou para Damastor, este homem havia cometido tal delito, como sei, uma denuncia anônima nos deu características do homem que rondava o local na hora exata do delito e as características corresponde ao perfil de Damastor.

— Delegado Pacheco, você pode provar sem prova de dúvidas esse suposto sujeito viu Damastor ou apenas supôs que o seria?

— Não posso provar de forma consistente senhor, pois a testemunha não quis se revelar.

— Está bem, está liberado.

— Senhor Veríssimo aproxime-se... Você culpa esse homem pelo plano arquitetado de tramar contra a vida de Lisa Fontes?

— Sim, senhor! Não só ele mais também o doutor Afonso.

— Cadê o doutor Afonso? Perguntou o juiz.

As autoridades não sabiam, não estava presente, o juiz deu mandato para buscá-lo, mas este já havia dado no pé, Afonso desapareceu antes da panela esquentar, ninguém mais soube de sua pessoa.

— Vossa excelência ele não esta em sua residência.

— Está ai a prova vossa eminência de que ambos tramaram para a morte de Lisa.

Alvarenga apenas consentiu e permitiu que a testemunha de acusação se retirasse.

Agora peço a presença de Fernando Freitas, aquele era desconhecido para a maioria da população, mas não era para Felícia e Jorge Augusto.

— Miserável, disse felícia que até Damastor pode escutar e olhou para ela, viu nos olhos da moça a indignidade de quem ainda acusava-o, porém zelava por ele.

—Senhor Fernando Freitas você acusa esse homem de atentar contra a própria Irma Lena Fontes, por quê?

— Esse homem do qual o nome prefiro não dizer, é pior que um bicho, vendeu-me a vida das irmãs quando ainda eram jovens, passaram a ser minhas criadas e a trabalhar para mim, mas ele corrompeu nosso acordo, tentou roubá-las de qualquer jeito e na última vez até conseguiu, mas Lena acabou tropeçando e caindo numa ribanceira e morreu pela queda.

— Mentira seu infeliz, disse Felícia.

— Silencio! Exclamou Alvarenga.

— Você tem provas coerentes sobre essa acusação senhor Fernando?

— Claro vossa excelência, aqui está meu vigia ele não me deixa mentir, ele estava na noite em que tudo aconteceu.

— Qual é seu nome?

— Me chamo Tarcisio.

— Então Tarcisio, você aprova perante a lei que a testemunha Fernando Freitas disse somente a verdade e nada além da verdade?

— Sim excelência! Aprovo sem um pinga de dúvida.

— Pois bem, podem aguardar ali do lado, por fim peço a presença da ultima testemunha Coronel Sebastião.

Damastor se assustou de que o coronel me acusaria, pensou para si, Sebastião se aproximou olhou para ver se avistava a filha, mas esta já havia ido embora, sentou.

— Então coronel quais motivos levaram-te a crer que Damastor é culpado pelo suicídio de inexplicável de Caroline ocorrido noite perpassada no horário entre 11h30min a meia noite?

— Vossa eminência minha neta era uma menina serena e bonita, sua

jovialidade era esplêndida, sua vida tinha cor, tinha sonhos, sonhos que seriam concretizados se esse parlapatão não houvesse cruzado seu caminho, ele a ludibriou, seduziu uma menina na flor da idade com mentiras e mentiras, minha neta tinha o sonho do casamento próprio, iria me dar netos e agora não tenho nem uma lembrança do rostinho dela, porque não há vi, ela se trancou no quarto por dois dias e não saiu, não comeu e não bebeu depois se matou tudo por culpa desse cafajeste, ele é culpado por sua morte, esse infeliz...

— Acalme coronel!

— Ele! Apontava na tentativa de agarrá-lo, mas coronel foi retido.

— Damastor, você tem algo a dizer sobre a acusação do coronel Sebastião?

Damastor olhou triste e desolado, com nuances melancólico balançou a cabeça insinuando que não, apenas velou em silencio em memória de Caroline.

— Você se declara altamente o único culpado pela morte de Caroline?

O rapaz silenciou como o inverno silencia a primavera, sentiu o frio invadir a alma, não caiu de joelho pelo chão e chorou, chorou muito.

— Vou entender seu silencio como sim.

Enquanto isso Felícia se agonizava diante da platéia apesar de todo pudor ainda sonhava em vê-lo liberto, mas sua sentença parecia premeditada.

— Damastor! Você tem algo a dizer em sua defesa?

Negou balançando a cabeça novamente.

— Você se considera culpado de todas as acusações feitas aqui nesse

tribunal?

— Levante homem fale alguma coisa, gritou Felícia rumo a Damastor. Ele a olhou observou sua beleza, deixou uma lágrima escorrer e com os olhos já vermelhos, com o peso do fardo sobre as costas, sua coroa repleta de espinhos, sua cruz já estava selada, disse baixinho em resposta para Felícia.

— A gente poderia ser feliz, eu corrompi, eu fiz tudo errado, me perdoe, por favor, só isso que te peço.

A moça correu rumo ao estrado e segurou sua mão, as autoridades tentaram findá-la, no entanto o juiz autorizou, ela olhou nos olhos dele enxugou suas lágrimas com suas mãos e disse.

— Eu te perdoei, eu te perdôo, e sempre vou te perdoar. Ao dizer isso ela o beijou e logo em seguida foi retirada do palco.

— Encerremo-lo por enquanto, daqui a pouco daremos a decisão final, disse o juiz.

Pelo visto era o fim nada poderia salvá-lo de tal condenação, seu passado de amargura caiu sobre si como uma queda d'água bem gelada, todavia o perdão concebido por Felícia era tudo naquele momento, a multidão já não gritava mais para condená-lo, alguns ainda sim queriam seu pescoço, outros carregavam no peito a angustia que Damastor trouxe consigo e disseminou por onde passou.

As nuvens já encobriam o céu, parecia que a chuva cairia a qualquer momento, uma brisa suave e cruel, fria, amargamente fria sucumbia o local, o vento percorreu pelos cabelos de Damastor os jogando para detrás da orelha, tinha mudado muito, mas a vida de ninguém muda sem permanecer as cicatrizes das feridas anteriores.

O conselho reuniu-se novamente e depois de uma breve avaliação chegaram a um consenso.

— Silencio senhores, após uma breve análise dos fatos este conselho considera Damastor fontes... Momento apreensivo, todos ficaram de pé para saber o veredito final, uns já preparavam a corda para enforcá-lo, uns choraram, houve uma agitação total.

— Silencio senão adiarei novamente a sessão!

Todos calaram, ficaram inquietos e com olhares salientes para o réu, Damastor olhava para a força e olhava a multidão, se pudesse faria calar a voz do juiz, mas não pode e essa deu a sentença.

— Damastor é considerado culpado de todos os atos a ele destinados, porém como não há provas concretas sua sentença será prisão perpetua, o juiz bateu o martelo e, sessão encerrada!

Capítulo Final

Sobre vaías o conselho deixou a tribuna, Damastor foi levado pelas ruas arrastado até a delegacia, Felícia o seguiu por todo trajeto, enquanto pode ficar perto dele ficou doravante Damastor foi transferido para outra cela, em outra cadeia seu paradeiro é desconhecido, ninguém sabe onde fica e ninguém nunca mais obteve dele notícias.

Paulo Cesar e Jorge Augusto voltaram para Paris e lá permaneceram com o sonho de ainda sim, poderem subir ao altar juntos, Felícia não mais voltou para Paris, seguiu outros rumos e há quem diga que até hoje ainda procura por Damastor.

Dona Leonor por sua vez nunca pode visitar o túmulo de Lisa, mas sempre que pode manda flores para que Jorge Augusto em uma de suas viagens passe por ali perto e as deposite sobre seu sepulcro. Jorge Augusto ainda lamenta e apesar dos pesares sempre amou Lisa e jurou amá-la mesmo na eternidade.

Afonso até hoje está desaparecido houve relatos de suas passagens pela Bahia, mas ninguém sabe direito. Coronel Sebastião morou com dona Carla até o amofinar de sua misera vida, morreu cinco anos depois de velhice e foi enterrado sobre o túmulo de Caroline, já dona Carla nunca casou novamente leva a vida como pode sem reclamar e sem blasfemar, quando perguntam se ainda culpa Damastor pela morte de Caroline, ela responde.

— O único momento em que Caroline teve vida foi quando conheceu Damastor.

Lisa ainda adormece naquela cova encoberta de poeira e flores, mas de uma coisa que ninguém sabe e ainda gera dúvidas nas autoridades é, onde

foi sepultado o corpo de Lena? Esse nunca foi encontrado.

Mas o que mais intriga nessa história toda é que depois dos fatos decorridos aquela cidade medíocre do estado do Rio de Janeiro até os dias de hoje permanece sem prefeito — ninguém se candidatou ao cargo!

The End